

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e E. DE LIMA E SILVA

N.º 74 e 75

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1919

Anno VII

Numero duplo e aumentado de 8 paginas

## PART EDITORIAL

O setimo anno. Mais que simples esperanças.  
Menos que factos.

balanço dos trabalhos que «A Defeza Nacional» continuou a realizar no sexto anno da sua publicação é um bello documento de perseverança.

Não nos cabe esmiuçar os serviços que, nesse anno, a revista tenha conseguido prestar ao Exercito e ao Paiz; só elles podem justificar sua existencia e só por secundal-os desejamos e agradecemos o progressivo acolhimento que ella tem merecido.

Entrando no setimo anno dos seus empenhos pela consecução dos ideias que a definem, superam bastante ás alegrias do successo, as responsabilidades que nos traçamos ante o desejo de contribuir para a consolidação dos melhoramentos militares já conseguidos, como ante a maior complexidade dos novos tentamens necessarios ao seu aperfeiçoamento.

A mingua de fé e a inconstancia, de par com a grande variação de idéas e dos intuítos que as orientam, firam dos nossos progressos militares o caracter de firmeza que lhes é indispensavel.

Não nos bastam as leis boas, bem regulamentadas e, de inicio, soffrivelmente executadas, para que consideremos vencida mais uma etapa. Quantos tem sido os commettimentos que temos abandonado, para mais tarde admirar o seu alcance e lamentar as consequencias deste recuo? Quantas tem sido as reformas e as leis abandonadas ou revogadas exactamente quando deviam surgir os seus primeiros resultados?

A falta de programmas e de uma orientação uniforme a cujo influxo se tivesse habituado nosso espirito, penetrando nos nossos cos-

tumes e nas idéas que transmittimos, é a causa mater desse grande mal.

Si tivessemos um rumo bem determinado para marchar ao encontro de determinados objectivos, saberíamos todos, com pequenas variantes de processo, continuar a grande obra da nossa defesa.

Mas, são tantas e tão presumpçosas as opiniões, são tantos os planos e as idéas, que, ao defrontar o primeiro obstáculo, a marcha se interrompe e o desacordo na construção de pequena obra passageira, assume proporções espantosas e faz retroceder.

E' junto desse obstáculo que «A Defeza Nacional» deseja estar, como o melhor dos meios de comunicação, prestando a tempo as informações convenientes e transmittindo as opiniões esclarecidas dos chefes e camaradas que a honram com a sua collaboração. Assim ella evitara, muitas vezes, que se pense em recuar.

Foi essa a preocupação dominante nos seis annos de luta que passaram; será essa a modesta rota do novo anno que encetamos.

\* \* \*

A administração militar que foi substituída em 26 de Julho do anno corrente, abordou tres grandes problemas: o da transformação da Escola Militar, o da missão militar estrangeira e o dos quadros dos officiaes. Em todos elles o Exercito deu grandes passos, a defesa nacional teve novos horizontes.

A Escola Militar ainda incompleta nos seus effectivos, por difficuldades de uniforme, arrancou delirantes aplausos da multidão que contemplou o seu brilhante desfile no dia da nossa independencia; admirou a quantos examinaram a sua transformação, observando os seus labores quotidianos; deu ao Presidente da Republica impressão magnifica, quando foi do compromisso dos seus recrutas.

Estará resolvida a transformação da Escola Militar? Terão os seus progressos calado sufficientemente para que possamos esperar conti-

nuidade de acção? Terá o novo regulamento implantado o seu espirito através das lições e dos actos administrativos?

Não. Muito longe disso estamos. Os passos valiosos que deu a Escola Militar através da sua instrucção pratica foram impulsionados por influencias exteriores, de par com a vontade do seu magnifico corpo de instructores. Cesadas aquellas influencias, substituidos estes instructores a maior parte da obra ruirá pesadamente.

Por infelicidade nossa ha sempre circunstancias proprias á depreciação dos mais verdadeiros e legitimos esforços.

Em coincidencia com os novos moldes do ensino pratico na Escola Militar, tivemos a **matricula** sem exame vestibular e **com exames por decreto!** A falta do preparo fundamental indispensavel surgiu á evidencia nas primeiras provas do ensino theorico — tal como era de prever — e como a verdade não é lisongeira e convinha indicar outra origem, surgiu a descarada invencionice de que é o ensino pratico o que está prejudicando a cultura intellectual dos futuros officiaes!...

Nada mais necessario para evidenciar quanto é fragil o progresso conseguido na nossa Escola Militar. Dentro de seu proprio seio estão ainda fócos de resistencia.

Nada mais é necessario para adquirir a convicção de que precisamos não perdel-a de vista, cuidar não só das suas novas installações, gabinetes e laboratorios, mas ainda da sua intelligente direcção, traçando um rumo inflexivel e justo, capaz de aproveitar com vantagem o que se ha feito, ou, pelo menos, impedir que se retroceda nessa questão, sem duvida uma das mais importantes para o futuro do Exercito.

Seria simplesmente monstruoso que se desse um passo á retaguarda na preparação dos futuros officiaes, tanto em relação ao ensino theorico como em relação ao pratico.

Em relação ao ensino theorico faz-se mister apurar, cada vez mais, corajosamente, inflexivelmente, o preparo fundamental dos candidatos.

A orientação desse ensino melhora sensivelmente em muitas aulas e temos fundadas esperanças de que muito progredirá ainda, pois seria revoltante que os nossos camaradas professores se negassem a prestar auxilio a uma obra que tanto diz com o seu prestigio e á qual devem, sem duvida, respeito e gratidão.

Normalizada a vida escolar, o entusiasmo renascente entre os professores certamente se accentuará e, como consequencia, cada um se fará sentinella do ensino — despresando insi-

nuações e empenhos — usando alevantadamente das garantias excepcionaes de que gosa — para pugnar, com grande superioridade de vistos, pela selecção dos candidatos ao primeiro posto. E nada mais precisam os professores para merecer o reconhecimento do Exercito e prestar um grande serviço ao Paiz.

Mas, á administração da Guerra compete a vigilancia, o exame minucioso e constante do que se passa na Escola Militar, uma assistencia permanente a todos os seus passos e interesses, e a defesa do seu regulamento. Não é possivel continuar o antigo regimen em que a indifferença produzia as mais exquisitas exceções e a equidade, logo em seguida lembrada, tomava a si o valente encargo de tudo destruir. Não comprehendemos essa equidade que só serve para tudo assimilar ao erro. E' preciso corrigir, aperfeiçoar, ensinar pelos proprios actos de administração publica, uma conducta moral que fuja a processos de pouco escrupulo e sirva aos altos interesses do Brazil.

Esperamos que o Snr. Ministro da Guerra encare o problema da criação da nossa Escola Militar moderna com a energia e o carinho de que ainda muito necessita esse importante instituto do nosso ensino e com o seu prestigio impeça que as emendas orçamentarias transfigurem, anarchisem e destruam alguns fundamentos do regulamento que se está experimentando no referido instituto. E' preferivel que o executivo faça algumas concessões, que o senso da oportunidade venha a aconselhar, mas essas não devem impedir que de futuro se procure attingir a todas as exigencias no regulamento consignadas.

Estas precisam ser cumpridas de bôa fé examinando os seus objectivos; os seus resultados serão a critica e o conselho para as modificações.

\* \* \*

Está contratada a missão estrangeira para completar a nossa instrucção militar.

O seu chefe é uma grande promessa, taes as provas até agora provadas, tal o seu tacto e o interesse que tem revelado no estudo particularizado da nossa situação militar.

Como antigos partidarios desse processo imediato para a nossa preparação militar, esperamos delle bons resultados. E o esperemos porque a missão vae obrigar a trabalhar e a estudar. Dentro das proprias escolas, dos postos de coronel a 1º tenente, vamos ter officiaes tratando de aperfeiçoar seus conhecimentos militares, beber a experienca da ultima guerra, emfim, cuidar da sua profissão.

Quanto a detalhes doutrinarios em que se fun-

gura para a formação de um regimento, principalmente quando essa transformação pode ser regulamentada e temos tido regimentos que não montam nem possuem 120 homens? E' logico, é economico, é necessario.

Qual a vantagem da existencia de um regimento de artilharia com um grupo sem material, quando o mesmo regimento poderia viver com um grupo de effectivos e material completo com as instruções necessarias para se subdividir em horas e se transformar em regimento de dois grupos com a recepção do material?

O indispensavel é que cada unidade eduche os seus quadros e na parada que lhe é propria guarde o seu deposito e contribua para educação dos homens das localidades mais proximas que rapidamente podem correr aos quartéis.

Dahi a grande vantagem dos **nucleos de instruções** que tambem são optimas escolas de commando isolado.

Essas providencias administrativas podem aproveitar a influencia da missão, com grandes vantagens para a nossa defesa.

\*  
\* \*

E a lei dos quadros?

Foi ella um grande acerto e não lhe devemos dar as culpas de certas dificuldades transitorias ou da má fé com que seja cumprida, com que o foi mesmo desde o principio.

Si classificarmos no quadro supplementar um official sem commissão para classificar na tropa um que seja deputado ou que esteja em cargo legal, certamente não será porque a lei de quadros não preste.

A fixação dos postos para o exercicio de certas funções tem causado estranhos. Estavamos compenetrados de que só em casos especiaes e na tropa, as funções se ligavam aos postos. Com essa distribuição creou-se uma barreira aos *empenhos* e, até certo ponto, limitaram-se as funções exigíveis a certos officiaes, contribuindo para o melhor desenvolvimento da sua probidade.

Quanto á distribuição das funções pelas armas é conveniente reflectir que esse problema não se pode alhear do nosso plano de ensino. Si dentro em breve não teremos mais tenentes com o antigo curso das três armas nem mesmo de duas é logico que se deseje dar aos serviços o concurso dos conhecimentos especiaes de cada um e a cada um dar o treinamento adequado que os serviços proporcionam.

Mas o que é fundamental, é que o Exercito saiba quantos officiaes precisa em cada posto e arma, e para que fim os precisa.

Quem reflectiu sobre esse problema, com certeza verificou que elle não podia ser resolvido por outro modo.

A nossa pobresa em technicos de tal ou tal serviço tambem tem servido de base a accusações injustas. Nesse ponto a lei de quadros constituiu uma situação intermediaria. Já está previsto o processo para a formação dos nossos technicos; urge executal-o. Assim, dentro de dois annos terá passado, em grande parte, essa dificuldade e como a lei de quadros, nessa época, já terá prestado outros grandes serviços que não vem ao caso citar, teremos associado as idéas que presidiram á sua decretação, idéias naturalmente ligadas a um plano administrativo.

Quando o governo escudar-se na lei de quadros para distribuir exactamente os officiaes, sentirá o seu beneficio auxilio e logo, em seguida, verificará os seus resultados.

Da mesma maneira que o regulamento da Escola Militar, a lei de quadros o que precisa é ser cumprida com vontade e confiança. Assim talvez cheguemos a observar suas imperfeições reaes — que porventura existam e se terá prestado um grande serviço ao Exercito.

\*  
\* \*

A solução desses tres problemas já decretada e na pratica iniciada com alguma felicidade, precisa ser continuada na sua resolução pratica, atravez da meditação sobre todo o seu alcance, verificando que os elevados fins que collimam, sobejamente justificam a inflexibilidade necessaria para saltar as barreiras da rotina.

Pouco se ha feito e se fará levando á conta de bom senso, as resistencias passivas, os obices e as objecções que constituem a defesa dos que não podem ou não querem acompanhar o progresso.

E' por isso que certas verdades gastam annos de luta para serem experimentadas e ainda mais tempo para serem difundidas, produzindo todos os resultados consequentes.

Si fôr preciso uma opinião estrangeira taliemos facilmente, declarando que o regulamento da nossa Escola Militar, salvo pequenas falhas e incorreções, é bom e convém ser praticado; que precisamos material e effectivos para aplicar os ensinamentos da missão estrangeira, si é que já não vale a pena lembrar os nossos regulamentos, e que a lei de quadros deve ser cumprida — porque é lei — e porque produzirá uma ordem muito vantajosa na distribuição dos officiaes.

FIM

dem algumas diferenças do que temos feito e apresentado, não pensamos que se chegue á transformação por alguns esperada.

Lançados ao estudo melhoraremos a nossa capacidade de julgamento e o nosso espirito pratico. Tudo o que está feito terá a virtude extraordinaria de servir a uma comparação que doutra forma seria quasi impossivel e, certamente, contribuirá bastante para a **emancipação intellectual** de que somos comprovadamente capazes.

O tempo é factor indispensavel na resolução desse problema. Não podemos nem devemos nos impressionar com o facto dos nossos regulamentos não tratarem de mascaras, gazes asphyxiantes, artilharia pesada de longo alcance, carros de assalto e outros engenhos que sempre surgem nas guerras de longa duração em accordo com o aperfeiçoamento industrial.

Precisamos lél-os, relél-os e desconfiar um pouco das falhas que lhes apregoam, em geral, aquelles que pouco os conhecem, e que talvez estejam prelibando um nivelamento...

Vamos aprender a cumprir, fazer e vêr fazer muita cousa velha e reclamada que parecia luxo ou phantasia e, com isso, vamos lucrar bastante.

Todos sabemos porém, que isso não é sufficiente. Como um grande e indispensavel complemento a esse aperfeiçoamento dos officiaes e ao habito de trabalho productivo que, em parte, já existe, mas que vamos disseminar, impõe-se o conveniente apparelhamento das unidades da tropa de forma a evitar que os novos cursos praticos tomem fóros livrescos.

Precisamos nos aperfeiçoar na equitação, não porque ignorassemos essa necessidade mas, porque, ainda hontem, em 1904, a Escola Militar tinha **tres cavallos** e em 1918 não tinha o numero sufficiente para que cada alumno tivesse **uma aula semanal** de equitação.

E' logico que, si os corpos não tiverem cavallos, arreios e forragem — pouco poderemos transmittir dos conhecimentos adquiridos em equitação. Nem mesmo conserval-os poderemos.

Assim tambem quanto aos animaes de tracção e a todo o material de guerra.

Como poderia uma companhia nossa de metrabalhos exercitar o tiro indirecto si não tinha os appparelhos necessarios á sua efficaz applicação? Como, mesmo, poderíamos exigir uma boa instrucção de metralhadoras em companhias que tivessem apenas uma para amostra?

E' preciso que os coroneis que tirarem o curso de estado-maior ou de revisão, tenham o prazer de ver os seus regimentos e com elles realizar os trabalhos de que carecem para completar sua observação e o sentimento do que

nos impõem as nossas condições topographicas e geographicas. Como poderá um tenente coronel que comandou um grupo de artilharia sem canhões, applicar e diffundir seus novos conhecimentos voltando para esse grupo nas mesmas condições? Nem ao menos podemos julgar o que elle teria feito si tivesse material em outro tempo, mas... consignemos isso em nosso passivo!

Como poderíamos exigir que os nossos officiaes de engenharia fizessem mais do que têm feito si *até hoje* não houve um só batalhão que dispusesse de todo o material necessario para os serviços de pontes, sapa e communicações? Só com o giz ou com a pena.

#### Precisamos material.

Mas tambem **precisamos effectivos**. Para dar em reservistas o rendimento que temos dado, nosso exercito tornar-se-á insupportavelmente caro. O exercito-escola precisa ter quem aprenda, sem o que pouco valem os professores, principalmente quando estes tambem precisam dos alumnos para continuar aprendendo constantemente.

Sem homens e sem material não ha quem não revele *zelo, dedicação, competencia, capacidade de trabalho* e... até *bravura*.

Ao lado dos effectivos precisamos que o exercito seja organisado de facto. Isso de **unidades no papel** deve ficar para as reservas e mesmo essas precisam, de vez em quando, ensaiar e repassar sua instrucção, sua organisação.

O nosso pequeno exercito permanente não pôde ter unidades sem effectivo — o que vale dizer — unidades sem sargentos, sem cabos, sem reservistas, sem deposito — unidades a serem creadas atabalhoadamente no momento da mobilisacão.

Não é preciso ser soldado ou ter conhecimentos amplos de militância para saber o que significa — prestesa, rapidez — em uma mobilisacão, nem é preciso grande observação e pratica para avaliar o tempo que é indispensavel para a criação de uma unidade, mórmente onde as communicações são difficilis.

Si não fôr possivel, mesmo pela falta de material, organisar as unidades completas, organizemos uma cellula de cada uma.

Não é logico, por exemplo, que em vez de termos em determinado lugar um regimento de cavallaria apertado em um quartel insufficiente, sem o material necessario, reduzam-lo a um esquadrao bem organisado e accommodado e creemos com os tres esquadraões restantes um bom esquadrao de cada um dos regimentos, 4º, 7º e 16º?

Não é logico que um esquadrao de 120 homens, seleccionados, será uma base facil e se-

## Preludiando a victoria

Que maravilha nossa magna saphira trazendo lilaz e transparente de prata!

Belleza que me enlevou, arrancou para o incognoscivel; attrahida, o rosto erguido, não me fartava de contemplal-a.

Emfim... desci os olhos á terra.

Encontravamo-nos a passeio, na Avenida Beira-Mar, no centro do grande jardim fronteiro á rua Marquez de Abrantes.

Ao meu lado um canteiro de florinhos roxas harmonizava com o céo, e mais alto, alegre, um taboleiro de cannas florido de vermelho.

O gosto do jardim é americano, dominando as folhagens e as banquetas baihinhas, muito extensas, cobertas de relva fresca, destacada pela areia clara das largas estradas que as volteiam.

Cá e lá mysticos pinheiros do natal pareciam entoar a oração da tarde.

Um grupo de crianças gritava pelo *colyberger* «Gaúcho», e riam, saltavam em volta do chafariz. O cão ligeiro as perseguia, e estava já a apanhal-as, quando numa ancia, apoiando os braços ás bordas atiram-se dentro da bacia.

— Que a impressiona assim?

— O céo, não vê?

Deparava-se-me um par de amigos, estrangeiro um, o outro official do nosso exercito.

— Realmente, respondeu o estrangeiro, é uma tarde de encanto, o ar traz-nos uma impressão de gozo, de bem estar.

— Sorvendo esta paisagem repousei a alma, açoitada em maré de inferno.

— Não o de Dante?

— Peior, o brasileiro.

— Ri talvez, mas homem superior que é, propagandista do seu paiz, amante do seu idioma, comprehenderá que nos ultrajemos com o barbarisar do nosso.

Abrindo a bolsa, mostrei-lhes alguns annuncios em lingua estranha, entre outros papelitos esta copia: «*Saison 1919 Les plus exquises toilettes, des robes de jour etc. Chez Nascimento e ainda Premier étage en face Palais Monroe.*

— E' inqualificavel, eu estrangeiro dou-lhe toda a razão, mas não ficará ahi; em breve a avalanche americana no commercio, na laboura, na moda, pelos trapos, figurinos, cinemas, conjurando conspiração com incautas elegantes, e mais a sua

religião, ver-se-á intrometer então o anglicismo em profusão.

Estarrou-se o nosso olhar na ardósia immensa do Morro da Viuva, de corôa escalvada; a bêta de seus filões escuros accentuava o quadro dando-lhe um que grandioso e triste.

— Permitta atire a minha pedrinha no seu dourado e adorado Rio Grande do Sul, volveu o official; ouvi em Uruguayana muita mistura de palavras 'espanholas, e, observei, as Senhoritas o faziam por *chiquismo*. Raramente percebi, nas outras cidades vizinhas, taes vicios de linguagem.

— Não levo a mal recocheter a pedra, no Rio Grande, não admiraria houvesse muito enxerto, tal a colonisaçao allemã, italiana, russa, e accresce ser o estado limitrophe com o Uruguay e a Argentina. Não encontra affirmo-lhe, uma moça, em toda a terra dos pampas, que sem cahir no ridículo use de phrases e palavras francezas, ou qualquer outro barbarismo como fazem aqui.

Infelizmente raros, e quasi só os mestres, escapam á palmatoria, a qual eu propria dou as minhas mãos, aqui mesmo talvez empregue gallicismos pela influencia do *meio, dos collegios, dos jornaes, da traducção...*

Baloiçavam a ramagem as oitis em alas, de lado a lado na Avenida Beira-Mar, e por entre seus troncos aprumados e cintentos, via-se longe o mar, como acima de nós; e, mais longe ainda a limitar o horizonte, a praia da Saudade, rara furtiva luz a annunciar o crepusculo.

O cume do Corcovado seguido dos outros pincaros, desenhava a linha negra ao fundo, e fechadas em grande circulo, as copas das arvores que margeavam o jardim, pareciam tão altas como uma segunda cordilheira, encobrindo a propria serrania.

Fronteavamos uma capella, entramos.

Acompanhado de orgão entoavam um cantico religioso... em francez.

Silenciou a musica e uma voz de mulher disse uma oração, os devotos respondiam: *priez pour nous!*

Quizeramos soprar ao ouvido daquelles collegiaes: *grève! grève passiva!*

— Até aqui precisa haver propaganda patriotica? interrogou-nos o official com um meneio de cabeça.

— Essa casa muito bem faz ao Rio

de Janeiro, mas evidentemente ha desamor á nossa lingua.

A prece, os canticos deveram evolarse sempre no idioma natal, seriam tambem expressivos e bellos em latim, a lingua *mater*, universal, liturgica, celeste e sem patria, voz de Deus e da Egreja.

No adro conversavam duas raparigas, uma branca mocinha com ares de cidadina, a outra cabocla, vestia blusa azul, saia branca engommada, e mal assentava os pés comprimidos nas botinas apertadas.

Pareceu-nos uma roceira.

— *Vocemecê* entendeu a reza? perguntou a companheira.

— Sim, era a ladainha em francez.

— *Gente*, tanto *priá-perú* mas fui dizendo.

— Li no jornal «A Noite», disse-nos o official, a preciosa palavra de Sua Excia. o Nuncio Apostolico: «Si no Brasil os estrangeiros, não procurarem falar o idioma do paiz, com a grande immigração, dentro em pouco tempo estará desnaturado o idioma nacional.

O céo permanecia todo de lilaz banhado em prata, a bordarem-no agora tres arestas alvas, opacas, e proximo á montanha, uma pincelada de crystal roseovermelho.

Deslumbrada, sem consciencia da vida, abysmara-me na paisagem em prece, ou sonhando.

Quanta vez nos preme a alma de brasileiros, descobrindo admirados, emeritos patricios desconhecidos, olvidados, não ocupando logares proeminentes a que os seus sabios trabalhos profissionaes indicam, e premiados outros que sabem... bajular.

Mas... a Dama politica seductora e seduzida, de olhos macabros, suffoca o cerebro instilando paixões.

Ha, apezar disso, muita fundada esperança na nossa terra.

Assistimos ultimamente, no Instituto Historico Geographico, o discurso de posse do Dr. Jonathas Serrano.

O Instituto Historico parecia-nos realmente um cenaculo, vencia o esforço, a capacidade, o labor de cada dia, modesto, continuo, entre livros e discípulos.

Apontavamos com o dedo, ali, os outros benemeritos da Patria.

Os membros do Instituto e nós ouvintes, seguimos o orador attentos na beleza da oração, obra prima literaria e de

verdade patria. Termina dizendo: «E já se me affigura contemplar, numa effusão de amor antevidente, o Brasil do futuro, na grande luz dos seculos porvindouros, sob a regencia suprema do Divino Maestro, a realizar a estupenda symphonia do trabalho, harmonizando o resfolego das locomotivas ao ruido espumante das cachoeiras geratrices de energia, o bater de helice das grandes passarolas ao borborinho confuso da colmeia humana, um Brasil sereno pela consciencia da propria força, saneado e fecundo, emprehendededor e optimista, perseverante e feliz».

Passou-nos então pela mente outra visão, vós homens de bem, de honra deste paiz, os professores, os pegureiros da nosa fé, os que o defendem na imprensa, os officiaes do nosso Exercito, os operarios, o brilhante grupo da «A Defesa Nacional», vós mães e moças brasileiras que conservaes a familia, as tradições, vós pobres é aquelles que são miseraveis e sabem soffrer.

Que soberbo, magnifico, extase patriotico foi o nosso!

A Patria sois vós, as suas cellulas vivas, a sua alma.

Animae-vos e vivei sempre assim.

O mal desapparece, os que o cultuam e praticam não são contados na vida das nações, que só perduram porque ha bons.

— «No emtanto engordam... á nossa custa», resmungou o official.

Um botão electrico illuminou a praia, roubou á natureza o encanto, afugentou a visão.

O céo não mais era o mesmo, só duas estrellas testemunhas mudas, aguardavam o luar.

Venceu o meu torpor uma bicycletta, montada por um rapazito, que vertiginosa carreira disputava com o cão, e o bando de crianças bradando os seguia: «Gaúcho, ga-ú-cho.»

Maria Luiza Monteiro Dantas.

## Campos de manobras

Em todos os tempos a disciplina da tropa foi um factor preponderante de victoria, e mais de uma vez esta quasi se nos escapou, acarretando-nos grandes sacrificios, pesado imposto de sangue que se puderá ter poupadão.

Hoje, em face dos novos engenhos de

Hoje em dia, os nossos engenhos de guerra, da acção mortifera de que são capazes, e dos aperfeiçoamentos introduzidos no armamento que lhe aumentaram a eficacia, em *emprêgo judicioso*, de forma que causou a não poucos grande surpresa, aquele factor moral impõe-se mais á nossa consideração, aconselhando-nos a conservá-lo com o maximo interesse. Não me são preocupações as transgressões disciplinares capituladas no titulo 4.º cap. 9.º de nosso regulamento (R. I. S. G.), admiravelmente organizado.

Trouxe-nos elle um grande desafôgo, estabelecendo a capacidade moral como condição indispensavel para a permanencia nas fileiras; e se não comprehenderia que continuasse o exercito com o que até então tinhamos, quando se vae pedir ao sorteio a solução do problema do recrutamento dos homens a incorporar cada anno.

Mas, mesmo no dominio do antigo regulamento disciplinar, as faltas ás quaes se applicava, se de alguma forma eram nocivas ao renome da corporação, nunca resvalavam as suas consequencias sobre a segurança do paiz, pondo-a em cheque, se não quando tambem nellas cooperadores os chefes; embora encontrando justificativa na educação militar que lhes tinha sido possivel adquirir, na presumpção de bem conhecerem as virtudes e defeitos de nosso exercito, convindo aproveitar aquellas antes que estes se manifestassem, e no desejo de pôr em destaque características preciosas de nosso soldado — o seu valor pessoal e a sua incomparavel resignação.

A não ser em casos raros que a nossa historia militar regista, irradiando hymnos de victoria alcançados pelo efeito dos fogos, como o de 24 de Maio de 1866, do qual surgem aureolados os nomes de Mallet e de seus bravos commandados do 1.º Regimento de Artilheria, foi sempre em corpo a corpo, na luta á arma branca, no emprêgo da baioneta, que buscámos trofeus em campos de batalha.

Raro era ouvir dos veteranos de então os vocabulos combater ou batalhar; tinham em geral *brigado* tantas e tantas horas conforme o feito que descreviam.

Não são para despresar os ensinamentos colhidos nos tristes dias de guerra, e muitas vezes aproveitados em seu decorrer, como se observou na que ha ainda bem pouco abalava o mundo civilisado.

Assim, terminada a que tantas vidas nos custou, em 5 longos annos de luta,

principalmente pela nossa falta de preparação, foi assumpto de preocupação o ensino, a prática do tiro em nosso exercito. Não era possivel fazel-o nos corpos; não o permittia o receio de orçamentos elevados nas pastas militares; faltava igualmente pessoal a elle afeito que podesse diffundil-o. Crearam-se então escolas de tiro, escolas praticas, a que ligaram seus nomes immorredoiros, Tiburcio, Senna Madureira, Felintho de Araujo, Graça Junior, José Maria, Araujo Correia, Borges Fortes, Pedro Ivo, Lauriano do Nascimento e muitos outros, cuja citação alongaria em demasia estas despretenciosas considerações.

Fecharam-se mais tarde aquellas escolas, extinguiram-se por parecerem desnecessarias: os corpos andavam espalhados pelo Brazil inteiro, sem cohesão alguma entre elles, sem material; diga-se a verdade — exclusivamente entregues a guardas mais ou menos inuteis, se não prejudiciaes.

Tal a situação em que fomos surpreendidos, (ainda uma vez!) ao estalar a revolução de 93, e ao marcharmos para o sertão bahiano contra sertanejos em revolta.

Que se poderia fazer quando em nossas fileiras não havia quem soubesse empregar o fusil que lhes fôra entregue?

O que se fez, o erro tantas vezes repetido, e o que é mais grave, com flagrante violação da disciplina: gastar munição inutilmente, procurando sem perda de tempo o corpo a corpo, o *entrevero*, a carga á baioneta, em que o nosso soldado é magistral pela sua bravura innata.

E assim, a 28 de Junho de 1898, Tompson Flores, o disciplinador por excellencia até então, abandona pela madrugada seu bivaque e conduz a brigada de seu commando a sacrificio inutil, dando sua propria vida em holocausto aos erros acumulados em tantos annos, cujos responsaveis não se pode bem precisar. O mesmo havia feito Moreira Cesar pouco tempo antes.

Já não era para desprezar-se o numero de chefes caídos naquella luta ingloria, em que a propria natureza parecia associar-se ao fanatico, de mãos dadas aos contumazes nos crimes, que ali iam buscar seguro refúgio á perseguição da policia que lhes seguia o encalço: o rio que nos mitigava a sede desapparecera, para só deixar vestigios nos poços ca-

vados em seu leito pelo previdente jagunço.

São de uma das magistraes conferências do General Gamelin, pronunciadas no Club Militar os seguintes assertos: «C'est le «Feu» qui «brise la volonté de l'assaillant»; pour l'assaillant, c'est le «feu» qui prépare sa volonté et en assure la réalisation» en brisant ou, plus communément, en neutralisant la volonté du défenseur: c'est le feu ennemi qui m'empêche d'avancer; pour avancer, faire taire le feu ennemi».

O bravo soldado, o chefe querido que foi Arthur Oscar assistia com pesar em Canudos os erros que se praticavam diariamente, formando-se em seu espírito atilado a convicção que aquela luta ingloria o que mais exigia era tempo para ser levada a bom termo.

Mas, vinha de cima a ordem para acabar aquillo, e assim, dispondo as suas forças em uma forte vanguarda, repartindo-as judiciosamente de modo que bem explorasse os resultados por ella adquiridos, e combinando a marcha de aproximação de infantaria com o fogo d'artilharia, poude finalmente esta executar-se algum tempo, a 18 de Julho, sem que se fizesse sentir a supremacia do fogo inimigo. Quando, porém, os acidentes do terreno já escasseando, apresenta-se a planicie, nossa infantaria sob a acção do tiro certeiro do inimigo, que entrincheirado aguardou o momento de delle tirar todas as vantagens, executado por atiradores de elite, sem receio que lhes faltasse munição, respondeu com desordenada carga, na ancia do corpo a corpo, da luta á baioneta, confundindo-se vanguarda e reforços, cada qual mais interessado em não deixar escapar o quinhão de gloria que lhe devêra tocar.

E naquelle despenhar de forças, que outro intuito não tinha senão o reduzir a distância que as separava do inimigo que se não via, porque bem entrincheirado, extinguia-se a acção de quem havia previsto economisal-as, e aumentava-se de mais um os exemplos em que uma manobra bem concebida falha por mal executada.

Era mais uma prova do que vale um abrigo bem organizado e ocupado por homens dispostos a defendel-o sem desfalecimentos, despreocupados de que lhes possa faltar munição, e, principalmente,

sabendo aproveitar os aperfeiçoamentos introduzidos no fuzil moderno.

Ao esforço paciente de Dantas Barreto e de Tupy Caldas deve-se o restabelecimento da ordem em nossas fileiras, em noites sucessivas de afanoso trabalho. E só então se comprehendeu qual o processo de combate que convinha ao caso que se nos apresentava.

\* \* \*

E' cousa vulgar, porque muito repetida, que só se faz bem na guerra o que se tem muito praticado na paz; e dahi a indisciplina da falta de cumprimento de ordens emanadas dos chefes, quando baseadas em qualidades que o instrumento que emprega devêra ter, mas não as possue de facto.

Passada a crise tudo se esquece, afinal fez-se o que era possível, e quem assim procede está virtualmente absolvido de faltas que tenha commettido. E volta-se á despreocupação de sempre!

Vimos assim um chefe subordinado ás contingencias da occasião. Deram-lhe uma tropa que elle não conhecia; que nunca fizera um exercicio em que podesse ter uma ideia do auxilio reciproco que as diversas armas se prestam; que não lhe permittia em absoluto economisar forças; que não sabia atirar.

Viviam essas tropas em suas guarnições, esparsas, fazendo exercícios que lhes eram permittidos com os recursos de que dispunham, algumas vezes verdadeiras phantasias em que se desperdiçava muito cartucho de festim; verdadeira pyrotechnia para fazer effeito a observadores inexpertos; dando ao soldado a falsa noção de que basta atirar para a frente, para onde lhe indicam estar o inimigo, d'onde lhe parece virem as balas que pôem os seus camaradas fóra de combate.

Não fantasio — muitas vezes tive oportunidade de ver assim gastar-se munição inutilmente, e ao perguntar ao soldado, qual o teu alvo? que pretendes atirando assim? para onde apontas enfim? entristecia-me a resposta colhida. Para lá! respondia, apontando-me com o dedo a direcção onde supunha estar o inimigo, e nada mais!

A absolvidos quantos concorrem para tal estado, que não é facil de qualificar, só restam os chefes a condemnar; mas para isso o que se desenvolve é campanha

de difamação, de depressão, de aniquilamento completo, á surdina, sem sinceridade, porque os criticos são muitas vezes também, se não os unicos, culpados.

Muitos são os exemplos a citar; limito-me a um, o mais antigo que conheço, ao do nosso General da campanha de 1827, o bravo Marquez de Barbacena.

Bem triste a opinião formada em nosso paiz sobre o grande brasileiro, até que seu historiador, Antonio Augusto de Aguiar, compulsando documentos, esquadriñando o campo de batalha, a de 20 de Fevereiro d'aquelle anno, avaliando os elementos de ação, faz um appello á Historia, em palavras candentes de entusiasmo, em que se vê que é o sangue de latino em revolta que lhe faz dizer:

«A Historia não é, como a politica, uma cortezã, que applaude os felizes e ebria de gozos adormece nas delícias, ou abandona os mal aventurados. Sacerdotisa da verdade, reinvidica todos os direitos conculcados; pode evocar das sombras do esquecimento o benemerito, injusta e caluniosamente condemnado; repor a coroa na fronte dos heroes».

Que se não possa dizer, que se não possa mais repetir palavras ainda do mesmo historiador: «Ao general não faltou nem o pensamento, que guia os combates e os dirige, nem a energia, que despedeça os estorvos e vence os perigos.

«Faltou-lhe, porém, aquillo que o governo imbecilmente não soube preparar — tropas, armas e munições».

Depois do Marquez de Barbacena vem a proposito o nome do maior general americano — o do nosso immortal Caxias.

Quando o velho soldado, depois de Lomas Valentinas, e de vencido e aniquilado o inimigo, viu-se coagido pela doença a regressar ao Brasil, «a grita dos partidos levantou-se fremente, deliriosa, feroz contra o general, que *havia desertado*»...

Não é com serenidade que se proclama, como li no n.º 1 da Revista d'Artilharia, pagina 4, que a *crise em nosso exercito está no commando*.

Muito se tem feito, muitos se não têm accommodado ao «papel do *dolce far niente*, de pensionistas do orçamento, fingindo de soldados».

A crise é ainda nacional, e para honra do Exercito é onde ella se apresenta mais atenuada.

Não se condemne pois sem mais detido

exame os que são chefes, os que têm parcelas de commando; não se lhes tire o resto d'alentro que ainda têm de incessante lutar com difficolidades de toda ordem, em busca de um ideal; não desanimem os que se propoem a chefes, sabendo que os não poupará a mesma crítica.

Cumpre o Snr. Ministro da Guerra promessa feita algures, dando-nos Campos de Manobras, «não de alguns hectares», mas de milheiros d'elles».

Cumpre a sua promessa e poderá ficar certo que esses campos serão aproveitados para nelles praticarmos com o material que também se nos dará — canhões, fusis, metralhadoras, etc.

Um amigo, um dedicado a essa benemérita revista «A Defesa Nacional» pediu-me um artigo de colaboração.

Gosto muito mais de ler o que escrevem os moços; ainda me sobra entusiasmo para applaudil-os, embora fantassem muitas vezes, cançados já de não attingirem o ideal que sonharam. Vejo afinal a Nação inteira empenhar-se em sua defesa; já me não intimida o epiteto de militarista tantas vezes ouvido: era o meu.

Servem apenas essas linhas para provar aos moços que os acompanho na meritória luta em que se empenharam, com todo o meu aplauso.

General L. Barbedo.

## A viação estratégica para o sul do Brasil

Transcripto da «Gazeta da Bolsa» Rio, n.º de 18. 8. 19

Ao nosso espirito sempre profundamente inspirado por sentimentos pacifistas repugnam as idéas quaequer envolvendo previsões de aspecto guerreiro; e não raros são, entre nós, os homens de valia que, em matéria de vias de comunicação e outras medidas interessando as zonas fronteiriças, evitam systematicamente consorcial-as a objectivos de natureza estratégica.

De facto, ao primeiro espreiar de vista, dirímidas as contendidas territoriais que erguiam uma tormentosa barreira de interesses imediatos entre o Brasil e as repúblicas vizinhas, principalmente em relação á Confederação Argentina, parecerá que não subsistem os ingentes perigos que a todo instante poderiam accender o facho de uma deplorável conflagração nesta parte do continente americano.

Será, porém, irrecusavelmente logica uma semelhante persuasão.

Não daria ella ensanchas, pela attitude de pleno desavisoamento e de morna desinquietude, de que seria agente, a uma situação analoga á daquelle despreocupado pacifismo, de que nos fala Lebon, e que levou Carthago, um dia, a despir-se da sua opulencia robusta e da sua

força confiante, para se render, de mãos atadas, ao imperialismo absorvente e demolidor de Roma?

Eis o que nos cumpre examinar.

Certo, são multiplas e complexas as causas que determinam os pruridos belligeros entre os povos.

Nem elles expluem, assim ex-abrupto, sob a actuação dos primeiros entrechoques de interesses que se repulsam.

Geram-se lentamente, crescem mangosas e astutas, ao calor dos annos que transcorrem e das ambições que tumultuam. Hibernam, por vezes, como os vetustos saurios prehistoricos. Mas, de subito, repruem violentas e ameaçadoras. Cevam-se nas circumstâncias que se ensamblam e se entretecem, ao sabor dos imprevidos e das aléas.

A evolução natural origina necessidades novas, faz despertar desejos novos, impõe orbitas e correntes novas. A decantada civilisação ostenta caprichos exdruxulos e funda mesmo espíritos escaldados e fibras desenvoltas, para os quaes a dilatação das lindes que os constringem e os apertam, como numa dolorosa prenda de ferro, passa a constituir o ideal supremo, o escopo maravilhoso e bello, incentivo de heróes e de cavalleiros medievos.

O commercio e a industria indumentam-se de expandimentos progressivos, avoluma-se dia por dia a massa dos negócios, intensifica-se gradualmente a força viva das injunções egoísticas do mercantilismo; e no turbilhão dos objectivos economicos que animam a mentalidade progressista esvaem-se, com pouco, os commedimentos e as cautelas peculiares aos estados normatisticos da operosidade embryonaria, nascem anseios incontidos de aqüabarcamento de mercados, fomentam-se gerizas das mais variegadas espécies, tecem-se endrominas do mais alto poder erosionante, e o pensamento se dirige para resplandescentes mundos de utopias e dominações.

Caminha-se, então, a largos passos, para a grandeza económica apoiada na força e na conquista violenta.

E' a revelação do homem quando se guinda ás exponencias do fastigio e da fortuna, mergulhando no delírio e na insensatez.

Poderão os argentinos, colligados a outros elementos que porventura arrastem, palmilhar, um dia, essa vereda escabrosa por onde procurarão ferir a soberania nacional do Brasil, premidos pela expansão vertiginosa do seu activismo económico?

Affirmal-o, talvez, seria ainda uma longinqua hypothese.

Negal-o, em todo caso, constituiria uma grave proposição, de possíveis consequencias fúnebres para o futuro...

Desde que uma nação desenvolve o seu espírito militar e tem entre as suas necessidades primeiras o que se chama «defesa nacional», claro que não deverá descurar um dos principaes instrumentos peculiares a semelhante defesa que são exactamente as vias de rapido transporte, em rumo das fronteiras, destinadas durante a paz a vehicular as correntes económicas, impulsionando o commercio, a agricultura e as industrias, e na iminencia de lutas a permitir a prompta e efficiente mobilisacão das tropas, alimentando com exito o seu indispensavel aprovisionamento.

Quando se fala com insistencia na questão palpitante da defesa nacional, não se pôde suppôr que o triumpho dos ideias platonicas conduza tão longe o espirito dos que a propagam, a ponto de parecer que a defesa estará plenamente assegurada desde que se mantenha um exercito bem instruido e uma armada bem apparelhada, que se faça de cada homem valido uma unidade guerreira consciente e viril, e finalmente que se consolide o caracter e que se robusteçam as virtudes cívicas mediante coordenada guerra ao analphabetismo e ao vicio.

Em quanto, porém, não fôrem levados em conta os meios efficazes requeridos para a cobertura das zonas de primeiro contacto com os confrontantes adversos, a defesa nacional resultará completamente illusoria, e os perigos dos attritos sanguinarios subsistirão em toda a sua crescente eventualidade.

Pondo-se de parte a faixa limitada com a Argentina pelo rio Uruguay, constata-se que a orla fronteira com o Paraguai, desde algumas milhas a juzante da catarata das Sete Quedas, está sendo completamente povoada com elementos paraguayos e argentinos.

Desde a foz do Iguassú até o ultimo posto da parte navegavel do rio Paraná, pullulam os estabelecimentos madeireiros e hervateiros fundados e explorados por firmas estrangeiras.

Nas mãos de Nuñes e Giboja, Domingos Barthe e outros poderosos argentarios de Buenos Aires, se enquadra a posse e domínio de perto de 400.000 hectares de terras avançando a uma centena de kilometros para o interior do Estado do Paraná.

E (mirabile dictu) uma farta gleba do territorio nacional contigua ao grandioso salto de S. Maria, junto á foz do Iguassú, constitue objecto de um titulo de propriedade cedido por agentes da União a um cidadão porteño!

Até a algumas centenas de kilometros aquem das linhas divisorias representadas pelos rios S. Antonio e Piquiry, no antigo territorio das Missões, a exploração das ferteis zonas hervateiras é directamente feita por agentes dos missioneiros argentinos, para os quaes tem sido tão latamente prodiga a proverbial benevolencia de certos orgãos das administrações estaduaes limitrophes.

Ora, enquanto uma tão perigosa infiltração de interesses economicos e de correntes étnicas se verifica na ampla região afferente das nossas divisas na bacia do Alto Paraná, e do Alto Uruguay, as vias de communicação que a elles dão acesso permanecem, em geral, sob o mais rudimentar aspecto, absolutamente impropios para permitir um progresso realmente nacional, naquella região, e ainda mais para prover, ahí, a qualquer medida de carácter defensivo da nossa integridade, porventura ameaçada no suceder dos annos.

Releva observar que a rede ferro-viaria da Argentina já vai, desde muito, até Posadas, donde mais facil o transporte fluvial, que já em regular escala se opera para o alto Paraná.

Em transe de execucao se acham linhas ferreas que em pouco tempo comunicarão Buenos Aires, em algumas horas, com a fronteira da província das Missões, até o povoado brasileiro do Barracão ou Dyonisio Cerqueira.

Isso sem dispendermos explicações em torno das vias de comunicação que permitem o ra-

rido acesso de tropas argentinas para uma extensa secção da fronteira com o Rio Grande do Sul, desde a foz do Quarahym até a do Coquauan.

Do nosso lado, também sem se ter em vista a rede ferro-viária do Rio Grande do Sul, o contacto terrestre dos Estados do norte daquelle, com os sertões tão indubitablemente sujeitos a um mais previdente sistema de artérias protectoras se realiza apenas, por intermédio de três instrumentos de transporte, a saber:

1º — *E. F. S. Paulo-Rio Grande.* — Concretisa, sem dúvida, uma salutar manifestação prática do velho ideal que animava o Império no que concerne a uma prompta ligação terrestre do Rio de Janeiro com os nossos confins meridionais.

Mas a eloquente lição dos factos nitidiza, com força, o grão de deficiência que infelizmente assoberba essa longa via de transporte, destinada a servir de eixo geral de comunicação com o Rio Grande do Sul, affligida por um conjunto de precárias condições técnicas, que lhe adstringem a capacidade de tráfego a limites inconcebíveis com exigências de determinado vulto.

Si sob o prisma meramente económico lhe são escassos os requisitos adequados a um tráfego normal, que dizer, na vigência de fortes imposições ditadas por circunstâncias fortuitas e magnas onde entrassem a actuar medidas de carácter militar?...

2º — *Estrada de leito natural entre P. União e Barracão.* — Esta via de transporte é constituída pela estrada de rodagem, em leito natural, que vai de União da Victoria a Palmas, com 148 km.; de Palmas a Clevelandia, com 42 quilómetros e do caminho de cargueiros que numa extensão de muitas dezenas de quilómetros de Clevelandia se dirige a Dyonisio Cerqueira ou Barracão.

Dizer o que é essa via de transporte, no ponto de vista commercial ou industrial, não encerra difícil tarefa, pois mui suggestivos se alciam os symptomas que a revelam deplorável apparelho, quasi que eternamente ruinoso, onde a circulação de veículos resulta penosa e esguia, ou de todo nulla, impotente para sustentar o dynamismo de correntes económicas, embora de mediocre estatura, e, por conseguinte, de valla totalmente inexistente quando transformada em órgão de mobilização.

3º — *Estrada de leito natural entre Ponta Grossa ou Fernandes Pinheiro e a foz do Iguassú, passando por Guarapuava.* — Estendendo-se por mais de 80 leguas através de campos e de serranias asperas, só com exagerado esforço se poderia considerar como estradamediocremente carroçável o enorme estirão sertanejo que medeia entre a orla campestre, na bacia do rio Jordão, e a antiga colónia militar que, no ponto do rio Paraná onde convergem as linhas divisorias do Brasil, Argentina e Paraguai, symbolisava, aliás, muito modestamente, no crepúsculo do Império, a soberania nacional...

Mesmo que se alcandorasse á categoria de estrada de rodagem toda a via de que se trata, entre Guarapuava e a foz do Iguassú, o seu papel, ainda assim, restaria sobremodo insignificante, sob qualquer ponto de vista por que fosse encarada, dado o seu immenso desenvolvimento

e a sua indeclinável inaptidão para um tráfego de grande massa e de indispensável rapidez...

Assim, perfunctoriamente postos em debate os únicos recursos de que dispomos para um acesso a grande parte das regiões fronteiriças mais importantes do paiz, resulta a clara e decisiva desapparelhagem efficiente que as caracteriza...

Dessa maneira, sobreleva-se a evidencia da necessidade peculiar ao breve surto de acertos adequados a imprimir á viação estratégica e económica para o sul do paiz um elástero que mais visceralmente se articule e se homogenifique com os problemas que ora nos preocupam.

Certo, mediante um opportuno abandono de condenáveis estados contemplativos, do qual resulte o immediato expandimento do sistema ferro-viário que serve ás regiões sobre as quais incidem as ameaças de borrascas futuras e onde o espírito nacionalista deve ser latamente influxionado, aos clarões de um progresso mental, social e político alimentado por vasos sadios e robustos.

Temos a enfrentar duas ordens diferentes de invasões na cinta marginal das fronteiras sulinas. Uma, felizmente, ainda problemática, vivendo por enquanto nos dominios nebulosos das conjecturas, mas sem embargo revestindo a silhueta vaga dos phenomenos possíveis e realisaveis: a invasão de tropas armadas.

Outra em franco período de execução real, adensando-se em crescente congestionamento de gentes e de interesses: — é a invasão dos mercadores e industriaes, com as suas levas irriquetas de peões e capatazes, num afan doido de devastar florestas e de intentar chatinagens de mil fórmas.

No Rio Grande do Sul ainda se nota uma certa mistura étnica normal e as duas linhas de tendências divergentes se penetram e se confundem uma na outra, golpeando o vivo quaequei vislumbres de spontânea preponderância.

Mas no Paraná e Santa Catharina, o isolamento da zona fronteiriça de escassa sinão nulla população indígena, favorece o predominio das correntes advenas que para aí affluem, mantendo como que absoluto e exclusivo contacto com os lugares de origem.

Dir-se-ia, por conseguinte, inscrever-se aí o ponto mais eminentemente débil da área influenciada pelo sistema de incursões já mais ou menos esboçado.

Vejamos, pois, de que maneira ficariam exuberantemente providas as exigências em apreço...

Pondo, simplesmente, em termos de execução, traçados que se concretisam em concessões já outorgadas, ou em contratos já subscritos, ou em trechos de linhas já iniciados, ou ainda em projectos já elaborados.

Taes são elles:

1º — *Uma nova grande arteria de comunicação longitudinal, de affluxo directo para o Rio Grande do Sul, intermedia entre a E. F. S. Paulo-Rio Grande e a costa marítima, em condições de servir ás regiões transserranas, impossibilitadas de evoluir por falta de meios de transporte.* De singular alcance económico, esta linha, como factor estratégico, proveria ás deficiências que afectam a S. Paulo-Rio Grande.

2º — *Uma nova linha transversal, partindo da costa, em frente a Florianópolis e desenvolvendo-se pelo valle do rio Uruguay até a foz do*

Pepiry-Guassú (fronteira argentina) e prolongando-se até a foz do Ijuhy, passando pela Colonia Militar do Alto Uruguay.

3º — O prolongamento da linha de S. Francisco, entre o Porto da União da Victoria e a foz do Iguassú (fronteiras argentina e paraguaya), com uma derivação pelos valles dos rios S. Antonio e Pepiry-Guassú, até á foz deste no Uruguay (fronteira argentina) e outra pela costa do rio Paraná até as Sete Quedas (fronteira paraguaya).

4º — O prolongamento da E. F. Sorocabana que partindo da estação de Curinhos (S. Paulo) e cortando em diagonal os valles dos rios Paranapanema, Tibagy, Irahy e Piquiry vá ter em Sete Quedas.

O conjunto desta importantíssima rede não implicaria desenvolvimento superior a cerca de 4.000 kilómetros, que ao custo medio kilométrico de 80 contos não exigiriam quantia superior a 320 mil contos.

Fixada uma media, anual, para a construção, correspondente a 500 kilómetros, vê-se que, só ao cabo de 8 annos, qualquer que fosse o regimen de pagamento adoptado, poderia parecer oneroso o dispêndio a realizar.

Tal apparencia, porém, resultará plenamente illusoria quando se compulsem os benefícios oriundos das zonas por onde se distenderá a nova trama ferro-viaria, zonas essas fatalmente inclinadas a um progresso fecundo e ineluctável, fruto das inestimáveis características climáticas que as assinalam e das riquezas admiráveis que se esparlezam nos seus innumeros valles.

Mas, o mais imponente effeito provocado por um tal dispêndio será, indubitavelmente, o que se corporifica no afastamento profícuo dos perigos que da perpetuidade do actual estado de coisas, adivriam para a nossa existencia como unidade económica, social e política...

Por outro lado, as fronteiras longinhas, em grandes tratos segregados da comunhão patrícia, entregues ao deus dará da providencia divina e, peior do que isso, ao livre curso das linguas estranhas, de costumes estranhos, de tendencias estranhas; e por outro, os sertões que se entremeiam separando-as da faixa mais oriental e mais povoada, sertões onde a ignorância impera e impulsiona o crime, graças á carencia de escolas, á falta de estradas e á inconsciente accão da politicalha coronelicia, tudo isso encerra uma legião fatídica de males que só a boa ferro-via possue o magico poder de bloquear e reduzir.

Quando, pois, propugnamos o breve distendimento dessas estradas que cognominamos estratégicas não se fique a suppor que, imbuidos de ardores sanguinários e de odios contra os nossos confrontantes, queremos revelar, em altíssimo expoente, um torpe ideal de guerra.

O que aspiramos, de facto, é que as negras possibilidades de conflitos sejam suficientemente combatidas e relegadas para épocas cada vez mais remotas, mediante uma sã política ferroviária que contribua para um previdente esvaecimento de certos germens perigosos que se vão pouco a pouco agglomerando, nas regiões fronteiriças, sem suscitar preocupações á cabeça dos nossos estadistas.

J. Neppe da Silva

(Ex-Secretario de Obras Publicas e Colonização do Paraná).

## O Problema dos Sargentos

«Os auxiliares do capitão na instrução disciplina e administração da companhia, bateria ou esquadrão, não fugiram nem poderiam fugir aos progressos da tropa, onde representam factor de tanta relevância mas, é certo, que o seu recrutamento e o aperfeiçoamento gradativo a que foram conduzidos, ainda não satisfazem completamente.

O preparo desses auxiliares precisa ser realizado sem desprezar certas virtudes experimentadas no passado e que entendiam principalmente com os moldes disciplinares em que se talhava o nosso feitio militar. Os antigos veteranos da caserna, os sargentos de hontem, tinham qualidades valiosas que devem ser cultivadas através da evolução dos processos disciplinares e administrativos e da apuração de conhecimentos que a tecnia moderna exige.

O ensino especial necessário á transformação dos sargentos antigos e principalmente dos promovidos em massa quando foi da reorganização Marechal Hermes, a situação hesitante e difícil desses sargentos ante as modificações da instrução e do recrutamento, principalmente nos corpos que soffrem a penuria de officiaes, a radical transformação dos subalternos — hoje os educadores directos dos recrutas — deslocaram um pouco o nosso quadro de sargentos, creando dificuldades que, salvo raras unidades, só foram removidas para a infantaria — no Curso de Aperfeiçoamento para a instrução dessa arma.

Infelizmente esse Curso ainda não pôde influir sobre a tropa, porque os seus sargentos aperfeiçados destinam-se á instrução das sociedades de tiro, problema complexo que por esse lado — sargentos instructores — ainda não será resolvido.

Entretanto os dados fundamentaes para exigir, melhorar e conservar um bello quadro de sargentos, definem-se agora vantajosamente, e facilitam a resolução desse importantíssimo problema.

Através da condição de meio provisório de vida ou só com o objectivo moral de bem servir a patria — em que elles tomam parte — pouco, muito pouco poderíamos conseguir. Seria injustificável pretender para os sargentos um despreendimento e um desinteresse incompatíveis com a vida prática. Elles precisam vantagens e ga-

rantias que justifiquem sua dedicação ao serviço no carácter semi-profissional que lhes é atribuído.

Neste ponto a marcha dos acontecimentos é francamente favorável. O sargento de hoje, conforme seu esforço e capacidade pode:

- a) — ser um sargento exemplar e retirar-se da caserna como oficial de reserva;
- b) — ser amanuense do Exército;
- c) — ser oficial intendente;
- d) — cursar a escola veterinaria do Exército e ser oficial veterinario;
- e) — cursar a escola de aviação militar e ser piloto aviador com vantagens especiaes;
- f) — ter preferencia em certos empregos civis desde que satisfaça outros requisitos, preferencia que não lhes era concedida mesmo no Exército, apesar da sua condição de reservistas e das provas da sua idoneidade e que teve agora promissora realização na vontade do Dr. Pires do Rio actual Ministro da Viação. (1)

Propositalmente excluo a preferencia de matrícula na Escola Militar, porque esta sempre existiu e também porque exige provas mais apuradas, dependentes de um tempo para estudo que nem sempre o sargento conseguirá sem prejuízo do exercício das suas funções.

Indirecta ou irregularmente, o posto de sargento tem servido a grande numero de bons rapazes para cursarem academias civis, formarem-se e virem depois, como sobrecarga aos serviços que não prestaram por serem privilegiados, conseguir exquisitas excepções na concorrência com elementos civis que procuram entrar no Exército pela porta da competência.

Os modernos sargentos devem ter compensações que correspondam às exigências mais severas, principalmente no exercício das suas funções.

Resta ainda proporcionar um meio mais seguro e eficaz para melhorarem a sua educação profissional e, tanto quanto possível, a instrução pessoal tendente a satisfazer exigências que no futuro lhes serão

feitas, para a conquista da nova situação em que alguns continuarão sua carreira e outros procurarão seus meios de subsistência.

Incontestavelmente a tropa é optima escola para esse mister, mas presentemente ainda não pode vencer todas as dificuldades que surgem na resolução desse problema, — ainda não tem um meio, constituído pelos próprios sargentos — que facilite esse progresso e, por tudo isso, despende na preparação dos sargentos, energias consideráveis que não correspondem aos resultados obtidos.

O desenvolvimento do Exército já requer uma organização especial dedicada a esse mister; não podemos mais dispensar as *escolas de sargentos*, porque elas são o meio mais seguro e fácil para atingir ao objectivo que nos ocupa. Elas não constituem novidade; suas creações correspondem a uma idéa amadurecida no seio da maioria dos nossos oficiais que tem trabalhado para melhorar a instrução dos sargentos e tem meditado sobre a importância dessa questão.

Segundo consta, o ilustrado capitão Toledo Bordini, director do Curso de Aperfeiçoamento da instrução de infantaria, elaborou um interessante projecto para a transformação desse curso em escola para sargentos de infantaria.

Infelizmente não conhecemos esse projecto que deve ter as vantagens características do criterio de seu conhecido e inteligente autor, mas pensamos que o capitão Bordini deu o grande passo sonhado pelo próprio autor do «Curso de Aperfeiçoamento» para o dia em que o numero de sargentos instrutores fosse suficiente ao mister que deu lugar à sua criação.

Mas, não podemos pensar só na infantaria. A preparação dos sargentos em escolas próprias — talvez uma unidade modelo de cada arma, das que não têm efectivo actualmente e para tal fim organizadas com um recrutamento especial — é uma justa aspiração de todas as armas.

E' natural que, de momento, não pensemos em adoptar exclusivamente esse processo, assim como é razoável que essas escolas nos primeiros annos de funcionamento se ocupem também de aperfeiçoar sargentos indicados pelos corpos e que tenham menos de 25 annos de idade. Impõe-se porém, como providencia imediata, estabelecer que a metade das vagas de sargentos abertas nos corpos, passe a

(1) Este passo precisava ser imitado em todos os outros ministérios, não só pelo interesse dos sargentos nem por um estreito espírito de classe, mas pelo benefício que naturalmente adviria para os serviços públicos em que forem aproveitados, aos quais levarão o influxo dos seus hábitos de trabalho e disciplina. Felizmente este assunto já foi objeto de estudo do Estado Maior do Exército que formulou um projecto para ser encaminhado ao Congresso.

ser preenchida pelos candidatos oriundos das escolas de sargentos.

Os vencimentos dos sargentos e as outras vantagens que lhes são peculiares, devem permitir que se exija, para a matricula nos cursos respectivos, os exames de portuguez, arithmetic a pratica, desenho linear e geographia e historia do Brazil. Será um primeiro recurso de selecção intellectual capaz de muito facilitar a instrucção.

O exame da capacidade physica em uma escola pratica é facilmente completado.

No curso de aperfeiçoamento de infantaria os homens fracos são eliminados automaticamente e o mesmo se dará nas escolas de sargentos onde os exercícios praticos tambem devem preponderar.

Physicamente fortes, intellectualmente esclarecidos, orientados por um ensino moral e civico sem exageros e treinados em todos os misteres profissionaes que se relacionam com as suas funcções, por officiaes capazes de inculcar uma uniforme e intelligente comprehensão dos regulamentos, os novos sargentos seriam preciosos elementos concurrentes para a transformação do Exercito e, consequentemente, para o fortalecimento da nossa defesa militar.

Si as escolas de sargentos fossem criadas, as suas primeiras turmas deveriam ser inteiramente distribuidas pelos corpos mais afastados, lá onde os officiaes são mais raros e a instrucção carece de maior auxilio. Dentro de pouco tempo não haveria uma companhia, um esquadrão, uma bateria das fronteiras do Rio Grnade do Sul e Matto Grosso que não tivesse o seu sargento capaz de tomar a si, pelo menos a instrucção dos recrutas e leval-a vantajosamente até os exames respectivos.

Mas, para completar tão grande melhamento, a justiça e a observação fazem lembrar que esses sargentos assim preparados precisam ter seu acesso abreviado e, além das compensações materiaes, precisam ainda de um meio que lhes dê maior autoridade moral e ainda aumente o incentivo para o trabalho.

Sahidos da escola como segundos sargentos poderiam ser promovidos no fim de um anno independentemente de vagas, como já se dá com os sargentos instructores. As vagas de terceiros sargentos continuariam a ser preenchidas nos corpos pelo processo regulamentar. E depois?...

Seria justo que um sargento com o curso ficasse até sua idade maxima de serviço sem um novo incentivo, sem outra compensação dos seus esforços? Parece que, si os officiaes das unidades julgassem o sargento digno de outras vantagens elles deviam tel-as e, no caso contrario elles deveriam ter sua baixa, apenas com as vantagens communs.

Surge portanto a necessidade de crear um novo posto para os sargentos com o curso, posto um pouco mais elevado que o dos sargentos ajudantes e correspondente a outro objectivo. Elle existe em outros exercitos e neste numero d'A DEFEZA NACIONAL o saudoso tenente Andrade Neves, deixa ver a sua existencia no Exercito Francez.

O posto de sub-tenente poderia ser a maxima aspiração militar dos sargentos com o seu curso especial. O sub-tenente não seria um official, teria regalias de assimilado, seria normalmente intransfivel, perderia o posto si commettesse um limitado numero de faltas tendo baixa immediata e serviria até a idade de 43 annos.

Cada companhia, bateria, esquadrão e esquadrilha teria um sub-tenente. Os seus vencimentos seriam pouco maiores que os dos sargentos ajudantes, mas a partir de 10 annos de serviço teriam accrescimos de 10% em cada 5 annos de effectivo exercicio do posto. Vê-se assim que pelo limite de idade, com os sub-tenentes não se poderia dar a anomalia de vencimentos que actualmente ocorre com os amanuenses.

Ao ser compulsado, o sub-tenente passaria para a reserva de 1.ª linha como 2.º tenente si tivesse menos de 20 annos de serviço e como 1.º tenente si tivesse mais. Até aos 50 annos de idade os sub-tenentes reformados poderiam ser vantajosamente aproveitados como instructores de sociedades de tiro, com as mesmas vantagens dos sargentos instructores actuaes, e, si não o fossem teriam além da sua pequena pensão de reforma as preferencias decretadas para os sargentos reservistas na concurrence aos empregos publicos.

A conveniencia de acelerar a carreira aos jovens officiaes abreviando a sua chegada ao posto de capitão, aconselharia a reducção dos officiaes subalternos.

Todas as armas poderiam adoptar o minimo destinado para a artilharia. Si cada companhia ou esquadrão passasse a

ter só um primeiro tenente e um segundo seria, dentro em breve acelerado o acesso dos officiaes dessas armas e, no momento, muito diminuiria, a crise dos subalternos sem que ninguem tivesse notável prejuizo.

Nesse caso, a vantagem dos sub-tenentes seria mais evidente e sentiríamos bem as razões praticas da sua criação no nosso Exercito e da sua existencia em outros. Deixando de lado esse caso, que infelizmente pôde ferir alguns interesses passageiros, o sub-tenente recrutado das escolas de sargentos seria um grande auxiliar para a instruccion e constituiria tambem um recurso definitivo e certo para evitar as mais graves consequencias da falta de officiaes nas unidades, questão que ainda estamos longe de resolver e onde se tem quebrado as energias de tantas administrações.

Além do novo posto e da escola, os sargentos precisam ainda de um auxilio de ordem exclusivamente moral e que se reflete no bom cumprimento dos seus deveres. E' deprimente a situação em que se collocam alguns sargentos, fugindo ao dever de só usarem seus uniformes. Esse procedimento não tem desculpas porque si esses moços não se sentem bem com a sua posição deveriam abandonal-a corajosamente; é essa submissão ao meio de vida muito discordante do caracter que deve ter um sargento. Mas, talvez concorra para isso em alguns casos, a simplicidade e mau gosto das suas insignias e dos uniformes adoptados.

Em vez de dar aos sargentos uniformes que tenham o merito de confundilos com os officiaes, se lhes poderia dar um uniforme mais elegante, mais vistoso e mais proprio ás suas idades, considerando o grande tempo que elles passam nas fileiras e em que não lhes podemos impedir a frequencia a diversões e meios que exijam maior apparencia.

A simplicidade dos uniformes é mais propria aos officiaes.

E' preciso que não faltemos com todas essas providencias oportunas para evitar praxes inconvenientes e corrigir males inveterados. O problema dos sargentos chegou a um ponto em que não é possivel parar.

As escolas de sargentos são indispensaveis; o posto de sub-tenente é um complemento do curso exigido aos sargentos e uma consequencia de dificuldades com-

provadas; a modificaçao dos uniformes dos sargentos fazendo-os mais vistosos e elegantes é um recurso brando, justo e intelligente para evitar que se transforme em praxe o uso do traje civil, o que importaria, além de outros inconvenientes de ordem administrativa e disciplinar, na creaçao de mais uma fonte de despezas para elles.

Os sargentos são durante a paz, não só os auxiliares directos dos officiaes, mas os melhores fiscaes das suas exigencias e determinações. Na guerra elles se tornam vulgarmente os substitutos dos officiaes subalternos e para tanto devem ser educados. Tudo o que possamos fazer para lhes aprimorar a instruccion e a educação militar, e, preliminarmente, cercar de attractivos sua carreira, será muito conveniente e compensador para o Exercito.

E' preciso que os sargentos sintam o grande interesse que por elles tomam os seus superiores e procurem corresponder á multiplicação dos seus direitos com a multiplicação dos seus esforços. Assim o encontro de vontades será mais facil, e da melhor comprehensão dos fins a que cada um se traça, sahirá vitoriosa uma das mais solidas garantias da nossa defesa.

Capitão P. Pessoa

## O que o Exercito pode ser para a Nação

(I<sup>a</sup> Continuação)

### CAPITULO II

#### A physiologia na instruccion de recrutas

§ 1 — O recruta

Imaginemos vinte ou trinta moços alinhados para o exercicio, cada homem com seus caracteres differentes. Entre estes moços talvez não haja dous que possam ser conduzidos de igual maneira. Não têm a mesma origem. Um vem do Norte, outro vem do Sul; este é industrial, aquelle é operario. Cada um possuiu em seu solo, em seu meio, habitos especiaes, um genero de vida que lhe é peculiar. A educação formou diversamente estes cerebros: o habitante de uma cidade não pensa como o camponio; a mentalidade do camponez rustico terá poucos pontos communs com a do chimico. De região a região o homem differe. Na mesma região elle differe em cada classe, em cada profissão, e, dentro da mesma classe notam-se as particularidades resultantes do grau de intelligencia dos individuos.

Cada um representa um producto, uma resultante; cada um continua aqui a trama que urdiu antes de entrar na caserna e cada um apresenta, pois, tendencias proprias.

Transportemo-nos ao dia do sorteio: eis um

facto recente, uma circunstancia da vida que lhes foi commun, e, entretanto, estes moços, em presença de um acontecimento que se lhes apresentou em circunstancias analogas, experimentaram sentimentos diversos e reagiram por actos os mais variados.

Para uns, tendo conservado lembranças de alguns assumptos que desprestigiaram o Exercito, a caserna é o inimigo; o official não é mais que o instrumento de oppressão por meio do qual os fortes subjugam os fracos. Não despiido de intelligencia, habilidade, prompto em suas idéas e movimentos, este rapaz de vinte annos pode tornar-se um optimo ou pessimo soldado, conforme o modo por que lhe falla ou comanda o sargento ou o official. Foi sorteado involuntariamente, vem para a caserna constrangido, de má vontade. É desconfiado a principio, falla pouco, observa. Estuda o meio que em má hora lhe apresentaram: não é adaptavel a este meio. É tomado de nostalgia, sofre realmente, durante os primeiros tempos, e é neste periodo inicial que as circumstancias decidirão o que elle poderá ser. Geralmente elle é vencido pelo bom trato dos graduados; adapta-se, e torna-se um soldado alegre, não muito reverente, todavia, para com as pessoas de posição inferior com quem convive continuamente, levado em pouco tempo a uma familiaridade excessiva; contudo, bom soldado. Pode dar-se o caso d'elle não se adaptar: seus chefes, sem que lhe dêm a perceber, ter-lhe-ão contrariado, terão excitado o seu rancor; a disciplina ser-lhe-á insuportavel e equalgar-se-á aos individuos intratáveis, rebeldes, indisciplinados, que possuem, no dizer de M. Waxweiller, a *impulsão catética*, a tendencia á oposição.

A seu lado se encontra o filho do pequeno agricultor, calmo e timido. Elle não cogita do direito que assiste ao official de o commandar. Recommendou-se-lhe obediencia, fazer bem o serviço, e elle está imbuído das melhores intenções. O sorteio foi para elle um acontecimento sem surpresa, que acolheu com a resignação das almas simples. Elle terá, ao envez da impulsão catética, a *impulsão palinethica*, a tendencia ao panurgismo; modelar-se-á voluntariamente pelos outros; será «bom soldado» na accepção ordinaria do termo, executando de boa vontade tudo o que se lhe pedir, empregando todos os esforços para fazel-o bem e sempre com calma.

Adiante, encontramos um rustico, um analphabeto, rude e forte, habituado ás rixas em que se joga a faca. O sorteio, para este, foi uma festa, onde os seus vis instintos se revelaram: teve então, bebedas e batalhas.

Este homem é rude para com os outros, mas tem por excusa o ser rude para consigo mesmo; pertence a uma familia numerosa e miseravel. Nunca ninguem tentou, talvez, desbravar este craneo embrutecido e pertinaz, penetrando systematicamente com idéas. Elle continuará rude, voluntariamente querellador, ora bom, ora máo, um tanto «mixto», bastante indiferente aos bons conselhos. Elle sabe sacrificar-se ou recolher-se. É impulsivo, bom para o empenho da força.

Ao lado deste sér energico mas ainda um tanto selvagem, encontramos uma creança da cidade. Foi operario em uma fabrica. Já está naturalmente sujeito á disciplina, inseparavel do trabalho em commun bem organizado; está habi-

tuado a trabalhar sob as ordens do chefe; já foi um dente de uma engrenagem. Em torno delle houve sempre movimento; elle se interessa pela existencia do organismo social, porque delle teve o contacto directo; conhece e aprecia todo o valor da instrucção e busca constantemente occasião de aperfeiçoar-se, elevar-se, armar-se para a luta pela vida. Sua pouca sorte deparou-lhe sempre mil difficultades a remover: elle esforça-se por afastal-as e dellas tirar proveito. É o futuro graduado, devotado e correcto; si permanece praça simples, tem, entretanto, prestigio sobre seus camaradas. Elle é, aliás, voluntariamente folgazão, um tanto corrigente.

Mantém a moral dos outros nas marchas penosas. Espírito esclarecido, cheio de iniciativa, as diligencias particulares lhe são agradaveis. É sensivel ao louvor e esforça-se por merecel-o. É um elemento precioso.

Cabisbaixo, um outro rapaz encontra-se a seu lado.

Este é um pervertido, fazendo o mal pelo mal; talvez seja um ex-pensionista... de uma casa de correção. No centro industrial em que vivia, só tinha por amigos sujeitos reprobos, e as pessoas pacificas viram-no partir com satisfação, dizendo: «lá, mortifical-o-ão». Enganam-se. Elle é inadaptavel, e a bondade ou o rigor lhe são indiferentes. Saberá insinuar-se rapidamente no espirito do chefe que pensará tê-lo restabelecido. Ora produz muito, ora nada. Este elemento é, felizmente, raro.

Temos tambem o voluntario, cujo espirito pode ser excellente, como ás vezes se encontra, mas que quasi sempre é um transviado qualquer; collocase-o, pois, entre os elementos mediocres.

Adiante vemos o filho de abastados comerciantes, que quer marchar, porque ama o Exercito. Este será um sensivel aos meios suasorios. É um elemento de primeirissima ordem.

Encontra-se tambem um rapaz criado com a maxima indulgencia, tendo dado por páos e por pedras sem nada aproveitar e cujo pae deixou-o partir para a caserna confiante em uma miraculosa transformação. Enfastia-se facilmente; e é quasi sempre indisciplinado, medocre.

Ha o pequeno empregado numa usina ou em casa de commercio, ou de administração publica; irascivel ou indiferente, revoltado ou satisfeito; pequeno palrador, achando tudo mal estabelecido, ou patriota sincero e cheio de boa vontade e até de entusiasmo.

Todos estes homens se confundem na mesma fileira; dentro em pouco marcharão, manejarião seus fusis com dextresa, e a unidade que formam, de alinhamentos regulares, evoluirá sob um breve commando. Dentro em pouco terão adquirido o passo militar, farão este pequeno numero de gestos classicos que, aos olhos dos leigos, consagrão os soldados. Graças á paciencia de seu instructor e á emulação que os animará, todos estes homens, no exercicio, serão mecanicamente semelhantes entre si: romperão a marcha com o pé esquerdo, simultaneamente; levarão suas armas ao ombro ou delle as tirarão num conjunto perfeito, e o manejo cadencioso de seus Mausers dar-lhes-á o aspecto do mecanismo das machinas automaticas. Darão aos espectadores a impressão de uma unidade forte, de partes homogeneas e regularmente ordenadas.

Tudo isto é pouco necessario, entretanto, porque todo o homem não se resume nestes ges-

tos: os gestos são simples accessorios, a mentalidade é tudo, ou quasi tudo; e é o caso de se distinguir o que se vê daquelle que não se vê.

O que se vê são homens que effectuam movimentos identicos e isochronos; o que não se vê é que estes homens differem grandemente por sua origem, hereditariamente, educação, instrução, intelligencia, carácter, temperamento, aptidões, tendencias. É necessário, portanto, fundir, amalgamar, unificar tudo; fazer, tendo em vista a guerra, um todo moral, e quanto possível homogeneo; é o que compete ao educador moral, ao psychologo.

O papel do physiologista se exerce antes: a unidade do physico.

Mesmo ahi as diferenças são grandes, si bem que menos contrastadas. Pouco mais ou menos cada qual se approxima de um dos typos principaes: o typo trabalhador agricola, e o typo operario de usina.

O trabalhador agricola é geralmente mais robusto; o peito é amplo, os musculos são mais possantes e desenvolvidos; elle possue a sã physionomia das pessoas que vivem ao ar livre. Parece, á priori, ser elle chamado para formar um soldado mais proprio para a guerra que o operario industrial, porque tem a resistencia physica, porque sua vida rustica e rude torna-o mais insensivel ás provações; elle tem, porém, sua tara profissional.

A seguir o sulco de seu arado ou a manejar a enxada o agricultor curva-se; elle tem o passo lento do animal que conduz ao trabalho ou que puxa seu pesado carro; seu placido olhar tem a calma das campinas, grandes e monotonas, e seu cerebro se harmonisa com o silencio, a lentidão. Elle possue em seu ser algo de passivo e inerte: é o producto, a resultante de um meio em que as forças da natureza, quasi unicos agentes, lentas e methodicas, deixam um exiguo logar á iniciativa, á actividade. O recruta proveniente do campo tem algo de pesado, compassado, inhabil, — é um impecilho a vencer. (§)

O operario industrial é geralmente menor e mais fraco physicamente, posto que mais atento, mais alerta. Cança-se mais depressa, offerece principalmente, menos resistencia á marcha e seus trabalhos habituaes ter-lhe-ão dado grande morosidade.

Eis o golpe de vista no conjuncto. Mas si o trabalhador agricola apresenta um typo sensivelmente uniforme, o operario industrial diversifica-se quando se o examina mais attentamente.

E' necessário agora distinguir o operario da grande cidade do operario que habita as pequenas aglomerações, notando-se as conclusões do Dr. Honzé relativas á influencia da alimentação sobre os habitantes da classe inferior das cidades modernas: apresentam uma estatura menos elevada, maiores proporções transversaes, um peso abaixo do normal, um prognathismo mais accentuado. Além disso, cada industria imprime, ao individuo que a exerce, um cunho proprio, notadamente si varias gerações se entregam ao mesmo officio. Tal genero de trabalho é mais debilitante que tal outro; taes individuos arquinam, em pouco tempo, as mais solidas constituições.

N. da R. — Não se parece com este retrato o nosso recruta sertanejo ou gaucho, nem mesmo particularmente o descendente do colono europeu ahi photographado, italiano, alemão ou polaco.

Ao olho exercitado não escapam as taras indicantes da profissão.

O tecelão é magro, pequeno em toda parte; seus calções descahem sobre as franzinas pernas; é-lhe a tez amarellada, são-lhe os olhos desmaiados em orbitas azuladas e profundas.

Tal é, mais miseravel ainda, o aspecto dos operarios de todas estas usinas, sumídos de vidas humanas, que apanham o adolescente puante, vigoroso, e o regeitam inutilizado, envelhecido, decrepito aos quarenta annos!

Felizmente o moço aos vinte annos está longe de ser irremediavelmente perdido; elle tem ainda possantes reservas armazenadas e o vigor pode restituir-lhe o perdido. Seu esqueleto pode ser consolidado, seu organismo desenvolvido, e feito mais resistente. É uma felicidade para o pallido e mesquinho garoto da usina si a sorte o envia para a caserna: elle ahi virá rehaver o que o esforço prematuro já destruiu; adquirir seu desenvolvimento normal; acumular uma base de energia physica que lhe permittirá maior resistencia no futuro para as acções debilitantes de um trabalho prejudicial; conservar as apparencias de virilidade a par de seus contemporaneos menos felizes, verdadeiros frangalhos humanos.

#### a) Preparo physico

Este rapido exame do estado physico do recruta, no momento de sua incorporação, mostra que o papel do educador physiologico não será tão facil, como parece. Elle terá de unificar um conjunto bastante heterogeneo. Será necessário agitar as apathias physicas, nutrir e endurecer os musculos debilitados, reabrir os peitos oppresos, revivificar pulmões enfraquecidos, dar sangue ás arterias empobrecidas, — evitando sempre fatigar desmedidamente, entre estes homens que o physiologista trata como o menos forte, o menos apto.

**E' preciso, em resumo, primeiramente, tornar a classe de recrutas capaz, physicamente, de receber a instrução propriamente dita.**

Durante este periodo inicial sobretudo, o conhecimento da physiologia humana é necessário, — isto salta aos olhos, — e é deste conhecimento que resultará o melhor metodo de instrucao.

Dizendo «methodo», não queremos dizer «regulamento». Os conhecimentos dos officiaes devriam ser sufficientes para que elles não tivessem embaraços em comprehender os preceitos regulamentares e applicá-los intelligentemente.

O Regulamento só poderá dar indicações geraes, não poderá ser um *receituário* para os ca-  
sos individuaes.

Cada soldado, pode-se dizer, deve ser objecto de um exame particular, que determinará o tratamento physiologico a applicar-se-lhe: elle tem deformações profissionaes; tal musculo está atrophiado; tal orgão está particularmente offendido... Uma gymnastica apropriada permittirá reconstituir o musculo enfraquecido; curar, estimular, desenvolver o orgão doente. Todas as engrenagens da machina humana são conjugadas; o aperfeiçoamento de uma delas não pôde ser duravel e realmente util, no ponto de vista do rendimento, salvo si as demais se aperfeiçoarem simultaneamente. Dahi a necessidade de combinar e variar judiciosamente os exercícios.

A intervenção do medico será util; elle deverá mesmo exercer uma fiscalisação constante sobre os recrutas, pelo menos durante o primeiro periodo da instrucção. Elle será o conselheiro de todos os dias, e bom será que tenha, para tal, um caderno sanitario para cada soldado; graças a este caderno, elle poderá conhecer facilmente a influencia do trabalho sobre o aperfeiçoamento physico de cada recruta e advertir o instrutor das precauções que eventualmente devesset tomar. Si entre os civis o medico se habitua a não considerar sua intervenção necessaria sinão nos casos graves, si sua função só começa quando está declarada a molestia, — e é uma desgraça para a sociedade que o corpo medico seja assim constituído, — o medico militar deve empenhar-se em evitar que o mal se manifeste. Elle dispõe de tempo e meios exigidos para exercer uma medicina preventiva, para accumular todas as precauções necessarias à protecção da saude dos homens contra todas as influencias nocivas: é necessário que elle seja menos medico «curandeiro» que medico «hygienista», e, então, a elle cumpre cuidar em fazer numerosas conferencias sobre a hygiene em geral, o asseio corporal; pôr tambem os jovens soldados em guarda contra os perigos das relações sexuaes.

Em conversas mais familiares o instrutor repisará sobre estas precauções; (\*\*) elle será o ajudante do medico, no ponto de vista das medidas preventivas contra as invasões microbianas.

2º Ten. de inf. José Porto Carrero.  
(A seguir: b) Preparo intellectual).

(\*\*) *N. da R.* — Não ha meio mais efficaz para assegurar o objectivo deste ensino, que a rigorosa fiscalisação da observância pratica dos conselhos. Sem isto e sem, portanto, assegurar os imprescindiveis recursos materiais de applicação, tais preleções, conferencias ou conversas tornam-se meros embustes, enfadonhos para o soldado, ridiculos para o official (medico ou instrutor).

## Bento Manoel Ribeiro

Conferencia realizada no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo pelo tenente coronel Pedro Dias de Campos.

Neste mesmo recinto, não ha muito, indagaram «quem era o sorocabano Bento Manoel Ribeiro!» Tivéra o illustre 1º secretario, (1) ao fazer tal indagação, bem se comprehende, o intuito de reviver entre os contemporaneos, o nome do intemerato patriota e guerrilheiro paulista.

Bem sabia elle, que é dentre nós aquele que mais e melhor cultiva a historia Patria, ao se referir a Bento Manoel, que haveria nesta casa alguém com animo de aceitar e defender, tão grata quanto sympathica these. Sorocabano e militar, cabia a mim, mais do que a qualquer outro,

(1) Dr. Affonso A. de Freitas.

evocar, muitas vezes, nesta sala, diante desta selecta assistencia, os manes do lendario marechal de Campo, Bento Manoel Ribeiro. Esse nome querido e popular em todo o Brasil e nas republicas sulinas, não está felizmente, esquecido em São Paulo.

Em toda a região do sul, nas duas margens do Prata, onde o paladino patrício tanto elevou o nome do Brasil, continua elle sendo relembrado com justificada e respeitosa estima. No Rio Grande, para a parte supersticiosa da populaçao, é Bento Manoel um mytho, uma lenda phantastica, contada pelos amoraveis avós, ao redor da lareira, em noites frigidas, aos curiosos netinhos, ávidos de historias heroicas.

Transidos, com as espinhas em arrepios, os pequeninos gaúchos acompanham attentos com a narrativa, maravilhados e embevecidos o tropel tumultuoso da cavalgada furiosa de Bento Manoel, atravéz dos pampas extensos e das ondulantes coxilhas. O vulto soberbo, distanciado da tropa, se destaca nitido, brandindo na dextra vigorosa, a espada flammejante. Depois, pela suggestão dos contos ouvidos, elles enxergam, nas noites procellosas, movimentando-se com as nuvens negras e pesadas, os bravos de Bento Manoel, como um turbilhão, varejando as campinas interminas. E' a evocação de uma ronda phantastica de cavalleiros que se atropellam, como duendes em fuga.

Tanto para os que contam como para os que ouvem, o valente militar é visto, qual Nume protector, cavalgando fogoso corcel, pelas rasas campinas ou pelo dorso das elevações. Em furioso galope, as dobras do largo poncho açoitando rijamente a neblina, ou fluctuando ao sabor das rajadas fortes, vae elle, quebrando obstaculos, avançando celere em carga formidavel. Para todos, Bento Manoel atinge então as proporções de um gigante.

As creanças e os homens desse privilegiado recanto da Patria, o apontam em todas as scenas da natureza. Ora nas sombras das nuvens que marchetam as verdejantes campinas em flôr, ora no emaranhado das lianas das florestas inextricaveis.

Tambem os barqueiros que se debruçam das brancas velas que singram as ondas tranquillas das lagoas soberbas das fronteiras do sul, vêm adensado e reflectido nas limpadas aguas, o vulto lendario

de Bento Manoel. Em suas margens, de contornos suaves, o gladio desse valoroso soldado, tingiu-se mais de uma vez do sangue inimigo.

São uma lenda, em nossos dias, os feitos heroicos do bravo guerrilheiro, porque a historia de suas grandes accções, foi inscripta mais no coração do povo, do que nos annaes militares. E o povo riograndense, não sabendo e não encontrando em que concretizar o seu mytho, fixou-o no disco luminoso da lua em plenitude, para assignalar, amoldado em medalhão de prata, o fosco relevo de sua estatua equestre.

O marechal Bento Manoel Ribeiro, filho de Manoel Ribeiro de Almeida, nasceu na então villa de Sorocaba, em 1783. Este agglomerado surgira em pleno florescimento do bandeirismo paulista e foi edificado nas duas margens do rio, de que tomou o nome. Este importante curso de agua, affluente do Tieté, era caminho para a grande estrada de penetração das monções, que se internaram e devassaram, em lutas titanicas, os vastos sertões occidentaes.

Em nossos dias tornou-se Sorocaba uma das mais importantes cidades industriaes de S. Paulo. Na epocha, porém, do nascimento de Bento Manoel, não passava ella de uma villa de reduzidas proporções e só era conhecida pelo avultado commercio de animaes que alli se realizava. Ponto das grandes feiras periodicas, em Sorocaba reuniam-se gentes de todas as regiões do sul, empregados na condução de tropas. Eram patrões, capatazes e peões, que vinham atraídos pela excellencia do mercado paulista.

Bento Manoel Ribeiro, tendo visto a luz nesse nucleo de povo simples, ingenuo e cioso das tradições de sua terra, — que guarda e as transmite com carinhoso entusiasmo, — tinha de ser, no berço, emballado com as trovas sertanejas, meigas e populares, em que os feitos do bandeirante, sua indomita bravura, a riqueza e a belleza da terra eram cantadas em decimas plangentes, pelas amas solícitas.

Adolescente, Bento Manoel se comprazia, pelas noites aluaradas, nos ranchos dos tropeiros, em ouvir as quentes e entusiasticas narrativas das lutas que por toda a parte se travavam nas campinas do Prata. Nessas rudes pelejas, segundo con-

tavam, eram sempre os brasileiros que venciam.

O sul, com as suas agitações e lutas continuadas, e a sua vida de constante alerta, exercia sobre o espirito varonil do jovem sorocabano, irresistivel atração. Assim, logo que teve concluidos os seus estudos, foi reunir-se ao seu irmão, capitão Gabriel Ribeiro de Almeida, bravo commandante de guerrilhas nas bandas Orientaes.

Com 17 annos de edade, a 1º de dezembro de 1800, alistou-se voluntariamente no regimento de milicias de Rio Pardo, fazendo, sob as ordens do seu irmão, toda a campanha de 1801. Durante ella, tomou parte e se distinguiu, em tres ataques nas missões Orientaes do Uruguay.

Promovido a forriel em 1º de Janeiro de 1808, fez toda a campanha Cisplatina, que durou até 1812.

Nessa longa campanha revelou-se sempre, nos ataques de que participou, de inexcedivel bravura e sangue frio. Foi ferido, quando, commandando 60 homens da milicia, em setembro de 1811, atacou a povoação de Paysandú, derrotando as tropas de Binedo, que tambem foi morto. Nessa luta desigual e feroz sómente 8 homens das tropas desse caudilho puderam escapar com vida.

Pelos seus inestimaveis serviços e pelo exito desse memorável encontro, foi promovido ao posto de tenente, para o regimento de Rio Pardo, a que pertencia, conforme carta regia de 17 de Janeiro de 1813.

Estalára em 1816 a segunda campanha Cisplatina, suprehendendo Bento Manoel incorporado com o seu regimento á divisão do general Curado, que ocupava Ibirapuitan-chico. A esse tempo o caudilho Artigas rompia a fronteira de Rio Pardo, com o objectivo de atacar no Rio Grande, as tropas de Curado.

Para deter esse caudilho, que já havia transposto a coxilha de Sant' Anna, foi enviada uma pequena columna de 330 cavaleiros. Bento Manoel, que fazia parte dessa expedição, commandando um contingente do seu regimento, cooperou de modo efficaz na cobertura da honrosa e valente retirada, effectuada por ordem superior. Pelo seu esforço, mereceu referencias especiaes e encomiasticas, em ordem do dia do general em chefe.

Novamente, em 19 de outubro, se distin-

gue Bento Manoel, no commando da vanguarda de uma columna de 480 homens, destacada da divisão do general Curado, com a missão de deter o avanço de Artigas que, com o seu exercito, pretendia impedir a juncção com as tropas do coronel José de Abreu.

Tendo, com 80 cavalleiros de seu commando, se chocado com os duzentos que constituiam a vanguarda inimiga, rechassou-os Bento Manoel com tal impeto, que tiveram elles de retroceder, até encontrarem apoio na columna principal. Durante a batalha, que se travou renhida entre as tropas de Curado e de Artigas, o inimigo procurou sempre envolver os flancos da divisão, no que foi impedido pelos valorosos flankeadores, capitão Machado Bittencourt e tenente Bento Manoel Ribeiro. Ambos foram elogiados, por terem cumprido com grande valor os seus deveres.

O caudilho Verdun, derrotado em Ibiracahy, pelo general Menna Barreto, abandoná o seu proposito de reforçar as tropas de Artigas e retira-se, afim de reparar as perdas soffridas. Esse facto ofereceu ensejo ao general Curado, de tomar vigorosa offensiva contra o principal campo de Artigas. Para enfrentar um inimigo forte de 1500 cavalleiros, fez Curado marchar uma columna de 760 homens, sob o commando do brigadeiro Oliveira Alvares. No dia 27 entrou este pequeno destacamento em contacto com o inimigo no campo de Carumbé, travando-se renhida batalha. Aos cavalleiros de Artigas foi infligida, mais uma vez, estrondosa derrota. Sangrados, juncando o campo da luta, ficaram 600 homens.

Nesta acção, como sempre, tomou parte brilhante o bravo tenente Bento Manoel Ribeiro com o seu piquete de cavallaria ligeira, que maravilhou os adversarios pela rapidez e energia de seus movimentos.

Depois disso, o inimigo abandonou a fronteira e retirou-se para as proximidades de Montevideu. Alli reuniu ás suas tropas todos os contingentes que se achavam naquella praça e as que se achavam guarnecedo outras localidades.

O general Curado, que já por tres vezes derrotá os invasores de nossa terra, sabendo da concentração de forças que se realizava em territorio inimigo, atravessou com a sua divisão a linha divisoria, acampando em Catalan. Desse ponto enviou um reconhecimento composto

de 600 praças, sob o commando do coronel José de Abreu, com a missão de reconhecer a posição e força do inimigo e tambem de investil-o, caso julgasse possível.

Simultaneamente Artigas planejava investir o campo da divisão do general Curado, enviando o caudilho La Torre á testa de 3.400 guerrilheiros.

O campo da divisão foi, de facto, rijamente atacado em 4 de Janeiro de 1817, sendo os flancos envolvidos pelo inimigo. Os brasileiros, embora inferiores em numero, com o auxilio da columna de Abreu que regressava coberto de glorias, rechassaram as tropas de La Torre para além da fronteira.

Na tremenda batalha travada em Catalan, o arrojo do denodado tenente Bento Manoel, que com o seu contingente lutava na ala esquerda da divisão, onde o inimigo iniciou a impetuosa investida, impidiu, não sómente que a linha fosse quebrada, mas levou tambem os uruguayos de vencida, até o final da refrega.

Pela sua bravura, e por se ter distinguido nesta batalha, assim como nas anteriores, foi Bento Manoel graduado no posto de capitão, com menção honrosa em ordem do dia.

Após a derrota os inimigos abrigaram-se á margem esquerda do rio Uruguay, onde foram, em seguida, aniquillados pela divisão Curado, que assim completou a victoria.

Artigas, batido e desmoralisado, envia uma força para constituir nucleo de recrutamento na povoação de Belém, na margem esquerda do Uruguay, ameaçando a fronteira do Brasil, pela linha do Quarahim.

Commandando uma força de 70 homens seguiu para atacal-a, em 7 de setembro de 1817, o capitão Bento Manoel. Cahindo de improviso sobre a divisão do chefe uruguayo, D. José Verdun, desbaratou-a, aprisionou seu chefe e apoderou-se de todo o armamento que encontrou.

Por este feito heroico e brilhante, foi elle confirmado no posto de capitão. O seu alto valor e distincção foram tambem mencionados em ordem do dia do chefe.

Em abril de 1818, o cabecilha Aranda, á frete de 1030 guerrilheiros, no arroio de Guabirú, ataca violentamente as tropas de Menna Barreto e de Bento Manoel que se achavam reunidas. Apezar de te-

rem sido apanhados de surpreza, poude-ram esses dois destemidos chefes oppor efficaz resistencia. Após algumas horas de batalha, foi o inimigo duramente casti-gado, deixando no terreno 133 homens mortos, e nas mãos de Bento Manoel mais de 200 prisioneiros. Todo o arma-mento e 600 cavallos de guerra fica-ram nas mãos dos brasileiros. Sómente um morto registrou a cavallaria nacional.

Varios chefes de guerrilhas da provin-cia de Entre Ríos, reunidos ao audacioso caudilho Artigas, se propuzeram atacar a columna do general Curado, que acam-pava no interior do Uruguay, afim de defender a conquista da Banda Oriental.

Informado desse temerario plano, expe-diu Curado o capitão Bento Manoel com 400 praças de infantaria, as quaes fez transportar pela esquadilha do rio Ur-u-guay até Concepcion, onde desembarca-ram em 26 de Maio desse anno. No local denominado Guabijú bateu as tropas do chefe Aguilar, arrazou as baterias inimigas que embaraçavam a navegação e tomou quatro peças, obrigando ainda o caudi-lo Ramirez a bater em desordenada re-tirada. Na perseguição que moveu ás for-ças em fuga, conseguiu Bento Manoel a-poderar-se de 2000 cavallos, seis carretas com materiaes bellicos, 500 fuzís, a caixa militar com 3.000 pesos e um estandarte. Levando mais a fundo a perseguição, a-prisionou o proprio chefe Aguilar, 300 homens de suas hostes e varios officiaes. Em mãos de Bento Manoel cahiram tam-bem uma canhoneira de rio, trez em-barcações diversas com 40 tripulantes e o respectivo commandante.

A acção militar de inexcedivel brilho realizada em Guabijú valeu ao capitão Bento Manoel Ribeiro a promoção ao posto de major, confirmada em carta regia de 24 de junho, tendo sido igualmente elogiado em ordem do dia do commando em chefe do exercito do sul.

Novo feito de Bento Manoel cobre de gloria o exercito brasileiro. A' frente de 500 cavalleiros marcha por ordem de Cu-rado, para combater a divisão de Arti-gas, que estacionava em Queguay-chico.

Na madrugada de 4 de julho investe furiosamente o acampamento desse caudilho, bate-o rijamente e desbarata as suas tropas. Finda a luta, que não durou muito, ficou elle senhor do campo e de elevado numero de prisioneiros, entre os quaes se achava o caudilho D. Miguel Barreiro.

Em 1819, um outro chefe uruguayo com quem Bento Manoel por varias vezes se chocára, coronel Fructuoso Rivera, crescia em audacia, não obstante as frequentes derrotas que sofrera. Este caudilho, cheio de impafia e de atrevimento, acampára junto do Arroyo Grande, como que lan-cando um desafio ás tropas nacionaes.

Afim de destroçar as gentes desse cau-dilho, foi destacado Bento Manoel com 600 homens escolhidos. Ao mesmo tempo, outro chefe era enviado com 200 cavalleiros, afim de atrahir sobre si a aten-ção do inimigo, desviando-a da columna de Bento Manoel, que levava objectivo determinado e importante.

Sangrento combate travou-se no dia 28 de junho em Arroio Grande, entre as duas fortes columnas, tendo sido Fructuo-so Rivera duramente castigado. Nessa ru-de peleja, os cavalleiros de Bento Manoel sangraram 108 uruguayos, que ficaram ex-tendidos no terreno em que se ferira a renhida batalha. Em mãos do valoroso chefe brasileiro, cahiram 96 uruguayos, 700 cavallos e 100 clavinas.

Brilhante foi, pois, a victoria alcançada nesse local pela tropa ao mando do des-temido e valente commandante sorocabano Bento Manoel Ribeiro que, por dis-tincção e muito merecimento, foi promo-vido ao posto de tenente coronel, por decreto de 1.º de março de 1820.

Terminára, com a grande victoria bra-sileira alcançada em Taquarembó em 22 de janeiro de 1820, esta segunda longa campanha Cisplatina. Fructuoso Rivera, com o posto de tenente coronel, foi incor-porado ao exercito nacional, onde obteve um regimento de orientaes, para com-mandar.

Bento Manoel, acompanhando as tropas que haviam abandonado a Banda Ori-ental, achava-se na fronteira, quando ecoou o grito memorável do Ypiranga. Como premio de seus serviços foi elevado em posto, para o regimento de milicias nº 22. O grande guerrilheiro Bento Manoel, fóra graduado, com esse destino, no posto de coronel.

Durante tres longos annos conservou-se elle inactivo, não porque quizesse ou precisasse repousar das arduas campanhas em que pelejára, mas porque a paz reinava nos pampas. Esse forçado re-pouso, aproveitára o coronel Bento Ma-noel Ribeiro, em melhorar e instruir o seu já luzido regimento, que não tardaria

a brilhar novamente em rudes tarefas militares.

Em abril de 1825 fôra o Imperio do Brazil surprehendido com a revolução que estalára na Banda Oriental, com o fito de tornar-se independente do Brasil.

Bento Manoel, á testa dos seus cavaleiros, servindo sob as ordens do marechal Barão do Serro Largo, entrou imediatamente em campanha, invadindo a Cisplatina e conseguindo acampar, — depois de vencer mil obstaculos e haver percorrido grande extensão de terreno em marcha penosissima, — na margem direita do Rio Negro.

A colonia brasileira do Sacramento acha-se então sitiada pelos chefes orientaes revolucionarios. A valente guarnição brasileira resistia, porém, aos encarniçados ataques contra ella desferidos.

Fructuoso Rivera, quebrado o compromisso tomado para com o Brasil e chefes militares brasileiros, formava agora com o seu regimento ao lado dos rebeldes, pretendendo juntar-se ao caudilho Lavalleja que investia contra a praça sitiada.

Ao coronel Bento Manoel foi confiada a missão de bater e castigar o caudilho trahidor, antes que elle pudesse engrossar os effectivos dos sitiantes. Renovando a sua cavalhada, escolheu 800 homens valerosos da sua aguerrida tropa, e com elles partiu em direcção ao campo adverso.

Para illudir a vigilancia dos postos avançados de Rivera, o Barão de Serro Largo fez com que uma parte de sua tropa manobrasse, demonstrando intenção de atacar as columnas revolucionarias. Esse stratagema permitiu a Bento Manoel liberdade de acção, ao mesmo tempo que facilitou a sua partida sem ser apercebido do inimigo.

Bento Manoel, insoffrido e desejoso de reduzir completamente o inimigo, sahira ao encalço de Rivera, que estabelecera acampamento no Arroio d'Aguila. Em marchas forçadas, alcançou e bateu a divisão desse caudilho, que se cobrira com tropas do guerrilheiro Caballero, a qual, ao alvorecer, fôra inteiramente destroçada. Nessa terrivel refrega os cavaleiros de Bento Manoel ceifaram em cargas formidaveis os soldados de Rivera. Finda a luta sangrenta que sustentára com furia desusada, dos punhos fatigados dos bravos brasileiros pendiam, gottejantes, as espadas enrubecidas.

Em cargas violentas e firmes, os guerreiros de Bento Manoel deixaram estendidos no local do combate 64 inimigos autilados, entre os quaes o caudilho Mancilla. Foram feitos 14 prisioneiros e o capitão Tavares, que foram engrossar o numero já avultado, dos que anteriormente o nosso valente patrício reduzira.

Levando os trophéos da victoria, seguiu Bento Manoel para Montevideo, afim de attender ao chamado do general Visconde de Laguna. Nessa praça de guerra, foi o nosso destemido patrício recebido em triumpho. O valoroso cabo de guerra bem merecia de seus pares essa demonstração carinhosa.

Não obstante as continuas victorias das armas imperiaes, crescia o inimigo em audacia, ao ponto de estabelecer nucleo de recrutamento, não longe das praças ocupadas pelos brasileiros.

Em setembro de 1825, a situação dos dois exercitos era a seguinte: As tropas imperiaes, ao mando do general Barão do Serro Largo, acampavam na Villa Mercedes e o general Fructuoso Rivera, com os seus orientaes, armára o seu campo ao sul do Rio Negro, face ás tropas nacionaes.

Ao coronel Bento Manoel foi dada a missão de marchar sobre o exercito Oriental, que estava forte de dois mil homens, e rechassal-o. A columna do coronel paulista era composta sómente de 800 homens, isto é, quasi equivalente a um terço do effectivo adverso.

Em caminho deviam estas tropas fazer juncção com as do commando de Bento Gonçalves, composta de 354 cavaleiros; estas deviam partir de Serro Largo. As duas columnas, formadas de praças tiradas de varios regimentos militares, de guerrilheiros irregulares, de portuguezes e até de lanceiros guaranys, não apresentavam um conjunto que servisse para intimidar o inimigo.

Realisada a juncção, marchou Bento Manoel imediatamente ao encontro do inimigo, que estacionava á margem do arroio Sarandy, surprehendendo-o na madrugada desse dia. O embate foi terrivelmente violento e, não fosse a pericia de Bento Manoel, teria o exercito brasileiro a lamentar uma desastrosa derrota, em razão da grande inferioridade de effectivo das tropas nacionaes e sua pouca instrucção militar.

Apesar de terem sido quebradas as alas

da linha de batalha de Bento Manoel, o centro resistiu com tal galhardia á carga formidavel da cavallaria adversa, que chegou mesmo a dominar-a momentaneamente. Pesadas foram as perdas de parte a parte, bastando dizer que de um esquadrão inteiro das tropas de Bento Manoel, sómente nove soldados e um tenente ficaram com vida.

Os inimigos foram, finalmente, contidos nas margens do Sarandy, onde a columna brasileira viéra apoiar-se. Bento Manoel sómente cedeu terreno ao cahir da tarde, retirando-se para um passo do arroio Gy, depois da capitulação do major Alencastro, que commandava dois esquadrões do 5.º regimento, com mais de 400 cavalleiros.

Por uma manobra mal executada, este chefe ficára completamente isolado e cercado pela força inimiga. Comtudo, a cavallaria deste valoroso official batera-se denodadamente durante tres horas, antes de se render, o que permitiu a retirada executada em ordem, pelo resto da columna. Foi brilhante este movimento e teve aplausos de seus chefes que o elogiaram em ordem do dia.

(Continúa)

## Consequencias...

A serenidade, a firmeza e a superioridade de vistos que se observa no editorial da «Defeza» de agosto proximo findo traz-nos conforto e ao mesmo tempo a esperança de melhores dias para o nosso apparelho militar.

A verdade ali está expressa de molde a não admittir tergiversações. E se temos quem diagnostique com tanta precisão, com tanta nitidez os males que nos affligem, não vemos razões que nos convençam da inexistencia de quem seja capaz de applicar o remedio salvador.

A onda de difficuldades que passa na actualidade por sobre nós não ha de ser de molde a aniquilar a todos.

A pessoa que, embora alheia ao meio militar, ler a «Defeza» do referido mez, se capacitará immediatamente assim dos males, pequenos e grandes, que encravam o funcionamento do nosso organismo militar, como da... evolução que, apesar de tudo, vem se operando nos ultimos tempos, sem comtudo deixar de manifestar — parallelamente — a sua ad-

miração por não se haver a mais tempo recorrido ao cordeal adequado.

Esta demora, porém, não nos inhibe e até nos concita a adduzir áquelles, outros males que, embora de menor vulto, seriam sufficientes. — mesmo considerados isoladamente — para destruir o equilibrio, a harmonia desejavel á vida do mesmo organismo.

E' o que vamos tentar fazer nas linhas que se seguem.

Se os individuos chamados annualmente ás fileiras do exercito para receber instrucção militar se apresentassem em sua totalidade e fossem distribuidos pelas unidades de acordo com os quadros em vigor, ficariam estas com um total de homens capaz de permitir que a instrucção fosse levada a effeito sem os inconvenientes que occasionam os effectivos diminutos.

Em verdade, porém, assim não acontece e não raro é ver-se unidades com praças para mais em detrimento de outras sem os seus effectivos de instrucção attingidos.

A consequencia é que os instructores das primeiras ficam sobrecarregados e os das outras impossibilitados de executarem os seus programmas como fôra para desejar.

Não nos digam que o effectivo de instrucção é inferior ao de guerra, como meio justificativo da anomalia. Até ahi... Não nos digam tal porque para responder-lhes alludiremos á crise annual de graduados nas unidades, que importa em augmentar consideravelmente as difficuldades daquelles sobre cujos hombros repousam os pesados encargos da instrucção.

Não fica ahi o inconveniente: o fornecimento de fardamento tem sido feito independentemente de pedidos, de acordo com os effectivos de instrucção; como a verba para esse fardamento é obtida mediante orçamento, cada unidade só recebe o indispensavel á satisfação das necessidades de taes effectivos. Como, porém, umas têm estes effectivos superiores aos marcados, por causa dos aggregatedos por excesso, acontece que o fardamento que lhes é distribuido torna-se insufficiente, dando lugar a faltas; estas geram reclamações, que, em principio, não têm razão de ser.

Um meio simples, e subsidiario, para evitar semelhante desequilibrio, seria estabelecer que os recrutas só recebessem fardamento nas unidades onde ficassem definitivamente incluidos.

A repartição pagadora cumprindo estritamente o seu dever torna-se, não obstante, alvo de reclamações, que aliás, quando feitas em termos, são imediatamente attendidas, embora fique o seu stock de instrucção — em formação — desfalcado.

Para obviar esse mal poderão tambem sugerir a transferencia de fardamento no sentido conveniente, quando o desequilibrio em homens nas unidades tiver lugar numa mesma região.

Com quanto exequivel, não é este o correctivo para o caso, por incompleto, alem de forçar a troca de correspondencia, com o fim de deixar a D. A. G. ao corrente de tudo para não difficultar um só instante o seu papel fiscalizador. Supondo, porem, que assim se procedesse, a parte mais importante da questão — a relativa á instrucção — ficaria sem solução.

Muito mais facil será abordar directamente o problema, tanto mais quanto este não é de molde a deixar duvidas quanto ao caminho a seguir e muito menos quanto ao resultado.

Capitão *Paulo Bastos*

## A nova missão social do official

«A intelligencia, o caracter e o espirito de devotamento ao dever são as qualidades essenciais do official.»

GAVET.

Previno ao leitor, para que não soffra uma desillusão, que nada de original encontrará nas linhas seguintes; são idéas que vivem no ambiente, idéas de todo o mundo; umas, reminiscencia de leituras, ouvidas algures outras; citações, exemplos do que em outras lugares se pratica e pequeno numero de reflexões e observações pessoaes. Drei, como desculpa, que já a Biblia afirmava nada de novo existir sob o Sol e que seu unico intento é despertar, sobre o assumpto, a attenção dos competentes e fazer aos de boa vontade pôr mãos á obra. Aos egoistas, aos indiferentes, aos de má vontade, a estes nada direi.

Dizer que o caracter das guerras actuaes é serem movidas pelos interesses do

commercio e industria; que deixaram de ser simples lucta entre dois exercitos, para se tornarem formidaveis golpes, de vida ou morte, entre duas nações; dizer isto, é repetir lugares communs, de uma evidencia que dispensa demonstração. D'esta mudança de caracter das guerras resultou se transformarem os exercitos, de profissionaes que eram, em nacionaes e, como consequencia, a instituição do serviço militar pessoal e obrigatorio.

Em nosso paiz, finalmente, *a farda nas costas* deixou de ser a espada de Damocles, suspensa pela policia ás cabeças dos desordeiros, viciados e incorrigiveis. De trez annos a esta parte afflue á caserna regular contingente de patrícios, trazidos pela lei do sorteio. Este auspicioso acontecimento, já de ha muito realizado em paizes de nível em nada superior ao nosso, trouxe ao official brazileiro, elemento profissional do Exercito, um accrescimo de responsabilidade e encargos, largamente compensados pela nobreza da nova missão que lhe é imposta e pela oportunidade que se lhe apresenta de prestar á Patria mais um serviço.

Estes contingentes annuaes podem ser divididos em trez partes principaes, segundo as procedencias:

- elemento proveniente dos grandes centros;
- elemento vindo do interior do paiz;
- elemento procedente de diversos nucleos coloniaes.

Vamos, perfuntoriamente, analysar cada um d'elles.

a) Ao estudar nossa historia notou o saudoso escriptor patrício Eduardo Prado, que nenhum grande facto europeu deixou de repercutir em nosso paiz ou influir em nosso destino; no momento presente o proletario da Europa, castigado pela miseria, trabalhado por idéas subversivas «arregaça a manga da camisa» e, na ilusoria esperança de estabelecer a igualdade entre os homens — novo leito de Procusto — tenta destruir a ordem social levando de roldão instituições seculares. O accrescimo de soffrimento e desconforto, consequencia da grande guerra, foi a gotta d'agua que extravasou o copo cheio.

Já entre nós aparecem symptomas da repercusão desse movimento e, accentuar-se-hão quando, como é de esperar, levas de immigrantes contaminados do virus

destruidor-reformador aportarem ao nosso paiz.

Aos espiritos verdadeiramente patriotas se impõe a ingente tarefa de deter, ou pelo menos, attenuar os effeitos d'esta crise e, ao Exercito, cujo sentir foi sempre synchronico com o da Nação, cabe boa parte d'esta tarefa; pois, individuos provenientes dos grandes centros, imbuidos de taes idéas, virão ter ao quartei em virtude da lei do sorteio.

b) A salutar lei trará tambem á caserna um numero consideravel de patricios arrancados do interior do paiz, onde vegetavam á margem da civilisação; individuos de ignorancia quasi absoluta; desherdados que não usufruem os mais rudimentares conhecimentos do patrimonio geral, demais, soffrendo, em sua grande maioria, de abolia; M. Lobato retratados magistralmente no typo de Geca-Tatú.

Quem tem *vivido* a vida da caserna e se dedicado á função de educador, sabe bem que o desdenhado Geca é materia plastica admiravel quando mãos habéis procuram afeiçoal-o; docil e grato a quem com bondade lhe ministra um pouco de luzes e desperta seu adormecido sentimento de personalidade, se metamorphosea, de semi-bruto que era, em homem digno do nome, enchendo ao educador de intima satisfação, que o recompensa do exhaustivo trabalho. E' certo que alguns, em pequeno numero, resistem a esta transformação, só se o conseguindo com muito esforço e tempo.

c) Com os precedentes virão, dos diversos nucleos coloniaes patricios que não nos entendem e não são por nós compreendidos; pois ignoram nossa lingua, nossas tradições, nossas aspirações como povo, as bellas paginas de nossa historia, emfim tudo que á nossa Patria se refere.

A incuria dos dirigentes os deixou segregados do resto da nacionalidade, apenas a ella juxtapostos e, para cumulo, tendo por mentores justamente aquelles a quem convinha esta ignorancia.

Não lhes cabe, portanto, a menor culpa do facto.

Incorporar este elemento á nacionalidade, fazel-o assimilar nossos costumes, amar esta grande Patria, eis a tarefa que compete ao official; ainda aqui os esforços serão coroados de successo si houver bastante tacto, perseverança, bondade e devotamento.

Ao lado pois, da função puramente

technica, sempre principal, de instructor, cabe ao official, principalmente capitães e subalternos, a não menos nobre tarefa de educador que, embora subsidiaria, é importante, lhe advindo d'ahi forças que não são de desprezar.

Em paizes onde é elevada a cultura geral, se não despresa este auxilio do exercito; em o nosso, onde é vergonhosa a percentagem da analphabetos, creio, deve ser olhada com particular sympathia e aplausos.

Ninguem ignora que uma paz prolongada torna as classes civis mal humoradas contra as forças armadas, na convicção em que se acham de sua desnecessidade. E', dizem, um orgão que não preenche sua função unica, função que é sua razão de ser — não se bate —; absorve grande parte do orçamento sem nada produzir; afasta da agricultura, commercio e industria grande numero de braços. Maior do que em épocas passadas, é este mau humor, na actual onde a sociedade vive trabalhada por idéas generosas e pacifistas, sempre desmentidas e contrariadas pelos factos; apezar d'isto, sempre com impenitentes adeptos.

No ambito das proprias relações, cada um de nós tem a prova d'esta malquerença, velada ou claramente manifesta quando a classe obtém qualquer accrescimo de vantagem ou posição.

A taes queixas poderíamos responder dizendo simplesmente: que se o Exercito não se bate (o que é uma felicidade para a Nação) está sempre prompto a se bater; que, «as guerras, como os abcessos, formam-se lenta e obscuramente e, como elles, se rompem quando menos se espera» ellas existem em estado latente entre os povos, a menor fagulha fal-as desencaudearem-se; que de facto o Exercito pesa no orçamento; mas que nenhum desses senhores ciosos de nossas finanças, deu-se ainda ao trabalho de calcular quanto nos custaria em caso de guerra, o abandono de nossa defesa; além das humilhações de toda sorte por que teríamos de passar, que, os elementos que tomamos á lavoura, ao commercio, á industria etc., para elles voltam melhorados, pois a caserna é um filtro onde se purificam das impuridades de que por ventura vinham impregnados; ahi aprenderão a disciplina, a obediencia, preceitos de hygiene physica e moral tornando-se portanto mais uteis á sociedade.

No meio de uma sociedade que assim detesta a guerra, o official sente-se isolado e, tanto mais, quanto mais elle ama sua profissão, essa profissão que escolheu por julgar de todas a mais nobre. Este isolamento é um mal, peor ainda é a duvida que nasce ou pode nascer, no espirito de alguns officiaes (tal a somma de escriptos a respeito) sobre a utilidade de sua profissão, dando lugar a scepticismos e descrenças que, diga-se a verdade, não rara vez, servem para encobrir o intuito de fugir ao serviço militar.

Não são raros os que, rompendo os laços de solidariedade, procuram derivativo a este estado de espirito dedicando-se a mistéries alheios á profissão; mas destes, a carreira das armas que é ciumenta, se vinga tornando-os inuteis e com ella incompatíveis. No entanto, a duvida que por ventura tenham sobre a utilidade de sua profissão dissipar-se-ha ao se lembrarem que a Paz, quando muito, pode ser comparada a um limite mathematico do qual nos approximamos sem nunca attingil-o.

A oportunidade se apresenta, do official mostrar á evidencia, que mesmo nos periodos de paz não é um parasita, um eunuco social, que o Exercito não é um kisto no organismo nacional; educando o sertanejo ignorante e boçal; tornando conscientemente disciplinados e ordeiros os individuos provenientes das nossas grandes cidades; integrando na nacionalidade e fazendo estimar a esta grande Patria os brasileiros de origem não lusitana, tem o official, nesta tarefa, trabalho fecundo de utilidade incomparável; e o Exercito, além de escola de civismo, é o cadiño onde se fundem em um todo uno, os elementos componentes da nacionalidade.

A somma de conhecimentos que a Nação accumula em seus officiaes, não ficará estéril como o dinheiro de um avarento; esse capital terá um fim social.

Si é um dever de todo homem culto, espalhar as luzes de seu saber por seus semelhantes menos favorecidos da sorte, no official deixa de ser dever, para tornar-se obrigação.

Que utilidade pode ter para a classe e para a sociedade o official, por maior que seja seu talento, por mais vasta sua cultura si estes dons só servirem para seu goso egoístico; si a seus subordinados não transmittir um pouco d'estes conhecimentos?

Vejamos em que consistirá esta tarefa, ou em outros termos, como deve ser executada. Certamente se não pode delimitar um programma, o que cercearia a iniciativa do official; mostrar apenas o *caneva* de que cada um encherá mais ou menos os vazios, conforme sua intelligencia e principalmente sua boa vontade.

A ignorancia dos sorteados sobre os mais comesinhos assumptos é tal, tão grande o numero de credices e abusões de toda a sorte de que se acham imbuidos, que não é difficult, no contacto diario com elles, achar o official materia sobre que deva esclarecer-l-o; spontaneamente se apresentarão oportunidades para ministrar estas *noções de causas*; mas, sobretudo, á educação moral carece prestar a attenção, ainda aqui surgirão spontaneamente, ao educador, as occasões. Ao explicar, por exemplo, o que seja a disciplina, a subordinação, a obediencia, mostrará como, ao em vez de se rebaixar o homem, principalmente o soldado, que conscientemente obedece e se subordina torna-se mais digno; recordará que já na vida civil, no lar, como na escola ou em qualquer profissão é a disciplina util e necessaria, e como são tidos em mau conceito pela sociedade aquelles que a ninguem querem se submeter; aproveitará a occasião para mostrar o quanto tem de falsas e erroneas as idéas, tão espalhadas actualmente, sobre igualdade e nivelamento sociaes.

Ao falar da Patria, ao ensinar nossa historia aos de origem não portugueza, salientará nossos grandes feitos e grandes homens, mostrando-lhes que a outros povos nada temos a invejar, que podemos ter justo orgulho do nome brasileiro.

A outros erradicando vicios como o alcoolismo, a dissimulação, a mentira, a negligencia; desenvolvendo ou creando qualidades de carácter taes como a energia, a firmesa de vontade, a iniciativa, o espirito de sacrificio para com a Patria, a lealdade etc. Assim obrando terá o official prestado á Patria e ao Exercito serviço de valor inestimável.

Naturalmente, a estas novidades surgirão objecções, prevejo, entre outras as seguintes:

a) A familiaridade que forçosamente se estabelecerá entre superiores e subordinados enfraquecerá a disciplina, diminuindo a autoridade do chefe, sendo, além disto, contraria ao espirito militar.

b) Ao official, já sobrecarregado de trabalho, faltará tempo para mais este encargo.

c) O official não tendo sido para esta missão preparado, precisará aprendizagem, ou mal ha de desempenhal-a.

d) A outro orgão social competia esta função.

e) Qual a compensação a este accrescimo de trabalho?

Examinemos cada uma d'ellas.

a) A esta objecção se responde dizendo que «nossos inferiores não são seres inferiores, são seres humanos e como taes devem ser tratados». E' precaria a disciplina que tiver por fundamento o medo do inferior ao superior; não é mesmo possível que o temor ao castigo seja capaz de levar as massas a praticarem actos de coragem e abnegação, a supportarem os sofrimentos de toda a sorte que a guerra exige. A causa deve ser outra, muito mais nobre e elevada; o sentimento do dever, a energia, a firmesa de vontade etc. Estas, portanto, as qualidades que cumpre serem criadas ou desenvolvidas e, certamente não se o conseguirá, si o official — com o orgulho e vaidade que o poder sobre outrem geralmente tráz — empregar somente a rispidez, a cada passo humilhar o subordinado, fazendo com que este nunca esqueça a diferença que os separa. Este metodo, alem de pouco nobre, por se exercer sobre homens tornados pelos regulamentos indefesos ante o official, é contraproducente; pois, em todo homem, mesmo no mais humilde, existe certo sentimento que o faz revoltar-se intimamente á condição de ser a outrem subordinado, e, este sentimento é sem duvida respeitável.

No commando sem arrogancia, com simplicidade e bondade reside o segredo do ascendente moral; somente pois, o caracter, o espirito de devotamento ao dever e a bondade do official, podem educar efficientemente ao soldado.

Mais de uma vez tenho citado a bondade como factor na educação; convém fazer uma distincção; certamente não me refiro a essa bondade inerte que se limita a desejar o bem alheio, sem concorrer de modo algum para isso, a fazer concessões irregulares, bondade que não sabe dizer *não*; menos ainda á que tem por mira obter popularidade. Estas podem sem duvida, ser uteis ao politico; no official seriam qualidade detestavel. Refiro-

me á bondade esclarecida que procura destruir os pequenos ou grandes vícios de seus subordinados, que nelles desperta nobres sentimentos, que os guia e ampara em suas justas pretensões, que se interessa mesmo por suas alegrias e tristezas etc. Assim comprehendendo, julgo de facto a bondade uma força e das mais poderosas e, a autoridade do chefe, neste caso, tendo por base a estima respeitosa de seus soldados, só pode ter aumentado; pois nos humildes, — ao contrario dos hyper-civilisados a quem é doloroso dever um beneficio a alguem — nelles, é commun o sentimento de gratidão.

A historia militar regista inúmeros actos de coragem e abnegação, dictados pela dedicação dos soldados a seus chefes, quando faltavam o apello ao dever e as ameaças de castigo.

O espirito militar, tambem elle, recebeu os influxos da evolução; a lei de adaptação é geral, — quem se adapta progride, quem se não adapta fenece. — Dois exemplos mostram como de facto evoluiu o espirito militar: Turenne e Condé, cada um por sua vez, commandaram exercitos de Hespanha, achando-se este paiz em guerra com a França, sem que fossem julgados trahidores por seus compatriotas; já Bazaine, que não soube em 70, empregar convenientemente o exercito que commandava se tornou execrado e, na grande guerra ha pouco terminada, afirmaram os jornaes, um general frances foi fuzilado por não ter *fé bastante na victoria*. E' prova de como tem evoluído o sentimento do dever para com a Patria.

Outro exemplo: em épocas passadas julgar-se-hia deshonrado o militar que para desenfiar-se aos tiros inimigos, se utilizasse dos accidentes do terreno ou outro qualquer meio; hoje todos os regulamentos prescrevem regras a respeito; a coragem, hoje como hontem, é virtude capital no soldado; evoluindo tornou-se apenas mais racional.

b) E' facto verificado que em geral se queixam de falta de tempo, justamente os que nada fazem. A instrucção não é de tal modo absorvente, ella se exerce por intermitencias e deixa, durante as horas que o official está no quartel, intervallos que são empregados em palestras, cujo thema, não rara vez, é a *trepacão* mais ou menos inoffensiva. Dedicando este tempo á função de educador, tem o

official a dupla vantagem de afastar de si as preoccupações mesquinhas, compensação de quem se entrega a preoccupações nobres; e se não deixar tomar pelo tédio profissional, de que alguns são vítimas pela monotonia de ensinar sempre as mesmas cousas.

c) O nível intellectual da officialidade brazileira é bastante elevado para com proveito desempenhar este novo encargo; não será dahi que ha de vir a dificuldade; infelizmente porém, se a intelligença é quinhão da grande maioria, o carácter o é de menor numero e o espirito de devotamento ainda é menos espalhado; no entanto, de pouco servirá a primeira se não for acompanhada das outras duas qualidades essenciaes do official.

A condição de sucesso é dedicar-se o official á sua nova incumbencia com amor e entusiasmo.

«Para realisar o dever, por simples que este seja, é necessário energia» e esta energia só pode emanar do amor á profissão.

«Quem não ama sua profissão, cumpre sem entusiasmo com os deveres que ella impõe» ao passo que aquelle que a estima não carece de forças que o empurrem, é mesmo impossivel dirigil-o em sentido contrario.

d) Seria, sem duvida, util e agradavel, que os individuos que actualmente recebemos, se achassem de posse dos conhecimentos rudimentares, adquiridos na escola; que seus caracteres, sinão de todo formados, viessem ao menos bem encaminhados pelo lar; bem menor então seria nossa tarefa; ao quartel caberia apenas desenvolver os sentimentos civicos como chave da aboboda da educação nacional; o facto, porém, é que isto não passa de aspiração e contra factos os argumentos são inuteis. Demais, é comum em todas as classes, fazerem uns, o serviço de que outros se eximiram; em geral um mal qualquer não é reparado por quem o faz e sim por outros.

O official que tem probidade profissional e nítida comprehensão de seus deveres, que sente a responsabilidade que sobre elle pesa, — responsabilidade que aceita com prazer, pois faz parte de sua função — não pode apresentar semelhante escusa; ao contrario, dedicando todo o esforço de que é capaz ao cumprimento de seus deveres é sempre torturado, por julgar mediocre o resultado o-

btido, posto em confronto com o que a Nação tem o direito de exigir, quando necessário, desses homens de que foi o instructor, o guia, o preceptor moral.

e) Finalmente a esta ultima objecção se responde com as palavras textuaes do Capitão Gavet: «Que as recompensas coroem vossos esforços, tanto melhor, jamais devem ser a causa de vossas bellas acções» acrescentando que a satisfação de bem cumprir seu dever deve, como recompensa bastar, a quem o devotamento a este dever é condição essencial.

Capitão Acacio Farla Corrêa.

## A visita do Snr. General Sebastian Buquet

Poucas missões me têm sido tão sympathicas e uteis, como essa que me foi commettida, de acompanhar o Snr. General de Divisão Sebastian Buquet, delegado militar da Embaixada Uruguaya. Cava heró dos ma's finos, soldado de grande envergadura moral, general de profundos conhecimentos profissionaes, deixou-me o General Buquet uma impressão duradoura de alento, uma sensação renovadora de animo e de confiança em nossos homens e em nossos destinos.

Não foi unicamente o contacto diario e proficuo com o general illustre; não foram os ensinamentos, que recolhi com egoistica satisfação, que mais me fizeram vibrar num anel de legitimo orgulho. Foi a observação intelligente das nossas cousas, de todos os aspectos que lhe apresentou a nossa actividade militar.

Delegado Militar da Embaixada de Haya, conhecedor dos mais adiantados exercitos europeus e americanos, as observações do illustre visitante sobre o nosso, têm o alto valor de manifestações autorisadas e valiosissimas, garantidas por um dos mais bellos caracteres, fundamentalmente respeitado em sua patria, e bem conhecido em paizes limitrophes.

Em contacto com esse general moço, illustrado, franco e leal, pouco a pouco se me foi desaparecendo, como neve que se esvae aos primeiros clarões matutinos, esse malfadado pessimismo tão nosso, que nos faz duvidar de todas as cousas, que sejam só nossas, inteiramente nossas.

Produziu-se um facto perfeitamente logico e natural entre o General moço e o Capitão velho. O General cheio de ardor e de entusiasmo, era um juiz sereno e imparcial para ver e para julgar e os seus assertos, as suas opiniões justas e verdadeiras fizeram desapparecer o má-

estar chronicos, fructo de uma carreira sem futuro, cheia de sacrificios e desillusões, e que é ainda o nosso verdadeiro mal, que nos faz ver tudo com as mais negras cores. Senti-me aos poucos, rejuvenescido e entusiasmado, observando as nossas cousas com mais serenidade, com mais calma.

A's apreciações leaes do General Buquet, favoraveis umas, contrarias outras, eu pospusha a minha observação premeditada, para ajuizar do asserto que vinha contrariar conceitos, que eu já formulára. Fui obrigado a capitular e a notificar que os nossos discontentamentos, e a nossa mania de ver tudo ruim ou peior, é um estado doentio que precisamos combater e que absolutamente não traduz o estado de adiantamento dos assumptos militares. Recebi um banho victorioso de energia e de entusiasmo pelos nossos progressos, pelos nossos destinos. Trilhamos francamente, desassombradamente para o nosso definitivo aperfeiçoamento e é bem de lastimar que o coroamento todo dessa grandiosa obra seja lançado por mãos estranhas. Podemos, entretanto, levar ao nosso activo um grande período de devotamento e de proveitoso esforço, representativo de um longo trabalho util, desajudado de experencia alheia.

Pesa-me dizer (*mea culpa, mea max'ma culpa*) que levamos a maldizer dos nossos homens, das nossas cousas, e duvidar de tudo e de todos. Porque progredimos, então? Será, porventura, só o nosso concurso pessoal e individual, que vale? Para que haja progresso é necessario que haja concerto e harmonia entre os concursos individuaes. Podemos constatar a existencia de um progresso colossal. Logo, ha a coexistencia de numerosos valores pessoaes, representativos de esforços uteis e proveitosos para a collectividade. E é essa a verdade. Nada de pessimismo destructor e malefico. Tenhamos o valor de nos honrar com o que é nosso, e digamol-o com desassombro: temos generaes que nos guiam com mão segura e firme, com largo descortino; commandantes que nos auxiliam; camaradas que nos prestam grande collaboração, sem o que a nossa obra collectiva não teria apresentado progresso algum. Não repudiemos a nossa obra: ella só nos pode honrar.

As visitas, aos corpos e estabelecimentos militares impressionaram fortemente ao General Buquet e tenho grande satisfação em declarar que a minha impressão tambem foi a melhor possivel. Vi em todas elles a sinceridade e o desejo de mostrar o que temos e o que fazemos, sem a menor preocupação de fita e scenographia.

No 13º Regimento de Cavallaria nos foi apresentado uma admiravel escola de volteio, trabalhos bellissimos de equitação e de gymnas-

tica, em apparelhos, de officiaes e, dias depois, o General Buquet assistiu no Campo de S. Christovão aos exames de recrutas desse regimento, para os quaes teve palavras elogiosas.

No Grupo de Obuzes e no Collegio Militar, sente-se uma reconfortante sensação de victoria e que não é vazio de tão patriotismo o nosso esforço, sobre ser uma ação grandemente moral a formação dos nossos soldados e a educação militar dessa juventude.

E a sensação que se tem ao ver aquella petizada marchando garbosamente cheia de entusiasmo!

No Arsenal de Guerra vê-se a obra patriotica que tem sobre si o grande desideratum da fabricação de aço nacional. No Polygono de Tiro, no 1º Regimento de Infantaria, na Fabrica de Cartuchos, na Escola de Aperfeiçoamento, observa-se o trabalho honesto e fructuoso de profissionaes que têm a consciencia de seus deveres.

A Escola Militar do Realengo, que funciona sob moldes novos é digna de vêr-se. Resalta della a orientação de formar verdadeiros officiaes pelo trabalho methodico, util e proveitoso. Lá chegamos cedo, pela manhã, e vimos todos trabalharem nas respectivas especialidades, de acordo com os horarios e com os programas. Via-se em tudo uma manifestação de actividade consciente e em todos uma alegria victoriosa de quem tem ideaes e por elles trabalha ardorosamente. Posso afirmar, pelo que vi, com olhos de profissional exigente, que na Escola se realiza com benefico acerto, uma grande obra de patriotismo.

Ao terminar as visitas eu já sentia vibrar em mim uma certa dose de jubilo patriotico. E quando o illustrado visitante me perguntou se nós tinhamos chegado a este estado de adiantamento só com a nossa orientação, com o nosso unico esforço, senti um arrepio de altivez e de legitimo orgulho ao dar-lhe uma resposta afirmativa.

Capitão A. AlenCASTRE.

## Preparo do homem para a Patria

De uma conferencia feita no 1º Batalhão de Engenharia pelo Capitão Luiz G. Borges Fortes

Por mais que philosophos de gabinete, economistas de livros, oradores parlamentares ou demagogos das ruas, e os mais bem intencionados sacerdotes da paz, procurem negar a guerra como um phenomeno social, a realidade positiva, a verdade irrefutavel é que a guerra existe em

estado latente no meio humano e as suas explosões surgem periodicamente como as lavas vulcanicas do seio da pyrosphera.

A quem é dado prever a manifestação vulcanica?

E' verdade que os sismographos anunciam os movimentos intraterrestres, os abalos vulcanicos, porém, onde se vão fazer sentir seus effeitos não é dado a elles predizerem.

Assim a guerra é um vulcão. Quaes são, porém, os sismographos da guerra?

E' a força armada? é o desenvolvimento industrial do paiz? é o excesso de população? é o atrazo intellectual d'um povo?

São sentimentos bons ou sentimentos maus que levam á guerra?

Deixemos aos philosophos a discussão d'essas premissas e encaremos o problema como elle se apresenta, isto é, como um facto concreto.

Ora, se estamos convencidos d'isso e se pensamos um pouquinho nos effeitos da guerra, ocorre-nos logo o dever de cuidar dos meios de diminuir as suas desastrosas consequencias, ou então, o que será melhor, preparar a victoria...

Até hoje não me consta que nenhum povo tenha pensado em evitar os effeitos da guerra ou afastal-a satisfazendo ao seu inimigo nas abusivas exigencias por elle feitas, pois que a dignidade das nações é tão melindrosa quanto a dignidade do homem; a unica diferença que existe é que a dignidade do homem encontra defesa e amparo na legislação social, na accão preventiva da lei ou na accão coercitiva da pena, enquanto que a dignidade das nações não tem por defesa senão a sua força armada!

*A força armada!* Eis-nos no limiar do portentoso edificio das nacionalidades. E' ella que representa sua fachada, é por ella que se mede a capacidade de um povo para viver soberanamente e progredir, é ella que se pesa na balança do direito internacional! Os Congressos de paz, as conferencias internacionaes, quando se ocupam dos interesses de cada nacionalidade os catalogam na ordem de sua densidade em armas!

Meus Senhores, o esquecimento da guerra tem muitas vezes levado povos de tradições militares brilhantissimas a situações as mais extraordinariamente dificeis.

Agora mesmo, na mais estupenda das

guerras da humanidade, a qual envolveu povos dos mais remotos continentes, que ensinamentos podemos tirar d'ella?

Antes de mais nada: que uma nação que cuida esmeradamente de sua organisação militar pode, em pouco tempo, transformar a ordem social, alterar a geographic politica do mundo, se a isto não se oppuser um conjuncto poderoso de outros elementos, uma Entente universal?

Mas, para a organisação d'esse conjunto, quanto sacrificio a realisar, quantas expectativas amargas, quantas vidas sacrificadas, quanta ruina material?

E quem poderá esperar que esta Entente se realise sempre nas mesmas condições? E depois, uma vez victoriosa esta facção, como conciliar os tropheus da victoria? porque, meus Snrs., os interesses dos povos que vão á guerra não são os mesmos; ao contrario, elles são distintos, cada um tem seu ponto de vista proprio, isto quando não se dá, que muitos d'elles tenham as vistos voltadas para uma mesma conquista.

Por isso, por mais dissonante que possa ser minha voz, no momento em que se organisa a legislação da Paz universal, legislação feita pelos maiores estadistas contemporaneos, digo como soldado convencido da sua função e não como um empregado publico que vive do seu ordenado e que procura justifical-o: Precisamos cuidar da nossa organisação militar, não obstante o tratado das nações!

\*

Como abordar o problema da organisação militar?

Cada povo tem a organisação militar adequada ao seu desenvolvimento moral e intellectual, ao seu desenvolvimento material, densidade de população e riqueza, á sua situação geographic, ás suas tradições, aos tratados que mantém e muitas outras circumstancias secundarias. E' pois um problema complexo, mas, nem por isso deixa de ser objecto de nossas cogitações.

O desenvolvimento de um povo é função da educação que recebe o cidadão, educação que se inicia no *lar*, (e que é a mais duradoura de todas) desenvolve-se na escola, sob o ponto de vista civico e intellectual, e se aperfeiçoa na sociedade pela solidariedade e sobretudo pelo exemplo.

O desenvolvimento material, nem sem-

pre corre parallelamente ao desenvolvimento moral; ao contrario, nos povos novos o desenvolvimento material é em geral maior que o aperfeiçoamento moral; d'ahi um certo desequilibrio do qual se resente a organisação militar.

A situação geographic a e a tradição são factores que igualmente reflectem sua influencia na ordem militar, ora creando facilidades, ora creando embaraços.

A densidade da população influe dum a maneira relativa, pois o que está geralmente aceite é uma taxa ou percentagem chamada imposto de sangue que varia entre 1/2 e 1 1/2 por cento como se vê do seguinte quadro:

subordinação e respeito á ordem instituida; porém, todo esse conjunto intelectual e moral não se obtém de uma só vez, é trabalho mais ou menos afanoso e é preciso antes de tudo dár ao soldado um conjunto de qualidades physicas essenciaes que elle não possúe. Em geral, o incorporado é destituído de garbo, curvado pela inercia do habito, cabisbaixo, olhar vago, descuidado nas suas roupas, gesticulador ao fallar, fallando mais por mimica que por palavras e quando falla sua voz é sumida e titubeante. Tudo isto são vicios tradicionaes e é muitas vezes o temor descabido de fallar ao seu superior, sempre receioso de incidir em

Nações	População	Superficie	População relativa	Despeza annual	Efectivo de paz	Contribuição por habitante	Soldados por cada 1000 habitantes
França.....	40 milhões	536.000km <sup>2</sup>	73 hab. por km <sup>2</sup>	450 mil contos	550.000	11.200	16,6
Allemanha.....	65 »	540.000 »	120 »	487 »	650.000	7.500	10,3
Austria.....	49 »	676.000 »	72 »	360 »	400.000	7.220	8,0
Italia.....	35 »	286.680 »	120 »	175 »	280.000	5.000	8,0
Hespanha.....	20 »	505.000 »	40 »	180 »	160.000	9.000	7,0
Portugal.....	5 »	92.000 »	61 »	19 »	32.000	3.500	6,0
Chile.....	3 »	759.000 »	4,6 »	30 »	22.000	8.500	6,0
Argentina.....	6 »	2.800.000 »	2,2 »	72 »	25.000	12.000	4,0
Inglaterra.....	45 »	314.000 »	141 »	382 »	180.000	8.500	4,0
Brazil.....	25 »	8.500.000 »	2,9 »	75 »	30.000	3.000	1,2

Este quadro é bastante expressivo: mostra quanto estamos afastados em todos os exercitos europeus e nos do Chile e da Argentina.

O que é indispensavel, meus Snrs. é preparar o homem para a defesa de sua Patria.

O meio de chegar a este fim é indubitablemente o serviço militar obrigatorio a que tem atingido todas as nações. Nós, apezar d'um atraço injustificavel, vamos entrando lentamente no regimen do serviço militar obrigatorio, primeiro passo para manter o exerçito efficiente e constituir as reservas em homens indispensaveis á sua accão na guerra.

Uma vez incorporado o cidadão soldado devemos educal-o no exercito para a Patria. Esta educação apresenta varios aspectos e qualquer d'elles não é menos importante e digno da nossa attenção.

O incorporado deve na caserna completar e methodisar as noções mais ou menos vagas que tem, do que seja seu dever de cidadão-patriota, da disciplina social, da

supostas faltas que o trazem nessa attitude. Tudo isto temos que corrigir para devolver á actividade civil, amanhã, não o recruta bisonho, o roceiro timido, porém, um homem forte, consciente de sua capacidade physica e moral, amigo da ordem, do methodo no trabalho, da disciplina na accão e da subordinação hierarchica, tanto militar como social; um homem livre, emfim, capaz d'esta forma de contribuir para a grandeza da sua Patria! Porque, meus Snrs., a liberdade e a disciplina não são cousas antagonicas, ao contrario, ser disciplinado é defender a liberdade, e a hierarchia não é um privilegio militar, ella é uma condição social iniludivel e sem disciplina, que é o respeito á lei, não pôde haver ordem e sem subordinação não pode haver progresso!

Mas o que é preciso ensinar ao soldado?

Os regulamentos em vigor estão perfeitamente a par da epoca, os seus delineamentos estão perfeitamente estabelecidos, o que é preciso, é desenvolver-los, é co-

dificar a instrucción de maneira que esta seja uniforme simplificando assim o esforço dos instructores que são instaveis e têm annualmente de methodisar a sua accão.

De uma maneira geral podemos fazer a seguinte classificação do ensino militar:

Preparo do soldado	Educação moral	Patria Disciplina ..... Historia e tradição Honra militar	Obediencia Subordinação
	Educação physica	Porte marcial Hygiene. Gymnastica Natação. Equitação Esgrima. Desportos	
	Educação intellectual	Litteraria Profissional Technica	

#### *Da educação physica*

«Dai-nos homens, nós os faremos soldados», dizia o General Ghanzy.

A educação physica que se procura obter do soldado não é para transformal-o em athleta ou campeão do sport, é para tornal-o apto a ser soldado.

O soldado de todos os tempos teve sempre que dar provas de resistencia physica muito acima das condições normaes do vigor humano; as marchas mais ou menos prolongadas, os rigores da intemperie, a alimentação nem sempre dada a hora certa, especialmente na guerra, as vigilias mais ou menos rigorosas, exigem naturezas physicas capazes de vencer.

O homem que vem para o serviço das armas pode ser mais ou menos desenvolvido physicamente, segundo sua constituição natural, porém, quasi todos elles se resentem de uma absoluta falta de destreza, de flexibilidade, de elegancia mesmo nos movimentos, pois que a elegancia não é uma qualidade expontanea, ella pôde ser obtida pelo exercicio systematico.

E' preciso, pois desenvolver estes predicados que são a base da aptidão futura para os grandes esforços; são estes predicados que dão ao soldado em qualquer momento o cunho especial a que chamamos o *garbo marcial*. Este desenvolvimento physico não se obtém, já se vê, com o ensinamento de preleções oraes: é a accão methodisada e progressivamente crescente em intensidade, que transforma o desajeitado recruta no soldado erecto; o paisano inerte, no soldado activo.

A educação physica deve ser continua

e variada: ora são os exercícios de esgrima, natação e gymnastica, ora os exercícios de marcha, equitação e os desportos que preparam o homem-soldado. Procurae exigir do sedentario, do burocrata, do operario que vive inseparavel da machina oito horas por dia e obrigae-o a marchar duas ou tres horas, o resultado certo é sua inutilisação momentanea para qualquer outro esforço, enquanto que, o soldado trenado nos exercícios physicos pôde marchar sem grande fadiga o dobro d'aquelle tempo e desenvolver um trabalho duplo compativel com as exigencias da guerra.

#### *Da educação intellectual*

E', sem duvida alguma, das mais trabalhosas porque infelizmente a nossa legislação ainda não incorporou ao seu patrimonio o ensino obrigatorio.

Só é digno dos fóros de civilizado o povo que não tem analphabetos. Sem as luzes da escola não pôde o homem amanhã aperfeiçoar-se, melhorar moral e materialmente, pois que elle é como um cego, que pôde trabalhar pela educação do sentido do tacto porém não pôde moverse sem um guia. Assim é o analphabeto. Elle é incapaz de viver sobre si, as suas relações com o meio são limitadas e elle não pôde ter tranquillidade, pois está sempre na dependencia de outros.

E' bem verdade que o exercito não incorpora só analphabetos; o brasileiro vae reconhecendo, independentemente da acção do Estado, a necessidade de instruirse intellectualmente.

A instrucción elementar ministrada no exercito, está em flagrante contradição com as necessidades do cidadão-soldado.

Como se poderá exigir do analphabeto o sentimento de nacionalidade se elle desconhece as causas mais elementares de geographia patria?

A educação intellectual que se deveria exigir no quartel é aquella que contribuisse para o aperfeiçoamento da instrucción militar ou technica.

Não é aos 21 annos de idade que o espirito está mais apto a soletrar o b-a bá.

Preparamos a Nação, não com a preocupação estreita dos nossos dias, porém, com vistas mais largas, com vista na Patria de nossos filhos! Instituamos o mais breve possivel o ensino obrigatorio e teremos contribuido grandemente para o progresso nacional e segurança da Patria!

*Da educação technica*

Além da instrucção militar propriamente algumas tropas como a nossa, de Engenharia, têm a seu cargo a instrucção technica.

Ora, a technica não é cousa que se possa ensinar no *curto prazo do serviço actual*.

A instrucção militar já em si exige da parte do instructor, regular somma de esforço e da parte do sorteado grande trabalho intellectual para reter na memoria todos os ensinamentos que lhe forem ministrados. Addiccionar a estas difficultades o ensino technico é exigir demasiado da capacidade do homem. Por isso, penso, que uma vez que circumstancias superiores impõem o serviço militar de um anno, para a nossa arma pelo menos, não deveriam ser admittidos nem analphabetos nem recrutas. E' preciso que, na Engenharia, só sirvam praças promptas da instrucção de Infantaria.

Quanto ao analphabetismo, aqui, menos que em qualquer outra arma, poderá ser elle tolerado, pois, como é possivel dar a um soldado uma noção de perfil de fortificação, noções as mais rudimentares de electricidade, sem lançar mão da ideia de numero, sem uma comparação topographica?

E para o ensino technico profissional quanto tempo se perde em cada anno na nossa arma com a instrucção e preparo dos recrutas?

Não obstante estes ligeiros senões: é ainda no quartel que se prepara da maneira mais positiva e duradora a integridade da Patria: pelos ensinamentos moraes, pela educação physica e pelo ensino technico profissional.

E nós, podemos encerrar esta palestra, dizendo como Xenofonte, ao mesmo tempo philosopho e General:

«A arte da guerra é a arte de conservar a propria liberdade!»

Capitão Luiz Borges Fortes.

Aviação Militar

Com real proveito para nossa defesa e com uma felicidade digna de reparo, está funcionando regularmente a Escola de Aviação Militar.

Dos 11 alumnos que frequentam o curso de pilotos aviadores, oito já estão soltos, isto é, voando sós, treinando-se na direcção dos apparelhos que já conhecem.

Além destes, frequentam tambem a escola, co-

mo candidatos ao diploma de aviadores militares brasileiros, tres primeiros tenentes que já cursaram a escola de aviação naval. Dentre estes já satisfez, no dia 1º do mes corrente, todas as condições necessarias para obtenção do diploma referido, o 1º tenente Raul Vieira de Mello.

O seu sucesso foi uma consequencia esperada, tal a sua dedicação ao trabalho, tal o amor e o arrojo com que procurou obter o diploma que hoje o distingue.

Vieira de Mello conseguiu ser o primeiro piloto aviador formado pela Escola de Aviação Militar.

Vem muito a propósito lembrarmos a segurança, a pericia com que tem sido dirigida a instrucção no aerodromo dos Affonsos.

Cada alumno, quando o tempo permitte, vôa tres vezes — este numero é estabelecido como indispensavel á instrucção diaria. Ha portanto *quarenta e dois* vôos diarios e como a E. A. M. já está funcionando a mais de dois mezes, podemos avaliar em perto de *mil* os vôos realizados sem accidente.

Esta segurança tão animadora a par das vantagens creadas e a crear para o serviço de aviação, que tambem é um dos mais attrahentes sports, contribuirá, certamente, para que tenhamos um bom numero de pilotos militares.

Não fosse o lamentavel desastre que, antes deste periodo de instrucção, roubou a E. A. M. o valioso concurso do nosso distinto camarada 1º tenente Mario Barbedo, poderíamos dizer que o Brazil além da circumstancia de ter sido berço de Bartholomeu de Gusmão e Santos Dumont, tinha ainda a rara felicidade de manter uma escola de aviação onde não se registram accidentes.

**Do Curso de Tiro de Toledo**

(Conclusão)

5ª—*Opinião sobre o methodo de instrucção de tiro da tropa.*

A orientação practica que a Escola imprime a seus methodos e processos de instrucção de tiro só merece elogios, e mais ainda justifica o proposito de accentual-a.

Consideramos logicas e acertadas as modificações apresentadas no transcurso dos exercícios a que assistimos, referentes aos concursos e ao tiro de instrucção e ao individual de combate, fazendo cada atirador executar um tiro prévio de correcção.

Igual conceito merece o methodo progressivo de instrucção de tiro de combate, interpolando entre os exercícios individuais os exercícios colectivos de transição, effectuado por pequenos grupos, o que imprime uma conveniente graduação no ensino; constitue igualmente um acerto a

pratica das pontarias a braços livres reduzindo ao minimo as feitas sobre estatica ou descanso e a do tiro ás pequenas distancias; outrotanto se diz dos exercicios de automatismo, que consideramos da maxima importancia, desintegrando os diversos movimentos da arma na execucao do tiro, cuja regulamentação reputamos urgente e de summo interesse.

A junta de chefes considera que a tendencia a seguir deve orientar-se no sentido de subtrahir o atirador quanto possivel da influencia perturbadora dos factores moraes que, no caso real, intervém, e como derivadora logica e obrigatoria deste proposito, buscar o *automatismo* na execucao do tiro. Necessario e indispensavel é fazer excellentes atiradores de stand, que o sejam igualmente no terreno, mas o ideal é conseguir fazel-os *instinctivos*, por forma que o mecanismo do fogo seja o menos possivel influenciado pelo estado moral, pelo nervosismo do individuo no campo de batalha. E' o mesmo facto do caçador perito que, como ao impulso de um movimento reflexo, encara, aponta e dispara sua arma.

A Junta acha de conveniencia que a Escola disponha de um batalhão, com todos os seus elementos, com que possa effectuar exercicios, investigações, ensaios de methodos e demonstrações.

E por ultimo, a proposito desta importantissima questão, insiste na *imperiosa e apremiante necessidade de dispôrem os corpos de campos de tiros adequados, bem como do material e mais elementos para o tiro. De pouco ou nada servirá o meritissimo labor da Escola e a bona vontade dos corpos, se estes não dispuzérem dos meios apropriados e necessarios para um ensino completo do tiro.*

### 3a Secção da E. C. T.

A conclusão estampada na acta dos chefes sobre o 5º quesito é de perfeito acordo com os methodos e processos da Escola.

Sobre este assumpto a Escola mostrou aos chefes exercicios de inspecção da instrucção do atirador em suas diversas phases *pari-passu* com as preleccões correspondentes.

Esta Junta, portanto, se felicita de haver conseguido seu objecto, toda vez que os chefes apreciaram exactamente a finalidade collimada e se acham de accordo com o exposto e praticado na Escola.

Por consequencia não fará mais que perseverar em sua orientação acerca do ensino do atirador de guerra, que é aliás a do R. T. I.; por todos os modos procurará accentual-a, tornar perceptiveis certos detalhes, e completal-os em harmonia com os desejos, externados na acta.

Quanto ao batalhão esta junta pensa collocar-se num justo meio termo, apreciando com maior modestia suas exigencias e aspirações, e opina que com uma companhia de 150 praças, em lugar da secção de 50 de que hoje dispõe, ficaria a Escola apta para attender a todas as exigencias apontadas; mas, bem entendido, essa cifra é irredutivel, pois o efectivo actual mal permite attender em condições satisfactorias ao ramo do tiro de fuzil e aos serviços peculiares do acampamento da Escola e suas dependencias.

Quanto aos elementos indispensaveis para a instrucção de tiro da tropa, a Escola junta sua supplica á de tão dignos chefes, na segurança de que será ouvida sem tardar.

### 6º — Opinião acerca dos processos seguidos nos exercícios de quadros para a instrucção da officialidade na direcção do fogo

Os processos seguidos no Curso de Tiro respeitaram estritamente os regulamentos tactico e de tiro, expostos com brilho e consciencia; seus resultados levados á pratica dos corpos serão excellentes, pois esses processos obedecem ás regras pedagogicas, inspiram-se em normas marciais e se desenvolvem principalmente no terreno. Observamos que não só aperfeiçoam a instrucção dos officiaes, como tambem a do director dos exercicios e, ainda mais, fomentam em alto grão as relações do commando com seus subordinados, fortalecendo a disciplina, e ao mesmo tempo estimulam o gosto pelo estudo de problemas tacticos em seu aspecto de aproveitamento do terreno e do fogo.

### 3a Secção da E. C. T.

Trata-se de uma especie de ensino, de uso relativamente recente, que embora essencialmente tenha fim pedagogico, a muitos se affigurou como mero expediente para suprir a falta de tropa, com todos os defeitos e inverosimilhanças inherentes a exercicios sem tropa, constituindo depois um máo arremedo dos exercicios com tropa e com fogo real.

A Escola, convencida da utilidade e efficacia destes exercicios de quadros, começou por levalos ao R. T. I.; comprehendeu porém que não bastava prescrevelos, era preciso apresentalos praticamente, pois de sua organisação, da conducta da direcção e da critica dependem essencialmente os fructos e, o que é o mais importante, o interesse e o gosto que despertam na officialidade.

Bem orientados estes exercicios, elles representam uma etapa obrigatoria e util da instrucção dos officiaes na direcção do fogo; com elles se provocam nos quadros resoluções acerca da maior parte dos problemas com que se depara no commando das tropas no fogo, mediante situações simples, convenientemente preparadas para chamar sua attenção e exercitar seu julgamento, o que não requer presençā de tropa nem tiro real, desde que haja para cada casa uma sancção — a do director do exercicio, perfeitamente inspirado nas prescripções regulamentares, nos principios e leis do tiro collectivo, capaz de assim suprir com sua intervenção quando necessaria, e com sua critica, os resultados do proprio fogo e a acção do inimigo. E oferecem a vantagem de poderem ser executados em qualquer terreno e em qualquer época do anno de instrucção, fóra dos campos de tiro.

### 7a — Observações referentes á technica da arma

3a Secção da E. C. T. — Acerca deste quesito, da resposta que lhe déram os chefes, esta junta tem a dizer o seguinte:

a) A Escola tambem reputa da maior conveniencia que se realizem cursos de Informações para os principaes chefes dos corpos! O regulamento organico do centro não se lhes oppõe. Quanto á proposta de fazel-os acompanhar por um capitão do corpo, que agisse como secretario do cdte., a junta se permitiria de accrescentar a condição de que esse capitão tivesse já frequentado um curso especial de tiro desta Escola.

b) Preceituados com o caracter obrigatorio

no R. T. I. os exercícios de tiro de pistola e de fuzil ou mosquetão para os oficiais subalternos, esta junta não pode senão robustecer a reclamação dos chefes para que esta disposição seja devidamente cumprida em todos os corpos.

c) E' pratica a idéia da apanha dos projectos consumidos nos exercícios, para vendel-los e aplicar a receita resultante em melhoramentos dos campos de tiro.

d) Quanto aos artifícios complementares, como explosivos destruidores, granadas de mão, lança-chamas, petardos fumígenos e máscaras antigases os chefes julgam completo o ensino ministrado no Curso, de acordo com o Regulamento das Secções de explosivos, considerando entretanto lento o processo de inflamação das granadas de mão.

e) Respeito ao tiro contra aeronaves esta junta é da mesma opinião dos chefes: proseguir na Escola os estudos de modo a que sejam sempre apresentados os resultados nos cursos vindouros.

Concluem os chefes por exprimir com intima satisfação o seu agradecimento ao pessoal da Escola, não só pelos muitos e fecundos ensinamentos delle recebidos, mas principalmente pelo meritorio e persistente labor despendido pelo professorado, que com sua competencia, intelligença e capacidade de trabalho, verdadeiramente excepcionaes, conseguiu em um lapso de tempo relativamente muito curto revolucionar nossos viciosos methodos e processos de instrução de tiro, imprimindo-lhe um senso pratico e uma orientação positiva, cujos resultados excedem a qualquer elogio.

## R. T. I.

(2<sup>a</sup> edição)

Está aprovada a 2<sup>a</sup> edição do R. T. I., e com ella um certo numero de pequenas alterações.

Melhorando a 1<sup>a</sup> edição, visto darem mais precisão ao enunciado dos principios ahi estabelecidos, as alterações introduzidas parecem ter vindo imprimir ao regulamento de tiro uma adaptação melhor ás condições actuaes da instrução de nossa infantaria.

Sem entrar em detalhes sobre as que apenas dizem respeito a simples substituições de forma ou mesmo as que por sua simplicidade dispensam qualquer comentario, é conveniente sujeitar a uma revista as alterações que parecem ter mais importancia.

### Sobre a parte I

A proposito desta parte, a nova edição ampliou um pouco a *nota* contida na primeira pagina, fazendo uma ligeira recomendação sobre o emprego da trajectoria materializada.

E' desnecessario demonstrar as vantagens desses recursos auxiliares. A circunstancia dos regulamentos insistente os recommendarem é uma indicação eloquente de que a pratica já sancionou o emprego desses recursos. Trabalhos ha que lembram até a necessidade de se mostrar a forma da trajectoria, assim como o fundamento das diferentes alças, com o simples exemplo de corpos atirados. E' claro que compete ao instructor distinguir entre os ho-

mens quaes aquelles que precisam descer a esses recursos.

N.<sup>o</sup> 5. — Estabeleceu-se neste numero a distinção entre as linhas de *mira* e de *visada*, restabelecendo-se a denominação antiga de *ponto* de *impacto* e se fez definir o que se deve entender por *ponto de queda*.

Estas tres expressões veem satisfazer: a primeira, uma necessidade que se fazia constantemente sentir na linguagem do instructor; a segunda, a exigencia de uma expressão já consagrada; a terceira, finalmente, combinada com a *nota* do n.<sup>o</sup> 21, a duvida com que se deparava ao empregar esta expressão e a constante da nota referida.

N.<sup>o</sup> 7. — Neste numero fez-se uma pequena correcção no que se deve entender por *alcance de alça*. A sua ultima parte foi substituída por uma indicação muito apropriada, destinada a auxiliar o commando na indicação do ponto de visada. Para facilitar a comprehensão, esta indicação vem a compaixada de uma figura.

E' indiscutivel o valor pratico de indicações dessa natureza. O caracter obrigatorio que ellas encerram contribue vantajosamente para o estabelecimento de uma linguagem uniforme, tão necessaria no combate. Parece que apenas houve ahi o pequeno esquecimento de griphar cada uma das expressões: *no pé do alvo*, *no centro do alvo*, *cobrindo o alvo*, o que, aliás, carece de importancia.

N.<sup>o</sup> 10. — A modificação experimentada por este numero é de capital importancia. Ella atende á necessidade de se pôr termo a um vicio que se tem tornado grandemente nocivo á instrução do tiro.

Embora esta noção contida no n. 10 estivesse em face de seu complemento natural, que é o n. 38, claramente definida na 1<sup>a</sup> edição, uma leitura menos reflectida tem dado lugar a uma interpretação que não é a verdadeira. Dessa falsa interpretação tem resultado uma serie de consequencias más e que pôdem ser apreciadas atravez dos seguintes factos commumente observados: *fiz o tiro com pouca massa* (erro de pontaria, n. 38); *para as distancias de 300 metros faz-se melhor pontaria empregando a alça de 400*; etc.

E' evidente o inconveniente que resulta dessa noção quando viciadamente adquirida.

Como a quantidade de massa é uma grandeza variavel até mesmo para pontarias feitas por um unico apontador, é difficil encontrar dois homens que tenham a mesma noção de pontaria. Já têm sido observados casos de homens que em condições normaes só executam bons tiros quando a linha de visada é ligeiramente desviada no sentido lateral. E d'ahi tambem, como uma das consequencias naturaes, a condenação vulgar do fuzil de 1908, como pouco justo.

Por estas considerações parece até que a tropa lucraria muito ainda se a nova edição do R. T. fosse mais radical neste ponto; eu pelo menos preferia que elle indicasse positivamente, claramente, que a correcção se faz é pelo ponto de visada, e nunca deixasse margem á menor suposição de que é possivel corrigir a pontaria pelo emprego da quantidade de massa. Aliás, a clareza de sua redacção não permitte duvida a respeito; apenas prevenir-se-ia o in-

conveniente resultante de uma leitura ás pres-  
sas feita.

N.º 14. — Para attender ao que já se acha consagrado em outros regulamentos, foi substi-  
tuído neste numero — *espaço rasado* — por  
*zona rasada*. Uma nota que lhe foi introduzida  
restabeleceu a noção de — *zona perigosa*.

Estas duas noções eram necessarias, porquan-  
to além dellas se completarem, mostram, por  
uma ligeira comparação, o que tem de tactico  
a primeira e de technica a segunda.

Para completar este numero foi intercallada  
uma noção indispensavel e destinada a mostrar  
a importancia que têm a posição do atirador  
e o ponto de visada quando em face de dis-  
tancias abaixo de 600 metros. Sua ultima parte  
foi correctamente redigida, mostrando-se com  
esta correcção que nos terrenos descendentes o  
augmento da zona razada tem seu limite na  
grandeza do angulo de queda.

N.º 15. — Não sendo apropriada a expressão  
— *ponto de impacto medio* — foi a mesma  
substituída por — *ponto de impacto central*. O  
mesmo se fez em relação a *feixe de balas* do  
n.º 17.

N.º 19. — Soffreu este numero em sua ultima  
parte a redacção que convinha. Conforme a 1ª  
edição, a conclusão a que se chegava não era  
verdadeira, muito embora esta prescrição es-  
tivesse correctamente dita no n.º 110 da mesma  
edição.

#### Sobre a parte II

N.º 34. — Não preenchendo a munição de  
tiro reduzido o fim para que foi destinada e,  
ao contrario, concorrendo ella para viciar a in-  
strucção, taes são os defeitos de sua fabrica-  
ção, a nova edição do R. T. I. sabiamente a  
eliminou de suas recomendações. Por isso, não  
se faz mais referencia neste numero á munição  
de tiro reduzido.

Demais, os modernos processos de instrucção  
dispensam com vantagem a pequena contribui-  
ção que em beneficio da instrucção a munição  
referida podia apresentar. Esta solução, portan-  
to, com quanto, não seja radical, visto ser ainda  
indispensavel nos collegios o emprego desses  
cartuchos, trouxe, além de outras, a vantagem  
não pequena de permitir a redução das despesas  
com sua fabricação. Resta somente agora  
que se comprehenda esse objectivo do regu-  
lamento e se não forneça mais á tropa aquillo  
que ella já bem pôde dispensar. Seria mesmo  
conveniente que, como medida complementar, se  
fizesse recolher a quantidade dessa munição,  
que por certo se encontra distribuida pelos  
corpos.

N.º 39. — Sob a denominação de *apontar*  
estavam comprehendidos tambem os exercícios  
de pontaria. A nova edição optou por um con-  
veniente desdobramento e por isso os ns. de  
39 a 43 ficaram comprehendidos na epigraphe  
— *exercícios de pontaria*.

Sob a forma de *nota*, mas com carácter obri-  
gatorio, recommenda a nova edição não só a  
classificação de apontadores, como um criterio  
para iniciar os homens no tiro e classificar o  
progresso das unidades. Exige-se ainda que os  
commandantes de companhia apresentem mappas  
mensaes com os progressos obtidos nestes exer-  
cícios. (\*)

O que ahi parece exagerado é a forma obri-  
gatoria, contida no n.º 39, e relativa ao pro-

cesso mais efficaz para verificar a pontaria. E' um detalhe, como se vê, da competencia de cada instructor, e que o regulamento devia trazer, não em seu corpo, porém como uma indicação e sob a fórmula de nota.

N.º 51. — Deste numero ao 55 estão compre-  
hendidas todas as prescripções relativas ás posi-  
ções de tiro. As alterações ahi introduzidas ti-  
veram em vista o que a respeito estabelece o  
R. E. I. Uma nota com o n.º 53, attendendo  
a uma exigencia de ordem tactica, recommenda  
exercícios de joelhos e com arma livre.

O n.º 52 traz duas alterações de relativa  
importancia: uma dellas consistio na substituição  
de «uma posição obliqua, etc.» por «uma posição  
um pouco obliqua, etc.», exactamente para  
evitar certos exageros observados na pratica;  
a outra, na suppressão da facultade que tinha  
o atirador deitado de poder cruzar as pernas  
na occasião do tiro. O inconveniente desta per-  
missão foi logo reconhecido na pratica; tolerada  
no tiro de instrucção não permitia no tiro  
de combate que o soldado se libertasse do  
má habitu adquirido.

(Continúa)

1º Tenente Barbosa Monteiro.

(\*) N. da R. — E' de esperar que se en-  
tenda e se applique esta prescrição, que aliás  
não é senão uma «repetição em outras pa-  
lavras», attribuindo a devida importancia — in-  
teresse, constancia e rigor — aos exercícios de  
pontaria. Só assim poderá ter autoridade o clá-  
mor contra a pretendida insufficiencia dos 60  
cartuchos por homem para satisfação dos exer-  
cícios de cada classe, aliás agora, por condescen-  
dencia do novo R. T., augmentados. Não é  
digno do nome de methodo de instrucção de  
tiro o de querer «ensinar a atirar, atirando».

**Cruzada** é o titulo de uma revista que re-  
surgiu na Escola Militar como orgão  
da Sociedade Bibliothecaria Academica.

Com o intuito de pugnar pelas novas idéas  
que sopram no Exercito, cultivar tradições e  
despertar o gosto pelo estudo do vernaculo,  
a nova revista espera prestar relevantes servi-  
ços á Escola Militar.

Não é pequeno o programma de trabalho a  
que se impõe a «Cruzada».

Seu primeiro numero traz variada e interes-  
sante materia para o círculo especial de sua  
divulgação; além da mocidade simples e sã que  
se denuncia na parte editorial, apreciamos bas-  
tante o artigo «Uma idéa» com que Alupifer  
pretende estabelecer uma justa e interessante re-  
cordação dos companheiros de cada turma de  
aspirantes.

A E. M. precisa instituir duas especies de  
quadros annuaes. A primeira — o grupo com-  
pleto de todos os alumnos de cada unidade com  
os respectivos instructores — despedida dos que  
sahem pelo accesso, antes das nomeações, dos que  
ainda continuam na escola; a segunda é exa-  
ctamente o quadro dos aspirantes, que consti-  
tue a idéa de Alupifer.

Em todas as academias os quadros reunem os  
alumnos que attingiram o objectivo dos seus  
esforços, objectivo que na E. M. é o officia-  
lato. Todas as outras situações são verdadeira-  
mente secundarias e pelo novo regulamento só  
se verificam em escolas especiaes.

Os alunos devem concorrer com todos os seus esforços para solemnizar o melhor possível a cerimônia — felizmente já regulamentar — da nomeação dos aspirantes.

Ella significa de um lado — a despedida da escola, da liberdade encantadora e graciosa que a qualidade de acadêmico instilla no espírito e no caráter do estudante, da vida em comum com os camaradas que amanhã serão os seus auxiliares na luta afanosa e grave das responsabilidades, dos amigos que se separam ou ficam e dos mestres que auxiliaram a realização dessa inesquecível jornada; de outro lado é o inicio de uma colaboração mais decisiva para a realização dos sonhos tão sonhados em que todo bom aluno espreitava o ensejo para levar o seu concurso ao Exército e à Pátria; são as atribuições definidas que surgem, os signaes de respeito que a cada passo lembram um dever, a alegria de conhecer a nova feição dos encargos novos, enfim, as esperanças turbadas pelas responsabilidades.

E' bem justo festejar tamanha transição. Deverem fazel-o para que não tenham como nós a saudade com o arrependimento de não termos inaugurado tal idéa ou della participado.

## THEMAS TÁCTICOS

Da II Parte (S. E. M.) do Boletim de 16. 8. 19.  
da 6<sup>a</sup> Região

(Continuação)

### D—Parte ao Commandante da 4.<sup>a</sup> D. E.

4<sup>a</sup> D. E. Cap. de Socorro, 26-4-1919. 7<sup>30</sup>.

Notícias enviadas pela minha cavalaria destacada, ás 6<sup>20</sup>, depois de atravessada a ponte intacta a N. O. de Pinda, confirmadas, ás 6<sup>55</sup>, pelo avião de reconhecimento n... informam que os Azues fortificam-se em Bom Successo; que ha posições inimigas na cota 600, Morro da Divisa, e que uma longa columna retira-se de V. Pimenta para o Norte. Para cumprir a minha missão ordenei que a vanguarda do meu destacamento (43.<sup>a</sup> B. C., 6.<sup>a</sup> C. M. e Comp. Sap. do 4.<sup>a</sup> B. E.), protegida pelos dous esquadrões destacados, atravesse a ponte a N. O. de Pinda, organizando uma cabeça de ponte na margem esquerda, sustentada por uma bateria, ao N. de Pinda, entre o Matadouro e o Rio, e por duas outras, na cota 550, a O. de Pinda, entre o caminho para a Faz. Mombacha e a E. de F. Campos do Jordão.

O restante do meu destacamento acantonará em Pinda. Estarei na Prefeitura.

Coronel A.

Enviada em dupla via:  
por um estafeta a cavalo  
e pelo avião de reconhecimento.

### Commentarios

Examinae com atenção as resoluções do Cel A., e lide com mais cuidado ainda as ordens consequentes. Ellas se sucedem natural e logicamente, em condições de tempo verosimeis. O Coronel A., em vista das informações, com o seu destacamento em marcha, conhece o terreno pela carta. Ordens mais completas sobre a

defesa da ponte, sobre o acantonamento do grosso não poderia redigir. Sobre a iniciativa dos subordinados deveria contar. Sem o dom da ubiquidade, não lhe sendo possível reconhecer Pinda ao mesmo tempo que o terreno além da Ponte, deixou ao Tte. Cel. do 6.<sup>a</sup> R. I. e ao commandante da vanguarda, repartir o acantonamento e preparar a defesa da ponte. De Cap. de Socorro, passando por Pinda e installando-se rapidamente na Prefeitura, o Cel. A., em andadura viva, ganharia a margem esquerda, reconheceria o terreno e as medidas tomadas pelo seu subordinado, completando-as ou modificando-as. Ao regressar a Pinda encontraria o acantonamento repartido e ocupado, e com uma visita ás baterias, teria então todos os elementos para coordenar a ação das duas margens, modificando, ampliando ou melhorando suas ordens anteriores, ou a dos seus subordinados.

Examinemos agora, já que o fiz em relação á situação e ao terreno, á luz dos regulamentos, as ordens do Coronel A.

### A—Ordem á vanguarda

§ 1º. A defesa de uma ponte quando se tenha de utilisa-la, deve ser feita bem á frente, de forma a evitar-se que fique sob o domínio do fogo inimigo. Dahi conter este § da ordem a recomendação: *a ponte deve estar fóra do alcance dos fogos inimigos e devemos ter espaço para o nosso desdobramento na margem esquerda.*

A vanguarda installa-se na outra margem, sob a protecção da cavalaria destacada. E' o espírito dos artigos 281 e 282 do R. S. C.

§ 2º. As informações da cavalaria e sua ação interessam no momento, de um modo especial, á vanguarda. Foi por isso que o Coronel A. collocou ás ordens do seu commandante.

O inimigo está em Bom Successo, e parece ahi fortificar-se. E' uma retaguarda que pretende retardar a perseguição de maneira a permitir a difficult retirada do Exército Azul através da Serra, com a salvação do seu material. Mas as forças de Bom Successo, embora em attitude defensiva, poderão conhecer a situação do destacamento vermelho, e, se fôr suficientemente forte, nada lhe impede de atirar-se contra a vanguarda, procurando inutilizar a ponte a N. O. de Pinda que, por um descuido, não fôr destruída. Por conseguinte o Coronel A. fez bem em collocar todas as forças da margem esquerda, á disposição do commandante da vanguarda.

§ 3º. São as informações sobre o resto da força amiga. O apoio da artilharia á vanguarda, e a noticia da posição de suas baterias obedeceram aos arts. 390 e 437 do R. E. I., e á necessidade do estabelecimento immediato das ligações entre a artilharia e a infantaria da vanguarda.

§ 4º. Manter a linha indicada é de toda a importancia, pois sem ella não haveria probabilidade de conservar-se a ponte e o espaço para o desdobramento das forças do grosso na outra margem.

§ 5º. Muitos dos meus camaradas impressionaram-se fortemente com a alimentação das tropas da vanguarda. Para o dia ella está assegurada. As tropas partiram alimentadas (art. 178 do R. S. C.); as viaturas-cosinhas preparam uma refeição quente em marcha (art.

578); e cada homem da vanguarda carrega uma ração de reserva (art. 571), cujo consumo poderia ser ordenado, se as requisições não dessem resultado, ou se os dous dias de viveres dão trem de estacionamento, devido à situação, não chegassem à vanguarda.

§ 6º. É obrigatorio o commando indicar o lugar onde se encontra o seu Quartel-General, em qualquer ordem.

### B—Ordem ao Commandante da cavallaria

Não é preciso justifical-a. Decorre da ordem ao commandante da vanguarda e da discussão da situação.

### C—Ordem ao Commandante do grosso

§ 1º. Informações do inimigo. Qualquer ordem deve começar por notícias do inimigo, tanto quanto possa interessar ao seu executor.

§ 2º. Notícias das tropas amigas. Idem.

§ 3º. O Coronel A., tendo que dirigir o conjunto das tropas do seu destacamento, substituiu-se, no commando do acantonamento de Pinda, pelo Ten. Cel. do 6º R. I. (art. 215 do R. S. C.).

Em sua ordem designou, de um modo geral, os sectores para as unidades do grosso (art. 197 e 210 do R. S. C.). Nota, porém, a sucessão dos acantonamentos do 6º R. I., em Pinda, de O. para L. E' na mesma ordem em que estão os batalhões na columna. O XVI B. que marcha à frente do grosso acantona a O., mais proximo da ponte, e, por conseguinte, em condições de apoiar imediatamente a vanguarda na outra margem.

A' artilharia indicou o Coronel A. o local de suas posições. Parece, à primeira vista, injustificável que lhe não tenha ordenado avançar rapidamente. Para que fatigar as parelhas quando o inimigo está em Bom Sucesso, fortificando-se, em attitude defensiva? Ao commandante da artilharia cabe avançar, mediante combinação com o commandante do grosso, com o seu observatorio e seu sequito para o reconhecimento das posições (art. 431 e 433 do R. E. A. C.) e para a ligação com a infantaria da vanguarda.

Tres companhias foram designadas para estacionar com a artilharia (art. 197 *in-fine* do R. S. C.).

Para a Ambulancia foi designado local para estacionamento, escolhida uma praça. Lembravos do enorme material de uma ambulancia, que deve formar o seu parque e ter o seu material todo reunido.

§ 4º. Os trens de estacionamento não devem entrar com as tropas nos acantonamentos: aumenta a confusão. Na entrada Sul da cidade ficarão à disposição das unidades, no momento opportuno, e nas proximidades do caminho natural de retirada.

§ 5º. Art. 215 do R. S. C.

§ 6º. Art. 198.

### D—Parte ao Commandante da 4º D. E.

O Coronel A. cumpriu o art. 118 do R. S. C.

#### II—Solução

A ordem para a defesa da ponte está contida na que foi dada verbalmente ao commandante da vanguarda, e no topico, referente às baterias, dirigido ao commandante do grosso.

*Que faria o commandante do grosso ao receber a ordem do Coronel A.?*

A questão não foi pedida. Desenvolvo-a no desejo de conversar com meus camaradas sobre todos os pontos do thema.

O Ten. Cel. do 6º R. I., ao receber a ordem, reuniu em marcha os commandantes interessados e leu-lhes a mesma ordem, dando-lhes verbalmente as seguintes:

*Ao commandante do XVI.*

O grosso estacionará em Pinda. Parti com os estacionadores e organiza o acantonamento de acordo com a ordem do Coronel A.

*Ao commandante da artilharia.*

Avançae rapidamente com o vosso observatorio e sequito para a installação das baterias nas posições designadas pelo Coronel A.

*Por um graduado montado:*

*Ao commandante da ambulancia.*

A ambulancia acantonará na praça mais proxima e ao N. da Estação da E. F. C. do Brasil, em Pinda.

*Ao commandante dos trens.*

Os trens avançarão até a entrada Sul de Pinda, onde aguardarão novas ordens.

*Que faria o commandante da vanguarda depois de receber a ordem do Coronel A.?*

Eram 7º. A ponta de cavallaria da vanguarda entrava, a essa hora, em Pinda e a cauda atravessava o casario de Cap. do Socorro. O commandante da vanguarda toma o galope; pre-vine os seus capitães, ao passar, de que a vanguarda atravessará a ponte; conferencia alguns instantes com o seu major, pondo-o ao par da situação; e adianta-se com os capitães da 1/43º B. C., Com. Sap. da 4º B. E. e sua ponta de cavallaria.

A's 7º, mais ou menos, terá transposto a ponte. Em companhia dos mesmos officiaes efectua um reconhecimento, e decide e ordena:

a) A ponta de cavallaria procura ligação imediata com a destacada;

b) a 1/43º B. C. avançará até as duas casas existentes entre a curva do Rio e a cota 550, ahi entrincheirando-se; terá auxilio de uma secção de metralhadoras;

c) a 2/43º B. C. se entrincheirará a 1 km ao N. da bifurcação dos caminhos Massahim-Mandú;

d) as 3. e 4/43º B. C. organizarão, com 2 secções de metralhadoras, um grupo de entrincheiramentos, da bifurcação dos mesmos caminhos até a curva do Rio;

e) a Comp. Sap. do 4º B. E. ficará encarregada, com uma secção de metralhadoras, da defesa directa da ponte, construindo uma luneta a 200 m da saída Norte, preparando a sua destruição na margem direita, e de reunir todo o material de passagem que encontrar nas proximidades.

De volta à bifurcação Mandú-Massahim está o commandante da vanguarda em condições de redigir a sua ordem geral para a defesa da ponte, completando as anteriores. E' natural que, nessa occasião, ahi se encontre com o Coronel A., que, deixando Pinda, necessitava vê a installação de sua vanguarda. Caso isso não aconteça, uma cópia de sua ordem deverá ser-lhe enviada.

*(Continua)*

## A instrucção do tiro

Pensamos ter prestado um serviço á nossa arma, mostrando quanto nos falta para a perfeita instrucção do atirador de infantaria; vamos agora passar a uma outra serie de factos, que não só vêm revigorar nossas primeiras observações como também lançar um apello aos camaradas mais dignos e mais capazes, em beneficio dessa arma cujo conhecimento embora ao alcance de todos, ainda exige de quem quer conhecê-lo um pouquinho de trabalho.

Iniciado o tiro de instrucção pela parte theoretica e satisfeitas as exigencias de um conscientioso ensino preparatorio, entramos com o recruta no stand, onde elle vai pela primeira vez, travar conhecimento pratico com a expansão dos gazes da polvora, no cartucho de guerra.

Já a conhecia? Já. Apenas não lhe sabia os efeitos reaes, porque em theoria lhe foi dito que ella forçará o projectil a percorrer as raias do fuzil, como o parafuso percorre as ranhuras duma porca.

Mas, esse homem que nunca atirará com uma arma de guerra, vai ao stand para acertar no alvo?

Por certo! Assim exige o R. T. A dotação de munição para os tiros de instrucção força-o a satisfazer ás condições, desde o inicio della!

Mas não é possivel isso. O tiro de infantaria é difficult. Entra em jogo o individuo que faz sistema com a arma. No tiro da infantaria não são sómente as regras de pontaria e disparo que determinam o resultado.

Não é possivel exigir de quem vai aprender, a perfeição de quem já sabe. O nosso R. T. é duma exigencia quasi inadmissivel. Nossos homens não possuem o desenvolvimento physico satisfactorio.

A gymnastica, base sobre que elle repousa, não é praticada desde a infancia; agora é que estamos iniciando-a, e ainda sem a devida comprehensão de suas extraordinarias vantagens.

O recruta no stand, embora obtenha máo resultado nos seus tiros, não deve ser desanimado com o máo humor dos instructores, que só querem obter passagens de condições, uma vez que não obtém de classe por falta de munição.

Como é possivel familiarizar o homem com as particularidades do tiro de guerra, sem fazê-lo atirar, mesmo sem grande resultado, até vencer todas as indisposições pessoaes?

Porque exige o R. T. que o aprendiz satisfaça, de começo, as exigencias de mestres?

Só sabendo-se fazer é que se pode ensinar!

Ha posições de tiro, na segunda classe, que desafiam as melhores aptidões dos senhores de todas as regras e theorias. No nosso humilde modo de ver, o R. T. com as suas exigencias é de um luxo exagerado.

Para que exigir de um homem que tem por fim aprender a combater pelo fogo, no campo, que nas tres primeiras series, no stand, satisfaça a um criterio quasi absoluto, como seja o que determinou o numero de pontos para cada impacto?

Será possivel que essa qualidade tão apreciavel de atirador, seja determinada nos moldes dum numero fixo de exercícios? Por certo que não

Nós outros, que labutamos diariamente junto aos homens que aprendem o tiro, temos a certeza de que não é possivel obter resultados praticos com determinações theoreticas. O R. T. enfeixa em onze condições, as exigencias a que devem satisfazer os atiradores de segunda classe.

Para obter esse resultado o aprendiz deverá gastar, no minimo 49 cartuchos. Sendo a dotação annual de 60, sobram á esse atirador mestre, apenas 11. Mas, deduzidos 3 para a verificação e mais 2 ou 3 para os ante-prépios, (nas mesmas, que já existem), temos para iniciar os tiros de 1.<sup>a</sup> classe, 5 a 6 cartuchos de guerra!

Não parece dispensavel a tal 1.<sup>a</sup> classe?  
E a classe especial?

O R. T., nos perdoem a franqueza, parece zombar dos sacrificios do *trouper*!

Parece mesmo, que seu destino não era o que lhe deram.

Nos concursos de tiro, a que comparecem individuos que dedicam tempo e dinheiro a esse sport agradavel, é muito commum ouvir-se commentarios sobre a quantidade de munição gasta para chegar a um resultado apreciavel.

Attenda-se ainda a que esses individuos são seleccionados em relação aos enviados á cerna.

Como é possivel exigir um resultado dentro de numeros quasi theoreticos?

O que é necessario fazermos neste assumpto, em primeiro lugar, é sermos sinceros e reconhecermos que na realidade não é possivel preparar atiradores com 60 cartuchos, dentro das exigencias do regulamento. Em segundo lugar, devemos confessar que as condições para atirador de 2.<sup>a</sup> classe, beneficamente modificadas, darão optimos resultados, para levarmos á instrucção de campo os nossos aprendizes do tiro de combate.

Não precisamos preparar atiradores para ganhar premios em concursos; deixemos isso aos felizardos que podem gastar tempo e dinheiro, afim de conhecerem suas armas e dominarem o seu *eu*.

Como levar-se um homem ao tiro de combate, o mais difficult, si elle está convencido, que não satisfaz aos tiros de instrucção? Não seria melhor facilitar este tiro?

Não será de effeito oposto o desapontamento do neophito que reconhece sua inaptidão para uma prova cuja sensação jámals experimentara? Pensamos que tal procedimento é contraproducente.

Ha opiniões, e valiosas, de que o tiro de combate não tem a importancia do da instrucção. Na nossa humilde opinião é na instrucção progressiva que leva-se o homem de recruta a atirador de combate. Não parece justo pensarmos assim?

O tiro se vai complicando á medida que a distancia aumenta e o alvo diminue — é o caso do combate —

Já ouvimos opinião, aliás valiosissima, de ter a verificação das armas por fim ver, exclusivamente, si elles estão em condições de serem empregadas no tiro de instrucção. Para o de combate, mesmo não justas elles são bôas. Somos de parecer contrario.

No tiro de combate o atirador deve executar tudo o que aprendeu no de instrucção.

Devemos praticar, no tempo de paz, o que teremos de applicar na guerra.

O tiro a 600 metros é difficult, porque além da parte technica ocorrem, nos casos reaes, indisposições de ordem moral.

A parte mais importante da instrucção do futuro reservista, está justamente na pratica do tiro de combate, o qual geralmente é feito *no apagar das luzes do anno de serviço militar*.

Quem é instructor deve ter observado o efecto moral, para o recruta, dum resultado absurdo no tiro de instrucção.

Temos homens que nas tres primeiras condições dos tiros previos, obtêm um numero de pontos superior ao exigido pelo R. T. e no entanto não vêm coroados seus esforços e bôa vontade porque os impactos não tiveram os valores marcados no regulamento.

Para quem se dedica exclusivamente ao ensino dos nossos soldados, são tales exigencias de efecto negativo. Longe de estimularem os individuos que vêm nesses exercícios um cumprimento do dever, despertam nelles mesmos uma especie de desconfiança no esforço de quem os ensina. Sim! Um homem que faz tres tiros iniciaes e obtém no primeiro 8, no segundo 8 e no terceiro 4, retira-se do stand quasi humilhado diante do descalabro a que se vê exposto, por um capricho do R. T. Não seria opposto o resultado, si tal individuo, encorajado por esse resultado passasse ao exercicio seguinte, como prova de sua aptidão. (\*)

A vaidade humana é um factor digno de apreço nos actos mais comesinhos de nossa vida.

Incitando-a obtém-se verdadeiros milagres. Esse homem que no seu alojamento, após o tiro, é chacoteado por não ter obtido um terceiro tiro igual aos dois primeiros, sente-se quasi convencido de que jámais fará um bom terceiro tiro!

Entretanto o resultado de sua serie, para um recruta, foi optimo. Acertou no alvo nas tres veezes que atirou.

Nos dois primeiros obteve impactos tres linhas apenas afastados do centro.

Sob o ponto de vista technico, o tiro foi muito bom e sob o ponto de vista tactico foi duplamente bom.

Admittindo-se que o terceiro fosse perdido, o resultado é superior á 66% no primeiro modo de aprecial-o e no segundo esse atirador teria atingido duas figuras com tres tiros.

É bem verdade que trata-se dum tiro á 150 metros, alvo fixo, tempo bom, etc.; mas, trata-se tambem dum tiro de instrucção, que deverá conduzir o homem de moral elevada, ao tiro de combate, tão approximado do real quanto possivel.

A facilidade nos tiros preparatorios, como poderíamos chamar, levaria o soldado mais cedo ao tiro de campo, no qual encontraria o verdadeiro preparo para a guerra. Que importa que A. ou B. atire muito bem no stand á 300 metros, si no campo á 800 ou 600 que seja, nunca mostrou sua habilidade como atirador? O que o Exercito precisa preparar, em 1.º lugar, são homens que conhêcam bem o tiro de campo e não *papa-premios* de concursos commodos e ensaiados á custa de muita munição e tempo.

(\*) N. da R — O R. T. o permite, embora com exclusão dos exercícios previos dos recrutas.

Si assim fosse, a cadereta de reservista não registraria o absurdo de tres exercícios previos a 150 metros, sem exigencias nos resultados, para um futuro defensor da patria nos tiros de combate.

Teríamos maior rendimento pratico e militar si os exercitassemos nas distancias approximadas das de combate e nas condições tambem approximadas da realidade. Nos tiros de exames os nossos capitães ficam desesperados diante dos resultados obtidos; mas, têm elles razão nisso? Pensamos que não. Não é possivel, absolutamente, obter-se atiradores de combate, sem um preparo cuidadoso e demorado de campo. Os atiradores de infantaria deveriam ir para o campo de tiro o mais cedo possivel, e não na occasião de executarem os tiros de esquadra, pelotão e exame. Somos partidarios de exigencias rigorosas nesse tiro a que chamamos de campo; mas achamos descabidas as de stand. Infelizmente a execução do tiro de campo, encontra serias dificuldades pela falta de local; entretanto, quando nosso povo for mais educado e comprehender que tem mais importancia ceder terrenos para a pratica da defesa do paiz do que para campos de foot-ball ou canchas de corridas, veremos que neste tiro nos approximaremos muito do verdadeiro tiro de combate. Algumas guarnições dispõem de locaes excellentes, faltando apenas a bôa vontade publica.

Que as decepções annuas nos sirvam de argumento pratico para as modificações nas condições dos tiros de instrucção, são os desejos do humilde aprendiz que deseja acertar.

1º Tenente *Furtado Sobrinho*.

## ○ combate da Infantaria

(De uma Conferencia)

(Continuação)

II. *Combate real da Infantaria, em estreita cooperação com as Metralhadoras, parte integrante da arma.*

A infantaria de hoje como a de todos os tempos, continuará a ser a principal arma dos Exercitos, combatendo pelo emprego das armas de fogo portateis e da bayoneta *ultima ratio* na decisão das batalhas.

Sua organisação tem soffrido transformações que a Grande Guerra desenvolveu de um modo assombroso.

Hodiernamente não emprega a infantaria só o fuzil e a bayoneta; nos modernos combates largamente teem sido empregadas as granadas de arremesso, lançadas pela mão dos soldados ou pelos proprios fuzis; os morteiros de trincheira, os fuzis metralhadoras e as metralhadoras e até os canhões de batalhão, de calibre 37 milimetros.

Possue pois a infantaria moderna, pelotões de granadeiros e secções de fuzis metralhadoras nas companhias e companhias de metralhadoras nos batalhões.

Para dar uma idéa do largo emprego das metralhadoras, vou expor-vos succintamente qual a dotação de metralhadoras nos Exercito Suisso e Norte Americano.

Sentindo o Governo Suisso em 1915, em vista dos ensinamentos da Grande Guerra, ser insufficiente o numero de metralhadoras no Exercito, elevou a 120 o n.º de companhias, que a 24 de Novembro de 1917 estavam definitivamente organisadas; apesar disto, esta dotação é julgada insuficiente no Exercito Suisso.

No Exercito Norte Americano mais larga é a dotação de metralhadoras.

Antes da grande Republica do Norte tornar-se belligerante na grande guerra, possuiam as Divisões de Infantaria 9 companhias de metralhadoras a 6 peças ou um total de 54 metralhadoras por Divisão; com a belligerancia passaram os 4 Regimentos de Infantaria da Divisão a possuir cada um a sua companhia de metralhadora, mais 1 batalhão de 3 companhias para cada Brigada e 1 batalhão de 4 companhias para a Divisão, um total, pois, de 14 companhias de 12 metralhadoras cada uma ou 168 metralhadoras por Divisão.

Entre nós, existem 4 companhias de 8 metralhadoras, 2 por Brigada de Infantaria, ou 32 metralhadoras por Divisão.

Este confronto nos mostra de um modo frisante que, pôde-se dizer, não possuimos metralhadoras.

Diz o nosso R. E. I. 294:

«As metralhadoras têm por missão principal apoiar de modo immediato o combate da infantaria. Aptas para desenvolver a maxima potencia de fogo da infantaria em espaço mui limitado; elles dão considerável accrescimo de força, tanto ao ataque como á defesa, desde que sejam empregadas com decisão e acerto nos pontos proprios».

O fim principal do combate é abordar o inimigo, repellindo-o e ocupando os pontos por elle ocupados e por ultimo anniquilal-o.

O R. E. I. 293 diz: A infantaria precisa cultivar sua tendencia natural para a offensiva; sua acção deve inspirar-se no pensamento: para frente, sobre o inimigo, custe o que custar.

Consegue-se ir para frente e abordar o inimigo, pela marcha de approximação, que só pode ser executada quando conseguirmos a preponderancia de fogos sobre o inimigo.

Empenhada a companhia no combate, empregados todos os seus elementos na primeira linha, se apezar disto a massa de

fogos não fôr sufficiente para nos dar o dominio, não poderemos avançar, e não será com o emprego das reservas de Batalhão ou Regimento, destinadas a impulsionar o assalto e parar contra-ataques, que devemos contar e sim com o emprego das metralhadoras.

Vem corroborar esta affirmativa o n.º 369 do R. E. I. As metralhadoras devem cooperar na conquista da superioridade de fogo e tomar parte no ataque até a posição inimiga, abatendo o adversario pelo fogo.

Muitas vezes, bastará o efecto moral de seus fogos para facilitar o avanço das fracções vizinhas. Antes da abertura do fogo, elles se approximam tanto quanto possível do inimigo, *afim de iniciarem o combate desde logo com completa efficacia*.

As metralhadoras, como entre nós, adstrictas ás Brigadas (R. E. I.), não satisfazem ao seu fim, elles devem pertencer aos batalhões e regimentos para que haja inteira applicação do n.º 294 do R. E. I. e do n.º 369 (\*)

Uma vez que tanto temos fallado em metralhadoras, seja-me permittido abordar aqui, fóra do thema, a organisação que, julgo, nos convem. As nossas companhias dividem-se em 4 secções de 2 metralhadoras, commandadas por 4 subalternos, que com o Capitão, o 1.º Tenente medico e o 2.º Tenente Intendente, perfaz um total de 7 officiaes para 8 metralhadoras, percentagem muito diminuta de metralhadoras para officiaes. Julgo que as nossas companhias deviam guardar a mesma subdivisão das companhias de infantaria; sua organisação deveria ser de 3 pelotões de metralhadoras a 2 secções de 2, ou um total de 12 metralhadoras, sendo os pelotões commandados por officiaes subalternos e as secções por sargentos; chegariam assim a 12 machinas para 6 officiaes sendo 2 não combatentes; com isto teríamos economia de officiaes e aumento de metralhadoras. Sendo fraca a nossa dotação de metralhadoras, penso que deveríamos organizar em cada batalhão, enquadrado ou de caçadores, as 4.ºs companhias em metralhadoras, organisando em cada Brigada de Infantaria, 1 grupo de 2 companhias; assim teríamos 16 companhias por Divisão, de modo que com a mobilisaçao não teríamos necessidade de aumentar o n.º de companhias de metralhadoras, com o enquadramento no Exercito de 1.ª linha, das tropas auxiliares de

reserva, compostas quasi exclusivamente de infantaria e cavallaria.

### III. O combate da infantaria em cooperação com a artilharia.

Hoje, mais do que nunca, tão estreitamente ligadas devem combater a Artilharia e a Infantaria, de acordo com os ensinamentos da Grande Guerra, que nos merecem especial attenção os artigos do R. E. I., que se referem á artilharia. Analysemos pois, aquelles que julgamos merecer corrigenda. Diz o R. E. I.:

359. Durante o ataque da infantaria, a artilharia ao mesmo tempo que se occupa com a artilharia adversaria, procura concentrar seus fogos, sobre a parte da infantaria inimiga contra a qual vai-se dar o assalto.

401. A artilharia começa a luta, logo que esteja prompta para o combate; assim ella facilita o avanço da infantaria e contribue para esclarecer a situação do inimigo.

O espirito do nosso R. E. I., contido nos numeros 357, 366 e 368, é que os chefes, mesmo das pequenas unidades devem fazer avançar a tropa que commandam sempre que haja logar para isto.

Confrontados os numeros 359, 401, 357, 366 e 368, com o proceder da artilharia em relação á infantaria amiga, na Grande Guerra, veremos que ha necessidade de reduzir um pouco a iniciativa dada nos numeros 357, 366 e 368, aos chefes subalternos. Durante a Grande Guerra a doutrina do R. E. I., numero 359, teve largo emprego, sendo continuamente o avanço da infantaria efficazmente protegido pelo fogo da Artilharia, denominado de baragem, que não é mais do que o fogo executado por baterias, grupos, regimentos e até massas de Artilharia, em que todas as peças atiram com alças que lhes permitem seus projectis cahirem em uma parallela á frente da infantaria amiga, atacante, permittindo-lhe o avanço com pequenas perdas. O avanço pois, de todos os elementos da infantaria atacante, não era arbitrario, estava limitado á cortina de fogo da artilharia amiga, que com intervallos de alguns minutos era transportada sempre para a frente.

O nosso R. E. I., 437, mostra tambem que deve haver uma limitação no avanço dos elementos da infantaria atacante: «Na escolha de uma posição é preciso attender, em primeiro logar ao emprego da artilharia. Ella deve poder concentrar seu fogo sobre a direcção provavel do ataque e bater a infantaria inimiga até as menores distancias.»

481. A accão da infantaria e da artilharia no combate confundem-se em uma unica, não se podendo precisar o limite de separação de cada uma...

483. A missão principal da artilharia é sustentar efficazmente a infantaria...

484. É preciso empregar todos os esforços para manter uma permanente ligação entre a artilharia e a linha de fogo da infantaria.

Lendo e reflectindo na doutrina do nosso R. E. I., contida nesses ultimos numeros acima transcriptos, nelles encontramos a estreita associação do avanço da infantaria ao fogo da artilharia amiga e, com tristeza constatamos a ausencia entre nós, da ligação das armas.

Cip. M. Castro Ayres.

N. da R. — O proprio art. citado autorisa a distribuição pelos regimentos. Provavelmente não ia mais longe porque, ao tempo, só estava prevista uma companhia por brigada, e então, o esfarinhamento da companhia seria um facto...

## NOÇÕES DE TIRO DE METRALHADORAS

Do «Manual do Soldado de Metralhadoras», de Friedrich von Merkatz Trad. do 1º Tenente Maciel da Costa.

(Continuação)

### 3. Tiro contra linhas obliquas de atiradores deitados.

Uma linha obliqua de atiradores deitados oferece ás metralhadoras um alvo extraordinariamente favoravel, porque cada homem deitado, visto de flanco, apresenta uma superficie vulnerável muito maior do que visto de frente. (Fig. 23). A difficultade está em bater efficazmente o objectivo em toda a sua profundidade e não, apenas, attingir os atiradores mais proximos.

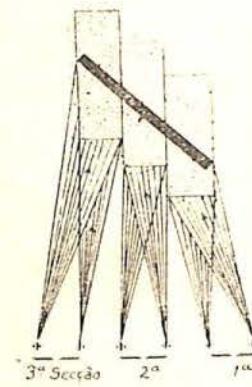


Fig. 23  
Tiro de efficacia contra linhas obliquas de atiradores deitados.  
Para o tiro de efficacia, sectores de secção!

Conforme as condições de observação, a regulação se fará por secções ou atirando todas as 6 metralhadoras para um ponto, passando-se depois ao tiro de efficacia com maior ou menor profundidade. Se a observação é boa, pode-se constituir sectores de peça e empregar o tiro em profundidade de 100 m; se, ao con-

trario, a observação é má, será melhor tomar sectores de secção e empregar o tiro em profundidade de 200 m.

### Vozes de comando no tiro contra linhas oblíquas de atiradores deitados.

#### 1. Boa observação.

Commandante da companhia:

«Em frente atiradores! — — — Distância à direita 1000! — O objectivo está obliquo, esquerda 150 m mais para traz! — Regular o tiro por secções!»

Commandantes de secções:

1.ª secção: «Apontar para os atiradores da direita! — Alça 1000!»

2.ª secção: «Apontar para o centro! — Alça 1050!»

3.ª secção: «Apontar para os atiradores da esquerda! — Alça 1150!»

Commandante da companhia:

«Atenção! — Tiro por serie!»

A observação foi boa em todas as secções; seguem-se, por isso, as indicações:

1.ª sec.: «Bem!»

2.ª sec.: «Bem!»

3.ª sec.: «Bem!»

Commandante da companhia:

«Bem! — Tiro continuo!»

#### 2. Má observação.

Commandante da companhia:

«Em frente atiradores! — — — O objectivo está obliquo! — Todos apontam para o centro! — Alça 1100! — — — Atenção! — Tiro por serie!»

Observou-se que o tiro fôrta curto de cerca de 50 m.

Commandante da companhia:

«100 mais alto! — 1 volta! — Tiro continuo!»

Commandantes de secções:

1.ª sec.: «Alça 1150! 1 volta! — Tiro continuo!»

2.ª sec.: «Alça 1200! — 1 volta — Tiro continuo!»

3.ª sec.: «Alça 1300! — 1 volta! — Tiro continuo!»

### 4. Fogo contra reforços e linhas de atiradores avançando.

Se durante o tiro contra linhas de atiradores deitados apparecem reforços a cerca de 100 m á retaguarda dellas, reunem-se os feixes das metralhadoras para varrer com o fogo esse objectivo favorável durante o curto tempo em que elle é visivel. Procede-se de forma que nesses curtos momentos o fogo tenha maior profundidade com o alteamento do feixe. Desse modo a linha de mira eleva-se na verdade acima do objectivo, mas não ha remedio senão aceitar essa desvantagem, afim de que não se perca tempo algum em graduar a alça. Se os reforços aparecerem a 200 m ou mais, atraz das linhas de atiradores deitados, deve-se ordenar uma alça mais alta, para que o engarfamento se torne mais efficaz, e empregar o fogo em profundidade com 2 ou 3 voltas, afim de que entremes a linha de atiradores mais avançada não fique sem ser tambem batida. E' sempre preferivel deixar que os reforços primeiramente se approximem e batel-los depois com o fogo juntamente com a linha de atiradores mais avançada. (Fig. 24).

Se apparece avançando uma linha de atiradores, que deve ser inopinadamente batida pela

companhia de metralhadoras, portanto sem que antes as metralhadoras tenham engarfado nenhuma linha de atiradores, deve-se sempre começar atirando com 3 voltas. Em geral não é

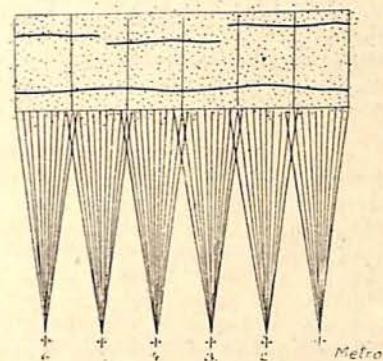


Fig. 24

Fogo simultâneo contra reforços e linhas de atiradores deitados com o fogo em profundidade de 100 ou 200 m.

possivel regular o tiro contra linhas de atiradores avançando, pois do contrario a linha se deita. Por isso as metralhadoras devem começar logo pelo tiro de efficacia. Os commandantes de secção e de peça se devem esforçar para obter no correr do tiro o estreitamento do feixe, afim de que augmente o resultado no alvo, mas só raramente haverá occasião para isso, porque o inimigo imediatamente se lançará ao chão ao receber fogo de metralhadoras. Si elle não fizer isso, e a observação fôr boa, deve-se estreitar imediatamente o feixe.

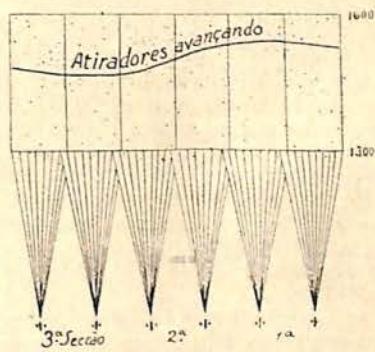


Fig. 25

Tiro contra linhas de atiradores avançando.

Commando:

«Alça 1600! — 3 voltas! — — — Atenção! Tiro continuo!»

No tiro contra uma linha de atiradores que avança por lances, deve-se sempre carregar uma nova fita no intervallo entre os lances, se fôr possível, afim de se poder aproveitar completamente os curtos instantes em que o alvo se apresenta visivel.

#### 5. Tiro contra metralhadoras.

Para o chefe de metralhadora e para o aponentador, o fogo contra metralhadoras é o mais dificil.

Ellas offerecem um alvo muito pequeno, em geral muito occulto no terreno e por isso dificil de se descobrir; dificil tambem de ser

attingido, porque o feixe da metralhadora se torna muito apertado quando o freio de direcção está fixo e por causa da largura do feixe se o freio está solto.

Quando a *infantaria atira contra metralhadoras*, cada atirador *aponta* sempre para atirar; o caso, porém, é diferente quando se trata de metralhadoras, porque o apontador só pode fazer pontaria no primeiro tiro e d'ahi por diante a linha de visada soffre taes deslocamentos em consequencia do recuo que mal permite uma grosseira pontaria. O vapor que se desprende vem ainda mais difficultar ao apontador a sua tarefa de apanhar o alvo. Para anniquilar uma metralhadora deve-se concentrar bem o feixe da metralhadora, mas não se deve prender o freio de direcção, porque do contrario o feixe se tornará demasiadamente apertado; a 1000 m, por exemplo, com o freio fixo, a largura do feixe é de 1 a 1,5 m. E' muito sedutor atirar com um feixe tão fino, mas a experienzia ensina que ás medias distancias não ha condições de observação que permittam o seu emprego.

Trata-se em primeiro logar, portanto, de evitar que o feixe se torne demasiadamente aberto em largura; o melhor meio de consegui-lo é o emprego da *posição de tiro deitado*, afim de que o apontador possa ter firmeza utilizando os coxins dos cotovellos. Se o apontador fizer fogo concentrado desse modo, com os cotovellos firmemente apoiados, a 1000 m o feixe, todavia, ainda terá cerca de 6 m de largura. Com a posição de tiro sentado o feixe se alarga no tiro concentrado, porque falta o apoio para os cotovellos, e atinge em geral cerca de 10 m. Com um feixe assim tão fino é preciso gastar muita munição para attingir efficazmente uma metralhadora.

Para bater um alvo-metralhadora no sentido da profundidade, é preciso empregar o tiro em profundidade. Distribuindo o fogo por uma profundidade de mais de 100 m, o feixe se tornará outra vez muito pouco denso e será necessário consumir muita munição.

Conclue-se d'ahi que, para atirar contra metralhadoras, deve-se empregar:

1. *Tiro tão pouco ceifante quanto possivel, mas o freio de direcção solto;*

2. *Tiro em profundidade de 50 m ou no maximo de 100 m.*

Disso se conclue que, contra metralhadoras, se deve regular o tiro com grande exactidão, mas muito especialmente se deve determinar com rigor, observando o tiro, o desvio lateral do feixe em relação ao alvo, afim de se poder então indicar com precisão ao apontador qual o ponto de visada conveniente para o tiro de efficacia. Quando a observação é deficiente, se para os lados não se pode fazer a regulação com sufficiente exactidão, é vantajoso fazer um breve tiro ceifante, durante pouco tempo. O apontador o executa de maneira que tenha consciencia de que desloca a linha de mira uma escassa largura do alvo para a direita e esquerda, a partir do ponto de visada ordenado. Por esse meio já quasi que fica duplicado o precedente tiro ceifante; elle passa de 6 m a 10-12 m de largura. Este tiro ceifante só se executa por ordem especial do chefe da metralhadora. Se nada fôr ordenado, faz-se fogo concentrado sobre o ponto do objectivo ordenado.

Depois da regulação, tratando-se deste objectivo, devem os apontadores procurar depressa e independente de ordem, os seus objectivos particulares e dirigir sobre elles suas metralhadoras, porque neste caso, muito especialmente, ha toda a urgencia. Quando o commandante da companhia dá as vozes para o tiro de efficacia, já os bons apontadores devem ter acabado de collocar a metralhadora na boa direcção. Se não fôr ordenado nenhum ponto de visada especial, visa-se sempre o «canto esquerdo».

E' vantajoso que as metralhadoras não atrem continuamente cada uma para a sua metralhadora, e sim troquem de objectivo na secção (cruzando os fogos), porque, conforme a experienzia mostra, frequentemente uma metralhadora acerta muito bem ao passo que a outra erra o tiro. E' melhor attingir uniformemente todas as metralhadoras inimigas do que attingir muito bem 3 e não obter nada nas outras 3.

Passando-se para o tiro de efficacia, cada chefe de metralhadora procede perfeitamente da mesma forma que no tiro contra linhas de atiradores, dirigindo o fogo com independencia, mas aqui elle deve trabalhar com muito mais precisão, porque falta a regulação *lateral*. Para se tomar um ponto de visada lateral a ordem é: «*l largura de alvo para a esquerda!*»

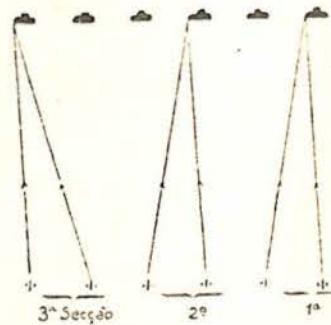


Fig. 26  
Regulação por secções, contra metralhadoras.

Em geral, o chefe de metralhadora deve fazer a regulação com o fogo concentrado, mas também pode, excepcionalmente, tornar a fazer fogo por serie com o freio de direcção preso.

*Vozes de commando no tiro contra metralhadoras:*

1. *Boa observação. (Fig. 26).*

Commandante da companhia:

«*Em frente metralhadoras! — — — Regulação por secções! — Alça 1000!*»

1.<sup>a</sup> secção: «*Apontar á metr. mais á direita!*»

2.<sup>a</sup> secção: «*Apontar á 3.<sup>a</sup> metr. a partir da direita!*»

3.<sup>a</sup> secção: «*Apontar á metr. mais á esquerda!*»

Commandante da companhia:

«*Attenção! — Tiro por serie!*»

Observação em geral boa.

Commandante da companhia:

«*Bem! — Tiro continuo!*»

Daqui por diante cada chefe de metralhadora trabalha independentemente.

Por exemplo: chefe da 1.<sup>a</sup> metr.: «*Apontar á mesma metr.! — Tiro concentrado!*»

Observação um pouco á direita, no alvo, e pouco aquem.

«1050! — 1 largura de alvo para a esquerda!  
— Fogo concentrado!»

Lateralmente, observação boa, pontos de chegada logo atraç do alvo.



Fig. 27

Regulação com 6 metr. atirando contra uma só.

«Bem! — 1/2 volta! — Tiro continuo!»

Da mesma forma trabalham independentemente os outros chefes de metr., de conformidade com a observação que fizeram com o seu fogo concentrado.

2. Má observação. (Fig. 27).

Commandante da companhia:

«Em frente metralhadoras! — — — Todos apontam para a 3.ª metralhadora a partir da direita! — Alça 1000! — — — Attenção! — Tiro por serie!»

Em consequência de vento fraco da direita, a observação foi um pouco á esquerda. Altura boa.

Commandante da companhia:

«Uma largura de alvo para a direita! — Tiro continuo!»

Daqui por diante cada chefe de metralhadora trabalha independentemente.

1.º chefe de metr.:

«Apontar á metr. mais á direita! — Uma largura de alvo para a direita! — Tiro concentrado!»

Nenhuma observação.

«1050! — 1 volta! — Fogo continuo!»

Da mesma maneira trabalham os outros independentemente, de conformidade com a observação que lhes proporcionou o seu tiro concentrado.

(Continua)

## Instrucción de infantaria

### Quadros de instrucción destinados á organisação de programmas semanaes

Eis ahi mais dois quadros da serie que prometemos publicar. Como complemento, convem sobre os de hoje fazer algumas considerações, por quanto a fórmula synthetica que lhes imprimimos talvez deixe duvida em sua applicação.

#### a) Sobre o quadro II

Houve na organisação deste quadro, como na dos demais, a preocupação de dispôr os assun-

tos segundo a ordem natural de successão, isto é, a mesma ordem que os regulamentos têm procurado observar. Entretanto esta regra não deve ser tida com carácter tão absoluto. Por exemplo: «formação successiva de esquadra, secção, etc.», não quer dizer que se passe immediatamente á formação da secção depois de se haver dado a da esquadra. Em quanto a esquadra não se mostrar convenientemente flexionada, não se deve passar a exercícios com unidades de ordem mais elevada. Mesmo dentro da esquadra quasi todos os assumptos seguintes do quadro devem ser explorados. Esta mesma observação é inteiramente applicável a todos os outros quadros.

## II. — Ordem unida

Instrucción individual	Sem arma	Posições: sentido, descançar, á vontade.
		Passos: para os lados, frente e retaguarda; marcar e trocar passo.
C. arma e cinturão	arma	Marchas c/ e s/ cadencia; altos; trocar e marcar passo.
		Movimentos acelerados e altos com estes movimentos.
Instrucción colectiva (até o pelotão inclusive)	C. arma e cinturão	Voltas a pé firme e em marcha.
		Todos os exercícios anteriores combinados.
Instrucción individual	Sem arma	Posições: sentido, descançar, ajoelhar, levantar, deitar, á vontade.
		Manejo da arma: hombro, apresentar e descançar arma;
C. arma e cinturão	arma	alongar e encurtar bandoleira, em bandoleira arma;
		armar, cruzar e desarmar bayoneta;
Instrucción colectiva (até o pelotão inclusive)	C. arma e cinturão	fogo: carregar, travar, preparar, alça, apontar, retirar arma, cessar fogo.
		Marcas c/ e s/ cadencia e altos.
Instrucción individual	Sem arma	Movimentos acelerados e altos com estes movimentos.
		Voltas a pé firme e em movimento.
Instrucción colectiva (até o pelotão inclusive)	C. arma e cinturão	Marcha para o assalto.
		Com mais o equipamento: equipar e desequipar.
Instrucción individual	Sem arma	Em fórmula, fóra de fórmula, ultima fórmula (primeiros exercícios de flexionamento).
		Alinhamento, contacto, perfilar, olhar, cobrir.
Instrucción colectiva (até o pelotão inclusive)	C. arma e cinturão	Fila, fileira, linha.
		Formação successiva de esquadra, secção e pelotão (logares dos chefes).
Instrucción individual	Sem arma	Numeração das filas, esquadras, secções e pelotões.
		Formações: linha, columna, costado, <i>Linha de columnas</i> .
Instrucción colectiva (até o pelotão inclusive)	C. arma e cinturão	Toda a instrucción individual dada collectivamente; meia volta e mudar de frente.
		Para municiar.
Instrucción individual	Sem arma	Para o assalto: de dia e de noite.
		Ensaihar e desensaihar.
Instrucción colectiva (até o pelotão inclusive)	C. arma e cinturão	Deitar e ajoelhar em diversas formações, a pé firme e em marcha.
		Marchas obliquas e conversões; cerrar.
Instrucción individual	Sem arma	Evoluçãoes, mudanças de formação por conversão e exercícios de desfilar.

## III — Ordem aberta

Exercícios formaes

Formação das linhas de atiradores	Progressivamente: pela fila, esquadra, secção e pelotão, partindo de qualquer formação. Base, posição dos chefes, intervalos.
Movimento das linhas de atiradores	Modo de conduzir as armas. Marchas em direcções determinadas com aumento e diminuição de intervalos. Marchas com mudanças de direcção. Ocupação de posição e abrigar completamente. Lances, marcha de rasto e agachado; assalto (R. E. I. 378) e retirada. Unir em qualquer formação a pé firme e em marcha. Restabelecimento da ordem primitiva (aplicação do flexionamento).
Outros accidentes do combate	Com voz de comando e após ocupação de posição: Abertura do fogo (com indicação de direcção, objectivo e alça). Especies de fogo. Redução e aumento da velocidade de fogo. Cessar e continuar fogo. Reforçamento, remuniciamento (R. S. C. ns. 446, 467 e 468). Emprego de signaes (R. E. I. 19) e ordens nas linhas de atiradores (122 R. T. I.)

Instrucção tactica

Avaliação de pequenas distancias (instrucção especial). Designação e apprehensão de objectivos (instrucção especial). Escolha individual do objectivo e ponto a visar. Observação do efecto do fogo pelo atirador (só na execução do tiro de combate).
Disciplina de fogo Aproveitamento dos accidentes e melhoramento. Correcto manejo da arma (de dia e de noite) e execução do tiro. Augmento, diminuição e interrupção de fogo no <i>fogo à vontade</i> . Regular o consumo da munição. Ter atenção ao chefe e ao inimigo. Conhecimento do terreno, orientação por pontos do terreno e à noite.

**OBSERVAÇÕES** — Relativamente a este quadro apenas acrescentaremos alguma cousa sobre a questão dos objectivos.

A designação e a apprehensão dos objectivos constituem uma parte especial da instrucção que não tem tido entre nós a importância que merece. É indispensável que a designação seja feita com precisão, mas é também necessário que ella se faça sob seu duplo aspecto: do chefe para os homens e dos homens para o chefe.

A uniformidade de linguagem e de recursos empregados é também, na questão dos objectivos, de capital importância no combate; seria mesmo para desejar que ella pudesse ter um cunho regulamentar. É preciso ainda fazer compreender que esse objectivo não se limita apenas áquillo que se quer atingir com o tiro, porém é tudo aquillo que se pretende. Exemplo: quando se indica que os homens de uma linha de atiradores se deslocam para um ponto determinado do terreno, está-se fazendo uma indicação de objectivo; o mesmo se dá quando se marcam os limites de uma frente para ser ocupada por uma tropa ou quando se marcam os limites de um sector para ser observado por uma simples sentinella.

(Continua)

1 Tenente Barbosa Monteiro.

## Um exercicio de tiro real combinado

No dia 2 de Setembro proximo passado realizou-se, em S. Paulo, por tropas da 2.ª D. E., sob o commando pessoal do Sr. General Barbedo, um exercicio de tiro real combinado, ao que nos consta, o primeiro que se effectuou em nosso País.

Tomaram parte nesse: o 43.º B. C., de guarnição em S. Paulo; o 2.º G. O., de Jundiahy; uma secção da 7.ª C. M., de Rio Claro, e o piquete-escolta do commando.

O logar escolhido para o exercicio foi a fazenda Cumbica, que dista 24 km de S. Paulo. Não se pôde imaginar terreno mais adequado para exercícios de tal natureza.

Os dous croquis que publicamos revelam a nossa asserção. Os rios Guapiruvu'-Guassu', ou

Baquiruvu', e Tieté percorrem a região, formando uma varzea de aspecto circular, ao centro da qual se levanta uma série de collinas, cuja cota mais elevada sobe a 800 m. Em torno da varzea, pela margem direita do Guapiruvu' e esquerda do Tieté, erguem-se numerosas collinas, que formam um amphitheatre gigantesco. Da orla desse amphitheatre pôde-se afiar, com alças de 6, 7 e 8 km, contra a collina central.

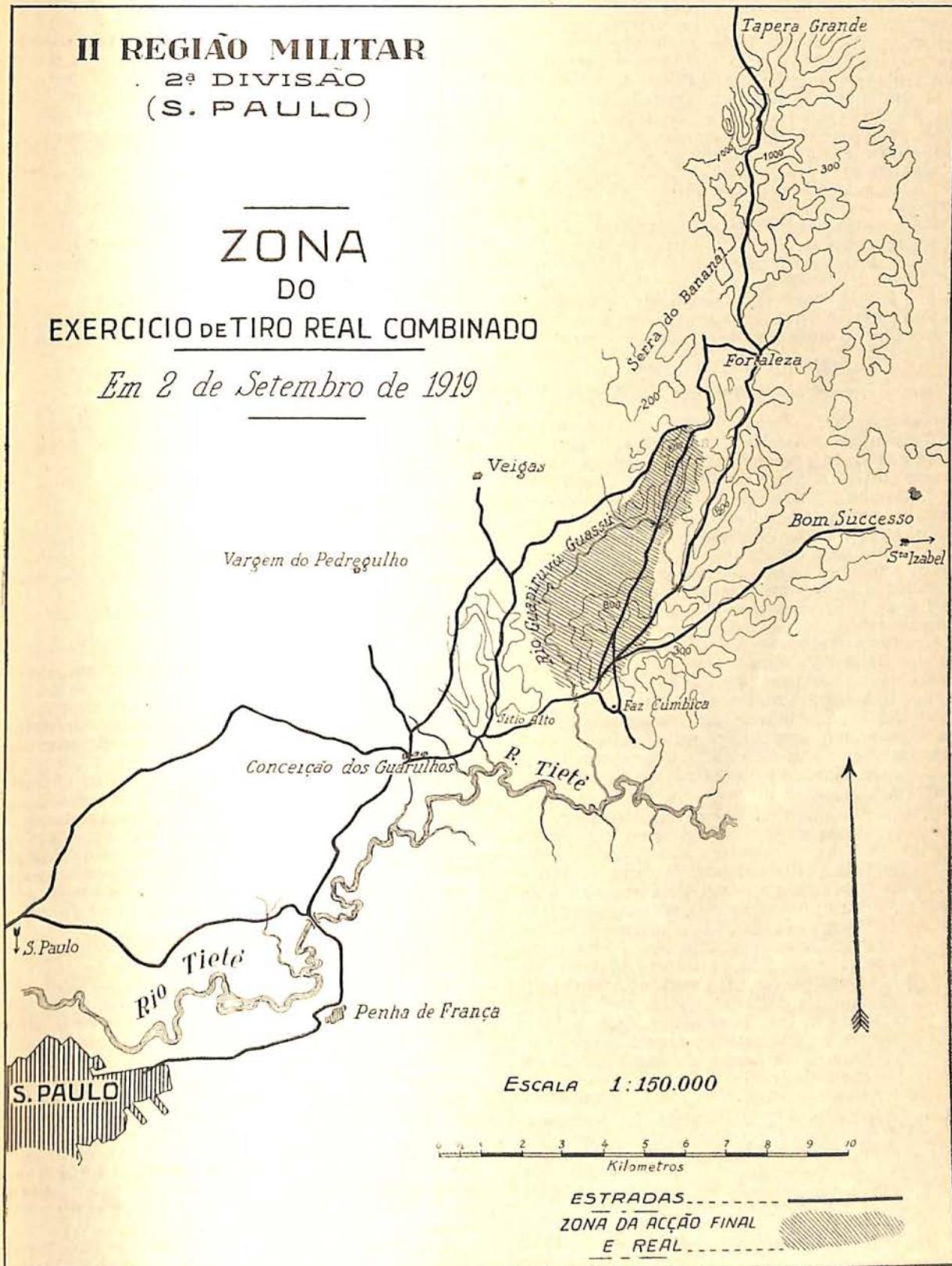
A Fazenda Cumbica que é uma sucessão pertencente a muitos herdeiros, **poderia ser desapropriada** por utilidade publica, **para constituir-se um campo de instrucção** ideal das tropas da 2.ª D. E.

A concentração das tropas que deviam tomar parte no exercicio fez-se no dia 1.º. O 2.º G. O. partiu de Jundiahy, por mau tempo, e venceu os 120 km que o separavam da Cumbica, em tres marchas. Não seria nada de admirar

**II REGIÃO MILITAR**  
**2<sup>a</sup> DIVISÃO**  
**(S. PAULO)**

ZONA  
DO  
EXERCICIO DE TIRO REAL COMBINADO

Em 2 de Setembro de 1919



que o fizesse, se houvesse estrada de rodagem, 60 km do caminho andado, em terreno muito dobrado, o foram por trilho montanhoso.

As tropas da 2.<sup>a</sup> Região têm, porém, grande treinamento de marcha. O 43.<sup>º</sup> B. C. venceu os 24 km que separam seu Quartel da Cumbica no dia 1.<sup>º</sup>; realizou o exercício no dia 2, com mais de 20 km de marcha, e no dia 3, às 6 horas, abalou da Cumbica, e chegou ao seu Quartel às 10 hs., completamente equipado, com estradas molhadas, sem deixar um só retardatário.

Toda a tropa acima, sob o comando do Ten. Cel. Waldomiro de Castilho Lima, recebeu ordem para marchar em direção à Fortaleza, na manhã de 2, de forma a poder, de regresso, atingir às 9 1/2 horas, do mesmo dia, a cota 800 m, que se vê nos dois croquis, obedecendo ao seguinte tema:

#### THEMA TÁCTICO

##### Para o exercício de tiro real combinado

*Situação geral.* — Depois de haver perdido o desfiladeiro da cota 1000, ao sul da Tapera-Grande, uma brigada mixta azul retira-se, com grandes dificuldades, por Fortaleza-Conceição dos Guarulhos, para São Paulo. A 2.<sup>a</sup> divisão vermelha persegue-a em duas colunas, em direção ao Guapiruvu'-Guassu': a da esquerda pela estrada de Fortaleza, a da direita pelo caminho Colonia-Varzea do Guapiruvu'-Guassu', pretendendo cortar-lhe a retirada para S. Paulo e atirá-la de encontro ao Tieté e Guapiruvu'-Guassu'.

*Situação particular.* — Às 9 1/2 horas da manhã do dia 2 de Setembro de 1919 a testa da vanguarda da columna da direita, ao descer a montanha, em procura do valle do Guapiruvu', recebe fogo da artilharia azul, em posição na cota 800 m, nas proximidades do caminho Fortaleza-Conceição dos Guarulhos. Ao mesmo tempo o commandante da vanguarda recebe de sua cavallaria a seguinte informação:

2.<sup>a</sup> D. E. Bosque na Varzea do Guapiruvu'-Guassu', 2.<sup>º</sup> de Setembro de 1919, 9 hs.

Sr. commandante da vanguarda.

Os azuis estão desenvolvidos para a defesa na cota 800 nas proximidades da Estrada Fortaleza-Conceição-Guarulhos. Atravessei a pequena ponte do Guapiruvu' intacta, o que prova só terem retirado por aquella estrada. Estou em contacto com a cavallaria amiga da vanguarda da columna da esquerda, que encontrou a ponte do Guapiruvu', ao Sul, destruída.

Cap. C.

A vanguarda da columna da direita compõe-se do 43.<sup>º</sup> B. C., 53.<sup>º</sup> B. C. (supposto), 2.<sup>º</sup> G. O., (representado por uma secção), 1/2<sup>º</sup> R. C. (representado por um pelotão) e 1 S. da 7.<sup>a</sup> C. M., sob o comando do tenente-coronel Waldomiro de Castilho Lima.

O commandante da 2.<sup>a</sup> D. E. está na testa da columna da direita com o commandante da vanguarda.

(Assignado) — General Luiz Barbedo.

\* \* \*

Às 9 1/2 horas da manhã estava o Sr. General Barbedo, com o seu Estado-Maior, na cota 800, ao N. do Guapiruvu', na estrada que vai para Fortaleza, quando apareceram os primeiros elementos da ponta da vanguarda. A essa hora, do lado esquerdo da mesma estrada, junto a um posto de signaleiros, que figura no croquis já estavam os convidados para o exercício: o Sr. Presidente do Estado, secretários, altas autoridades que tinham vindo em automóveis, apesar do mau tempo.

No ponto em que se achava reunido então o Sr. General Barbedo o commandante da vanguarda, da artilharia, etc., expôz a situação e a idéia da manobra, dando verbalmente as ordens cujo resumo é o seguinte:

1.<sup>º</sup> A vanguarda é dissolvida.

2.<sup>º</sup> Ao Commandante do 2.<sup>º</sup> G. O. — Tomar posição coberta naquella eminência e proteger o avanço da infantaria.

3.<sup>º</sup> Ao Commandante do 43.<sup>º</sup> B. C. — O 43.<sup>º</sup> B. C., com a secção de metralhadoras, atacará o inimigo, a partir da extremidade O. daquele bosque, desenvolvendo logo tres companhias, deixando apenas uma em reserva à minha disposição.

Designa um posto de signaleiros para acompanhar-me.

Ao commandante do 53.<sup>º</sup> B. C. — Atacar o inimigo a partir da extremidade L. daquele bosque até a estrada Fortaleza-Conceição dos Guarulhos, procurando ligação com a columna da esquerda.

5.<sup>º</sup> O posto de socorro será estabelecido atrás do bosque.

6.<sup>º</sup> Ao Commandante da cavallaria (por um estafeta). Deve manter ligação com a columna da esquerda, e a ligação entre o ataque dos 43.<sup>º</sup> e 53.<sup>º</sup> B. C.

7.<sup>º</sup> A columna da esquerda (supposta e por um oficial de ordenanças). O inimigo desenvolvido e fortificado na cota 800 nas proximidades da estrada Fortaleza-Conceição dos Guarulhos. Vamos atacá-lo dos dous lados do bosque da varzea do Guapiruvu'-Guassu'. Apressem a vossa marcha e atacá-lo entre as estradas de Fortaleza, inclusive, e estrada para Bom Sucesso e para Pimenta. Meu pensamento é cortar-lhe a retirada para S. Paulo, envolvendo-lhe as duas alas e atirando-o contra os baixos do Guapiruvu' e Tieté.

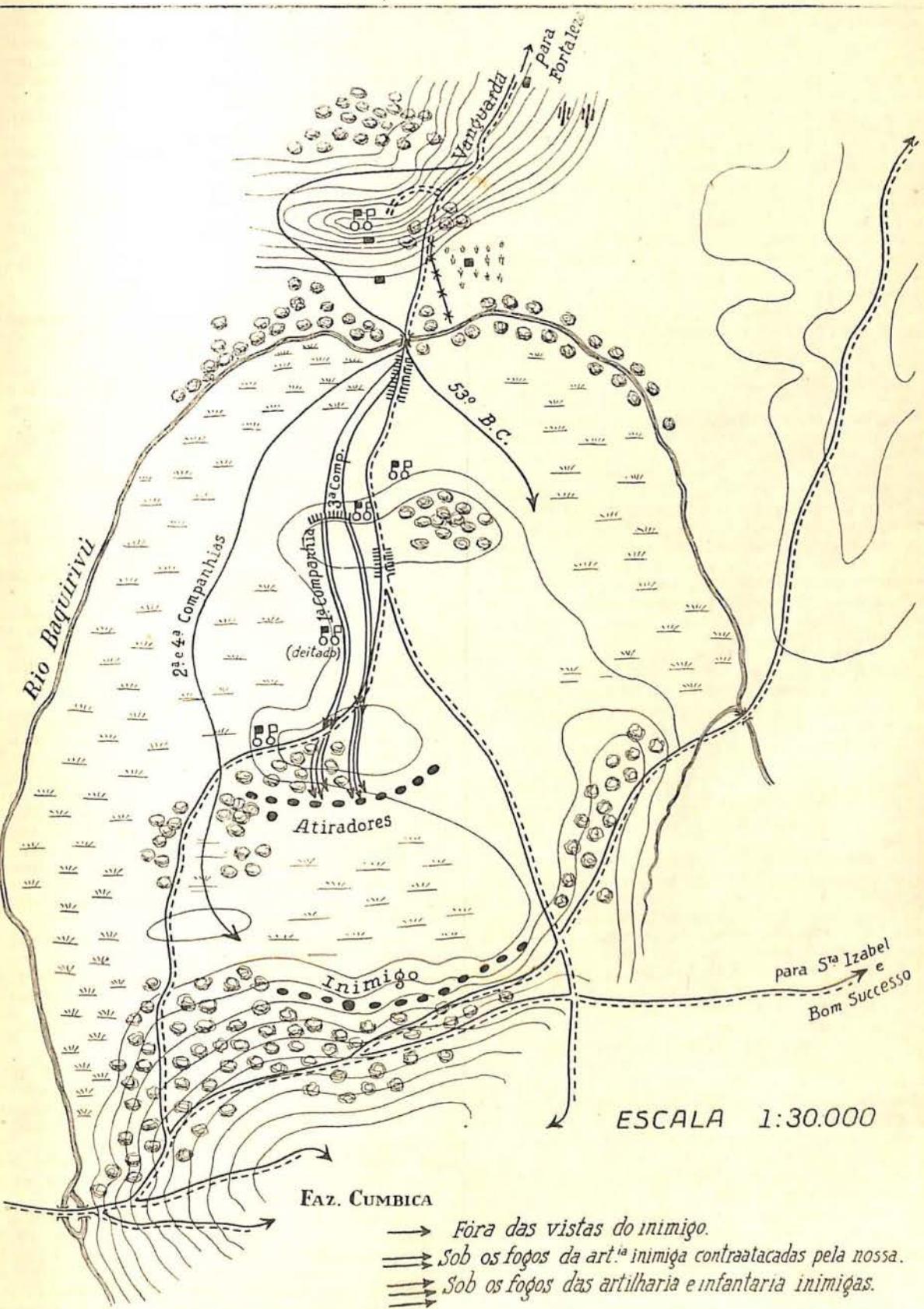
Permaneço na margem esquerda do Guapiruvu', no bosque ali existente.

Nota. — O 43.<sup>º</sup> B. C. dará um posto de signaleiros e um corneteiro para o commandante da divisão.

\* \* \*

O inimigo estava representado na cota 800 m, do centro da varzea do Guapiruvu' ou Baquiruvu', junto à estrada Fortaleza-Conceição dos Guarulhos, por 80 alvos de infantaria e uma bateria em posição descoberta.

Em virtude das ordens precitadas, a secção de obuses tomou posição do lado direito da estrada (v. croquis), desenfiada dos clarões. O commandante da secção fez imediatamente a preparação do seu tiro, assistida pelo Sr. General, estado-maior e convidados, e esperou, para iniciar a regulação, um sinal da infantaria, combinado, dizendo-lhe estar ao alcance eficaz do tiro inimigo.



Era a restrição natural desses exercícios do tempo de paz — poupar munição.

O croquis junto mostra todas as fases do avanço da infantaria. Ela avançou encoberta até a extremidade oeste do bosque. Dali pediu, pelos sinaldeiros, já sob as vistas do inimigo, a protecção da artilharia. Partia, em seguida o primeiro shrapnell-percussão. Ao 4.º disparo, encontrava a artilharia a alça favorável: 3700 metros! O fogo da artilharia, naturalmente lento, continuou até que a infantaria chegou a 150 m dos alvos, companhias envolventes, e 300 m, companhias que atacaram de frente.

Nesse momento, o Sr. General Barbedo com o seu Estado-Maior, que havia acompanhado, sob a trajectória dos projectis, a marcha da infantaria, transmittiu, pelo seu posto de sinaldeiros, a seguinte ordem: *Alongue o tiro! Vamos dar o assalto!* A artilharia alongou o tiro, desviando-o ainda por uma deriva para a extremidade L. dos alvos.

O Sr. General Barbedo, como se tratasse de um primeiro exercício dessa ordem, realizado entre nós, acompanhado pelo seu Estado-Maior, pela escolta, com a bandeira branca de *director*, expôs-se aos seus riscos naturaes, afim de dar o exemplo. Qualquer acidente encontraria o comandante da Região tão exposto, quanto os soldados e officiaes do 43.º B. C.

Nenhum acidente, porém, empanou o brilho de sua iniciativa, que precisa ser imitada.

Precisamos salientar aqui, desde já, a calma e a confiança da infantaria, sob o fogo dos obuses, mesmo quando se preparava para o assalto.

O exercício terminou pela ordem de regresso a Faz. Cumbica, em cuja casa o Sr. General fez a critica do exercício.

Salientemos nella uma promessa feita! S. Ex. disse, ao acabal-a, que o exercício era apenas um prologo; que elle pretendia realizar outros em que as tropas do seu commando haviam de efectuar assaltos, precedidos pelo fogo de baragens rolantes.

A critica oral foi, dias depois, confirmada por outra em Boletim.

Transcrevemos um dos seus trechos mais interessantes:

«A situação tactica apresentada naquelle exercício, a de uma brigada, que, depois de haver perdido um desfiladeiro, se retirava, e em dado momento hostilisou a testa da columna que marchava em sua perseguição, foi de natureza que permittia suppor-se, com toda a probabilidade de não errar, que o inimigo, aproveitando intelligentemente a noite, organisava uma posição na cota 800 afim de retardar a perseguição que lhe era feita.

E' sabido não se dever emprestar uma intenção ao inimigo e sobre ella basear uma manobra, mas no caso que se tinha presente era a única cousa que podia pretender, dada a situação em que se achava e a força de que dispunha, até fazer junção com a columna de que fazia parte e cuja retirada protegia.

A missão da vanguarda da columna perseguidora enquadrava-se assim nos n.ºs 4 e 8 do art. 283 do nosso R. S. C.

Vem a propósito ainda citar palavras do General Gamelin em sua brillante conferencia sobre a doutrina da guerra, ha pouco realizada em nosso Club Militar, tentando destruir principios falsos, que no dizer do projecto cabo de

guerra sobrecarregam nossos conhecimentos militares, como verdadeiros parasitas.

Quando o grosso não está em condições de agir, é evidentemente uma imprudencia empenhar-se uma vanguarda ofensivamente contra um inimigo que se mostra forte.

Quando, porém, se trata de esclarecer uma situação, de garantir um desfiladeiro, de prender ao terreno um inimigo que se esconde, tudo aconselha que se ataque com a vanguarda!»

Era o caso do nosso exercício etc., etc.

Vejamos agora, pelo exame dos boletins de tiro, o grão de instrução, das tropas empregadas.

A infantaria obteve 32,5% de figuras atingidas e 33,6% de resultado tático, consumindo apenas 1500 cartuchos.

A artilharia empregou 32 projectis. Profundidade da zona batida — 180 m; largura — 40 m. O alvo era representado por uma bateria de 4 canhões.

G. V.

## TRABALHOS INEDITOS

DO

### 1º Tenente CARLOS DE ANDRADE NEVES

V

#### Artilharia MATERIAES EM SERVICO (Continuação)

*Canhão de 75 m/m, modelo 1897, (Regulamentar)*

«E' a principal boca de fogo de campanha francesa e a mais numerosa».

*Corpo do canhão.* — E' de aço, raiado à direita, as raias são cuneiformes e de passo constante em numero de 24.

Comprimento da parte raiada: 29 cal. 7.

Comprimento total do canhão: 2m,721.

Diametro da alma entre dois cheios: 75 m/m.

Diametro da alma entre duas raias: 76 m/m.

A culatra é de bloco, sistema *Nordenfeld*.

O bloco chamado parafuso-culatra é de forma cylindrica e filetado exteriormente.

*Reparo.* — O canhão é dotado de um reparo deformavel.

Entre o tubo e o reparo existe o *berço*, que permite a separação das operações por meio das quais são dados os angulos de tiro e de sitio ao canhão.

O berço possue um sector dentado por intermedio do qual effectua a sua ligação ao reparo, engrenando-o com um pinhão movel em torno de um eixo existente no reparo. A rotação deste pinhão é obtida por meio de pinhões auxiliares e de um parafuso sem fim, accionados pelo volante de pontaria em altura.

Os deslocamentos angulares do berço são registrados em relação à horizontal (angulos de sitio), por meio de um nível, solidario com a aza esquerda do berço.

O canhão é dotado de um freio hidropneumatico, visto acharem-se o freio e o recuperador intimamente associados.

O freio consta de 2 cylindros ligados um ao outro; o cylindro do freio e o cylindro do recuperador.

No interior do primeiro existem dois compartimentos (separados por um piston munido de haste) os quaes tem dimensões variaveis durante o recuo; o compartimento da retaguarda encerra o liquido (agua e glycerina) e o da uma abertura, ar atmosferico.

O cylindro do recuperador é igualmente diferente, que se communica com o exterior por vidido em duas partes de dimensões variaveis, por meio de um diaphragma; a parte da retaguarda contem o mesmo liquido existente no compartimento posterior do cylindro do freio e com elle se communica; a parte da frente é perfeitamente estanque e contem ar comprimido.

No cylindro do recuperador existe uma pequena haste, ligada a uma engrenagem, que constitue «o fiel» e por meio do qual se pôde julgar da quantidade de liquido existente nos dois cylindros.

O freio é ligado ao tubo por meio de uma chapa, que lhe permite um certo jogo, necessário em virtude das vibrações que pode soffrir a haste do piston durante o recuo.

O freio é ligado ao berço por meio de um parafuso e de uma porca, cujo conjunto forma um jogo de comprimento variavel; as duas extremidades deste jogo e o centro dos munhões constituem um triangulo deformavel; para se obter este resultado as extremidades são articuladas sobre o freio e sobre o berço.

Os deslocamentos angulares do freio em relação ao berço (angulos de tiro) são registrados pela alça, que é constituida por um tambor circular adaptado ao corpo do freio e que se desloca em face de um indice fixo.

Em resumo:

— O reparo sustenta o berço; o berço sustenta o tubo.

Os angulos de sitio são dados ao canhão, inclinando-se o berço em relação á horizontal.

Por sua vez o berço e o corpo do freio são ligados entre si e os angulos de tiro são dados ao canhão, inclinando-se o corpo do freio em relação ao berço.

O recuo do canhão é de 1m,20.

O reparo é dotado de uma pequena pá de conteira, rigida.

*O calçamento.* — O calçamento é a operação que consiste em fazer subir as rodas do canhão para cima de 2 patins dotados de pequenas pás paralelas aos planos de tiro e destinadas a impedir que se desfaça a pontaria em direcção, do reparo.

O calçamento é uma operação que requer uma certa practica dos serventes; o seu maior inconveniente, porém, consiste na propria existencia dos dispositivos que o realizam: patins, travessa de ligação, tirantes articulados, alavanca pivotante, etc., os quaes por sua forma, disposição e manejo perturbam o serviço da peça.

Quanto á realização do calçamento, a dificuldade pode ser vencida pela instrucção, como sucede no exercito francez; o incommodo, porém, resultante para os serventes da existencia e sobretudo da disposição dos seus elementos, difficilmente poderá ser removido.

*Pontaria.* — A pontaria em direcção é realizada por deslisamento do reparo sobre o eixo. A pá da conteira permanecendo fixa durante a operação, resulta que devido ao movimento necessário do canhão para a realização da pontaria,

uma das rodas avança ligeiramente, enquanto a outra recua.

Campo horizontal: 6°.

A pontaria em altura é realizada pelo sector dentado do berço e pelo parafuso de alça independente.

Campo vertical (permittido pelo reparo colocado em terreno horizontal): de — 11° a + 20°.

*Apparehos de pontaria.* — Collimador — Nivel e alça independente, ou nível modelo 1888. O collimador comprehende:

1.º — Uma haste metallica terminada na parte superior por um collimador, que possue duas linhas de fé, uma horizontal e outra vertical; a haste supporta igualmente um outro «collimador de referencia», movel em torno de um eixo perpendicular ao eixo da haste.

2.º — Um supporte da haste, na qual ella pode girar; este movimento giratorio é descontinuo; para obtel-o é preciso calcar ligeiramente a haste sobre o supporte, de maneira a libertar um dente de retenção.

O supporte da haste apresenta em sua parte superior um *prato* circular graduado.

O supporte é introduzido em um encaixe cylindrico existente no supporte do apparelho de pontaria, o qual é por sua vez fixado á aza esquerda do berço.

O encaixe pôde girar em torno do seu eixo, acarretando no seu movimento o movimento do apparelho de pontaria.

Este movimento é obtido de um modo contínuo por meio de um *tambor*, que constitue a cabeça de um parafuso sem fim.

*Graduação do apparelho de pontaria.* — O prato é dividido em quadrantes, cada um delles contendo 8 divisões, de 200 millesimos cada uma e numeradas: 0, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14; (o zero tambem corresponde ao 16).

A graduação é feita no sentido do movimento dos ponteiros de um relogio.

O movimento da haste á mão no supporte desloca o collimador de 200 millesimos ou de um multiplo d'este numero.

O tambor é graduado sobre a superficie cylindrica de 0 a 200 millesimos.

A origem das graduações é tal que para prato 0, tambor 100 (a que chamam «deriva normal»), o plano de pontaria é paralelo ao plano de tiro.

*Nivel.* — O nivel está collocado paralelamente ao plano de tiro, sobre um supporte chamado porta-nivel, que é articulado em torno de um eixo horizontal existente no supporte do apparelho de pontaria.

No disco do nivel existe uma graduação de 5 em 5 millesimos, gravada em dois sentidos a partir do zero; uma das graduações corresponde aos angulos de sitio positivos e a outra aos negativos. Em cada sentido a graduação vai até 100 millesimos.

O nivel mod. 1888 é semelhante ao existente entre nós, sendo graduado em graos e minutos e permittindo uma approximação á vista, de 20 segundos.

*Mobilidade.* — Peso do canhão em bateria. — 1140 kilos.

Peso da viatura-canhão (armão carregado, vierves, equipamento, accessorios e 3 serventes inclusive) — 2210 kilos.

Os armões do canhão e do carro são identicos; os seus cofres podem receber 24 cartuchos collocados verticalmente. Elles possuem um compartimento central para pequenos viveres e instrumentos necessarios ao canhão.

*Carro de munição.* — Peso de um carro carregado:

Com sh: 1310 kilos; com gr. 1160 kilos.

Cada carro possue dois cofres de munições, conduzindo cada um 36 cartuchos.

Peso da viatura carro (carregada, equipamento, accessórios e 3 serventes) — 2220 a 2370 kilos, conforme o projectil transportado.

*Transporte.* — Tracção animal a 6 cavalos ou tracção automovel.

Existem algumas baterias de 75, mod. 1897, transportadas sobre automoveis, as quaes receberam o nome de «baterias de 75 transportadas» (*portées*).

O canhão é conduzido sobre um caminhão automovel; podendo-se atirar de sobre o caminhão ou descel-o para o tiro por meio de uma manobra simples e rapida.

*Munição.* — Os projectis são engastados em estojos metallicos encerrando cargas variaveis com o genero do projectil e o lote de polvora empregado.

Os projectis são de diversas categorias:

a) Shrapnell: 2 typos — sh. de carga á retaguarda com 265 balins de 12 gr. e sh. de carga misturada ou «Robin» com 290 balins; peso medio do projectil — 7k,200.

b) Granadas de diferentes modellos, de aço, pesando 5k,550 ou 5k,315 e outras de pesos visinhos destes e contendo cerca de 0k,700 de explosivo;

c) Granadas alongadas de fonte aceirada, destinadas ao tiro de grandes alcances, contra o pessoal, pesando 7k,300;

d) Projectis fumíferos (traçadores, contra bâloes);

e) Projectis incendiarios;

f) Projectis especias contendo líquidos, que se transformam ao contacto com o ar atmosférico em gazes asfixiantes, lacrymogenes, etc.

*Dados balísticos.* — Alcance maximo, 11.000 metros com  $V_0=525$  m (gr. alongada de fonte aceirada).

O canhão emprega actualmente diversas cargas de projecção, as quaes realizam as seguintes velocidades iniciaes:

Shrapnell — 535 metros (carga normal);

Gr. mod. 1900 — 542 ou 550 m, conforme a espoleta empregada;

Gr. com carga reduzida de polvora BC — 344 ou 290 m, conforme a espoleta empregada.

*Outros dados.*

Inclinação constante das raias sobre a geratriz da alma — 7°.

Peso da massa recuante — 461 kilos.

Limite do angulo de sitio para a pontaria pelo collimador. — Acima do horizonte: para o alcance de 5500 (maior graduação de alça) + 6°; para alcances inferiores a 3300 metros, + 12°, 15'; abaixo do horizonte — 11°.

Pressão manometrica media na culatra, desenvolvida no tiro com carga normal de um lote medio de polvora BSP, com o shrapnell — 2400 kg.

Com a gr. alongada de fonte aceirada — 2300 kg.

*Informações diversas.* — O canhão dispõe de um regulador automatico de espoletas, podendo graduar ao mesmo tempo dois projectis; o regulador é graduado em distancia de 0 a 6900 metros; o corrector varia de 0 a 40.

O serviço da peça é feito por 3 serventes: apontador, atirador e carregador.

O serviço do carro é feito por outros 3: 1 graduador e 2 muniçadores; estes para o calcamento e outros movimentos a braços do canhão auxiliam os serventes da peça.

O 75 mod. 1897 está distribuido na Artilharia de Campanha em duas espécies de regimentos:

O 75 montado: regimento divisionario;

O 75 transportado: regimento de corpo de exercito

a) 75 montado:

A unidade base é a bateria.

*Efectivo.* — 1 capitão, 2 subalternos, 127 praças (das quaes 13 sub-officiaes [correspondem aos nossos aspirantes]), 99 cavalos e 14 viaturas.

As viaturas são: 4 peças, 6 carros de munição, 1 viatura telephonica, 1 viatura para agua, 1 viatura cosinha e 1 carro coberto para viveres e bagagens.

A bateria dispõe de 9 parelhas de reserva.

*Grupo.* — 3 baterias e 1 columna de aprovisionamento (trem de estacionamento) constituem o grupo.

A columna comprehende: 3 officiaes, 115 homens (dos quaes 12 sub-officiaes) 122 cavalos e 27 viaturas (6 carros de parque, 6 carros de munição, 2 forjas, 7 carros cobertos, 1 carro de cosinha, 2 viaturas de carne e 3 carros de forragem).

O grupo é commandado por um major, assistido por um estado maior que se compõe de 5 1.os ou 2.os tenentes adjuntos (dos quaes 1 oficial d'antenna, 1 oficial telephonista e 1 orientador).

O grupo dispõe ainda de 1 oficial de aprovisionamento (intendente), 1 medico e 1 veterinario.

O chefe do serviço de ligação e o ajudante são tirados dos 5 adjuntos existentes.

*Regimento.* — 3 grupos constituem o regimento, o qual é commandado por 1 coronel, assistido por 4 officiaes adjuntos (dos quaes 1 capitão, 1 oficial d'antenna e 1 oficial telephonista).

b) 75 transportado:

A bateria dispõe de 5 tractores e 4 caminhões para canhões.

Não possue armões. Toda a tracção é automovel.

A bateria dispõe mais de 8 caminhões grandes, 1 caminhão pequeno, 2 viaturas de reconhecimento, 1 motocyclo.

*Efectivo.* — 3 officiaes e 116 homens, dos quaes 12 sub-officiaes. 3 baterias formam um grupo; 3 grupos 1 regimento.

Existe no regimento uma secção de transporte comprehendendo: carros, tractores pesados e «caterpilars».

O efectivo em officiaes e homens é analogo ao do 75 montado.

*Velocidade do tiro.* — Pode attingir a 20 tiros por minuto, na pratica, porém, não se deve exceder a 6 tiros por minuto.

O canhão de 75 foi adaptado ao tiro contra aviões, sendo para esse fim collocado sobre uma plataforma circular, que lhe permite um campo de tiro de 360°.

Existem dois modelos de plataforma, o de 1911 e o de 1915; este permite um campo vertical comprendido entre - 12° e - 85°.

Para o tiro contra aviões o freio foi tambem modificado com o fin de ser aumentada sua resistencia.

(A seguir: Materiaes que constituem a artilharia pesada).

## SOBRE O R. E. C.

Rio, 23 de Setembro de 1919.

Prezados Camaradas Redactores d'A Defeza Nacional,

Cordeas saudações.

Certamente eu não fui muito feliz no modo porque me expressei no meu ultimo artigo — «Exercicios de Esquadrao» — publicado no numero 73 da nossa Revista. Digo que não fui feliz porque, querendo restringir as minhas observações ás circunstancias creadas pelos varios avisos ministeriaes relativos á instrucção da cavallaria, fui criticado pela N. da R. como se estivesse propondo soluções para o novo R. E. C.

Eu não opinei ahi como devam ser as vozes de commando deste regulamento. Não entrei mesmo em cogitações para harmonisal-o com o R. E. I. e o R. Eq. Embaraçado, como todos os officiaes de cavallaria que instruem tropa, pelas inumeras retalhações do actual «Regulamento para os exercicios da Cavallaria Brasileira», indiquei naquelle artigo «uma solução» para o momento, em que estando adoptadas para a nossa arma a instrucção individual e a ordem aberta do R. E. I. (avisos n.os 332, 525 e 555, de 16-4, 21-6 e 6-7, tudo de 1917), ficaram entretanto vigorando as prescripções sobre a sua instrucção de conjunto, a cavallo, e a pé. Dahi resulta que somos obrigados a commandar pelo regulamento de cavallaria todas as vezes que as unidades estão constituidas, não obstante habituarmos os homens com as vozes do R. E. I. quando instruimos individualmente. O exemplo escolhido por mim é frisante e o que proponho parece acceptavel, entendido que o

aviso n.º 555 estende á cavallaria sómente a instrucção individual do R. E. I., nada estabelecendo sobre a instrucção de conjunto quando a pé, que ficou, portanto, como está no regulamento de cavallaria.

Quanto aos commandos que adoptará o novo R. E. C., desejaria aguardar a sua publicação. Sirva-me, entretanto, a oportunidade para manifestar a minha opinião de que não se deve comprometter a clareza das vozes de commando e com isto a bôa execucao dos movimentos, pela beleza da harmonia dos regulamentos. Para a cavallaria a cavallo é importante ter em vista que os seus movimentos rapidos exigem commandos muito claros, pois os erros provenientes de uma comprehensão má são difficeis de corrigir.

Isto de um modo geral. Particularisando para o caso em questão, seria bom que para romper a marcha, com a voz de comando fosse enunciada a sua direcção, justamente para se evitar o que faz o R. E. C. allemão, onde se diz *simplesmente* — «Esquadrao - marche!» (ou a andadura), mas se é forçado (\*) a commandar imediatamente a direcção. Assim, pelo pouco que valha a minha opinião, eu estimaria vêr conservada no novo R. E. C. a voz de commando — «Esquadrao, em frente - marche!» — todas as vezes que a direcção da marcha fôr em frente. E conservada para a marcha a cavallo, é melhor sel-o tambem para a pé, afim de evitar que numa mesma arma sejam empregadas vozes de commando diversas para um mesmo movimento, o que produz uma harmonia muito mais importante que a consequente da adopção em uma arma de vozes de commando de outra.

Além disto ha uma questão de detalhe que não me parece sem valor. A expressão — «em frente», — na voz de commando, incita os homens a olharem para a direcção da marcha \*\* e evita romperem-na com a cabeça baixa, defeito tão inestetico como prejudicial á bôa cohesão nas evoluções a cavallo, e que pode ser assim tambem corrigido nos movimentos a pé.

Sem mais, sou o cam.a e am.º

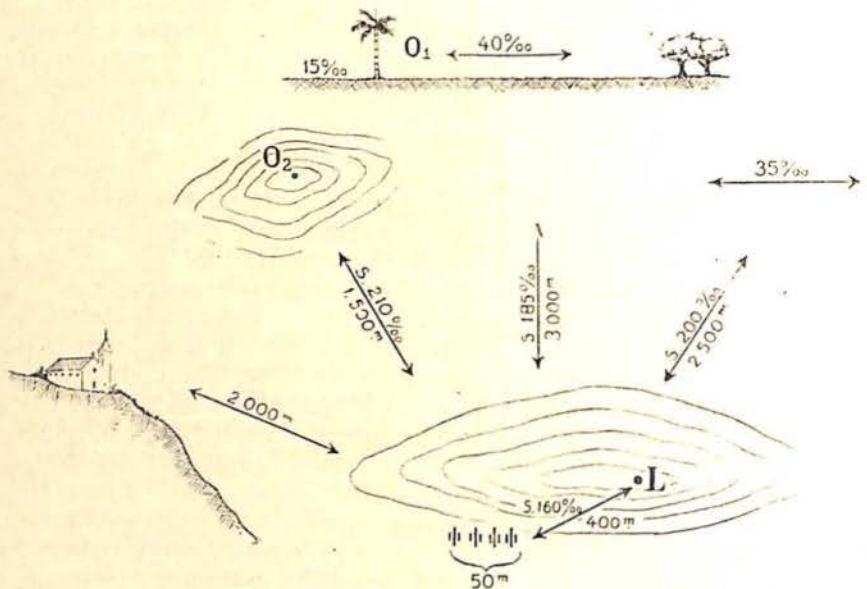
Euclides de O. Figueiredo

N. da R. — (\*) Pelo citado R. E. C., não.

N. da R. — (\*\*) Então, quando não se deva commandar «em frente» (marcha obliqua, execucao de conversões) os homens não precisam olhar para a direcção da marcha, nem *levantar o nariz*? E a infantaria tambem não precisa dessas duas coisas?

# Pratica do tiro na artilharia de campanha

Problema proposto em 3. 7. 19. pelo capitão Lima e Silva, instrutor de artilharia na Escola Militar, à turma de aspirantes a oficial do respectivo curso, afim de ser resolvido em prova escripta na hora da aula de themas de tiro.



Commandos de abertura do fogo contra o objectivo  $O_1$  pelos trez modos regulamentares de pontaria indirecta, tomando parte o cdte. da linha de fogo na organisação do feixe. Depois mudança sucessiva de objectivo supondo que a bateria tenha feito o fogo de efficacia.  $O_1$  — trincheira de infantaria,  $O_2$  — estado maior desabrigado,  $O_3$  — atiradores desabrigados.

## SOLUÇÃO

### I) Abertura do fogo contra $O_1$

1) Granada tempo! Só a secção direita! Pontaria á luneta! Sitio 190! Corrector 10! Alça 30! Derivas da direita! 9.05! 10.10! (\*) 10.95! 11.45! Fogo!

2) Granada tempo! Só a secção direita! 1.a peça da direita, pontaria á luneta! Sitio 190! Corrector 10! Alça 30! Deriva 9.05! Escalonar de 4! Fogo!

O commandante da linha de fogo, que o é tambem da secção de regulação, aó transmittir estes commandos transforma os dois ultimos nos seguintes: Ponto de pontaria na frente, á esquerda, igreja no alto do morro, canto direito da torre! Deriva 52.25! Escalonar de 8! 1.a peça - fogo, 2.a peça - fogo!

3) Granada tempo! Só a secção direita! Ponto de pontaria na frente, á esquerda, igreja no alto do morro, canto direito da torre! Base 1.a peça da direita! Sitio 190!

Corrector 10! Alça 30! Deriva 52.25! Escalonar de 4! Fogo!

Neste caso tambem o cdte da linha de fogo transformará os dois ultimos commandos nos seguintes: Escalonar de 8! 1.a p. — fogo, 2.a p. — fogo!

### II) Mudança de objectivo para $O_2$

Shrapnel tempo! Toda a bateria! Sitio 220! Alça 13! Escalonar! Deriva, mais 50! Escalonar de menos 15! 2 grupos!

### III) Mudança de objectivo de $O_2$ para $O_3$

Só a secção direita! Sitio 205! Corrector 10! Referencia menos 55! Escalonar de menos 6! Fogo!

## CRITICA

### I) Abertura do fogo

Como se vê, os trez modos de pontaria indirecta referidos no enunciado do problema e mais apropriados á practica das funcções de official são: 1.º o de visadas reciprocas entre as peças e a lu-

(\*) As trez ultimas resultam de  $10.07+4$ ,  $10.85+8$ ,  $11.34+12$ .

neta de bateria; 2.º o que podemos chamar processo mixto, pois que ahi uma das peças é apontada por *pontaria à luneta*, ao passo que as outras trez o são por *ponto de pontaria*; 3.º, aquelle em que as peças todas ficam apontadas visando um *ponto de pontaria collectiva*. Não é objecto de estudo aqui a *pontaria reciproca* entre as peças por ser um processo mais adequado á pratica dos aponentadores e, além disso, demasiado lento para ser applicado na primeira direcção e organisação do feixe de planos de tiro, ou mesmo perturbador quando por qualquer motivo uma das peças tenha que ser reapontada com auxilio de outra. Só exceptionalmente terá applicação na pratica.

Depois de observar que em qualquer dos trez modos de pontaria os commandos de abertura do fogo succederam-se na ordem regulamentar, e que se escolheram bem o projectil e a unidade de regulação, vejamos o que ha de notavel nos outros commandos em cada um dos trez casos.

No 1.º Não se deve commandar apenas «Luneta!». Os commandos devem ser emitidos sempre na fórmula regulamentar. Não é difficult descobrir a perturbação que pôde causar a falta de uniformidade na linguagem dos commandos.

Quando o R. E. A. não fôr bastante claro deve-se medital-o e por fim agir segundo seu espirito. A notação «Luneta!» do modelo n. 1 de boletim de tiro annexo ao R. T. A. não justifica essa infracção do R. E. A. Aquillo é um molde para registo abreviado dos commandos e não é modelo para sua transmissão á bateria.

O commando «Direcção geral!», que devia ser dado em seguida, não tem razão de ser no presente caso. E' evidentemente inutil a 400m de distancia. O pequeno erro de direcção porventura proveniente de sua falta será corrigido durante o tiro de regulação.

A indicação da figura «Sitio 185 %» sobreposta á da alça significa a diferença de nível entre o objectivo e a posição da luneta de bateria. E' preciso calcular o angulo de sitio conveniente á linha de fogo. Mas não ha para isto necessidade do emprego de formulas; seria pedantismo de principiante e quasi sempre motivo de delongas injustificaveis na pratica. Não se deve esquecer a *Nota* da pagina 67 do R. E. A. O calculo do sitio pôde sempre ser feito mentalmente. Vejamos. Diferença de nível entre a luneta e a bateria

$40\% \times 400\text{m} = 16\text{m}$ ; entre a luneta e o objectivo  $15\% \times 3000\text{m} = 45\text{m}$ . Então O<sub>1</sub> está abaixo da bateria 29m ou, arredondando

$$\frac{30\text{m}}{3000\text{m}} = 10\%$$

Quanto ao corrector é aconselhavel comecar sempre a regulação por 10, desde que as indicações de occasião, colhidas de um tiro anterior, feito pela propria bateria ou por uma outra proxima, não levem a outro modo de proceder. Se, pela construcção do nosso regulador automatico, a graduação 12 corresponde aos arrebentamentos que se dão approximadamente a 3%, acima da linha de sitio, normaes, a graduação 10 corresponde approximadamente aos arrebentamentos observaveis de que falla o R. T. A., isto é, aos arrebentamentos situados a cerca de 1% acima da linha de sitio.

Em muitos casos convirá mesmo manter o corrector 10 e procurar os arrebentamentos observaveis fazendo modificações no angulo de sitio com o fim de entrar no fogo de efficacia com o corrector 12, o que facilita o trabalho dos serventes, especialmente a fiscalisação da graduação da espoleta.

*Derivas.* — Indicando-se no commando que as derivas succedem-se da direita (esquerda) não ha necessidade de designar as peças. Ha bastante segurança contra as confusões indicando-se apenas os numeros de ordem. Mesmo isto deve, porém, ser dispensado muito principalmente se tem lugar a transmissão por signaleiros. E' questão de instruir convenientemente a bateria.

Quando seja o caso de bater uma frente maior ou menor do que a da bateria convém commandar as derivas ás peças fazendo-se as modificações provenientes do escalonamento de repartição. Causa perturbação e atrazos commandar as derivas reciprocas lidas na luneta de bateria, que sempre tornam paralelos os planos de tiro, e depois commandar um escalonamento de repartição. Examinemos o caso do problema. A bateria tem uma frente de

$$\frac{50\text{m}}{3000\text{m}} = 17\%$$

A frente do objectivo é 40% entre seus extremos, a palmeira e as duas arvores. Como cada peça deve ser apontada para

o meio da parte que lhe cabe, na repartição da frente de  $O_1$ , não levaremos em conta de cada lado do objectivo.  $1/8$  de sua frente. Então a diferença de frente é  $30^{\circ} - 17^{\circ} = 13^{\circ}$ , cujo terço arredondado dá  $4^{\circ}$ . Este escalonamento de repartição modificou as derivas lidas na luneta, pois que sommado a elles tornou os planos de tiro divergentes. Cabe notar que na pratica, por conveniencia da presteza na preparação do tiro, deve se procurar sempre medir a frente do objectivo tomando como limites os meios dos quartos extremos.

No 2.º Vê-se que neste processo o capitão deixa ao cdte da linha de fogo a escolha do ponto de pontaria e a organização do feixe de planos de tiro. O escalonamento que elle comanda significa sempre que ha uma diferença de frente e que seu subalterno deve modificar o escalonamento por elle calculado, correspondente ao parallelismo dos planos de tiro. *O capitão aqui conta sempre com os planos de tiro paralelos.*

O escalonamento de  $4^{\circ}$  elle achou como no caso anterior.

Mas, porque o subalterno commandou  $8^{\circ}$  e não  $4^{\circ}$ ?

Supondo que seja de  $8^{\circ}$  a perpendicular da 2.ª peça á linha 1.ª peça — p. p., o escalonamento que o tenente deveria commandar para tornar os planos de tiro paralelos é

$$\frac{8^{\circ}}{2000^{\text{m}}} = 4^{\circ}/\text{m},$$

positivo porque o p. p. está na frente e a peça base é a da direita; como, porém, o capitão comandou um escalonamento de  $4^{\circ}/\text{m}$ , tambem positivo, para repartir o feixe, o subalterno junteu os dois.

No 3.º Neste caso tambem o capitão confia ao subalterno a organização do feixe, cujo manejo lhe compete, fixando-lhe entretanto um ponto de pontaria collectiva. E sua vontade está expressa no commando «Base, 1.ª peça da direita!», sobre cuja collocação na ordem dos commandos nada se encontra no R. E. A. Parece que elle devia ficar depois do commando de deriva, pois que significa uma indicação concernente apenas ao escalonamento. Observando-se, porém, que se ficar logo depois da designação do ponto de pontaria facilita o trabalho do subalterno proporcionando-lhe maior tempo para

suas decisões e seus calculos, não haverá mais duvida sobre isto. Demais, é uma definição complementar do «modo de pontaria». O commando de escalonamento feito neste caso pelo subalterno justifica-se como no anterior.

## II) Mudança de objectivo de $O_1$ para $O_2$

Um grupo de homens apanhado em flagrante observação, provavelmente um es-tado maior. Não ha tempo de fazer regulação do tiro; esta é substituida, quanto ao alcance, pelo escalonamento de alça em toda a bateria. O objectivo está mais alto do que a luneta de bateria  $10^{\circ}/\text{m} \times 1500^{\text{m}} = 15^{\circ}$ , ao passo que esta, como já vimos, está  $16^{\circ}$  acima da linha de fogo. Então a diferença de nível entre a bateria e o objectivo será  $31^{\circ}$  e o sitio a commandar:

$$\frac{31}{1500} = \frac{62}{3000} = 20^{\circ}/\text{m}$$

approximadamente.

O escalonamento da alça depende, entre outras cousas, principalmente da certeza que se tenha sobre a distancia. O escalonamento de alça partindo da esquerda só deve ser empregado quando se tenha um objectivo cuja frente seja obliqua em relação á da bateria e cuja extremidade esquerda fique mais proxima. No presente caso elle não tem applicação. O desvio do feixe para a esquerda, conservando como base a peça direita é de  $50^{\circ}/\text{m}$  contando os  $35^{\circ}$  correspondentes ao  $7/8$  da frente de  $O_1$ . Não é o caso aqui de se apurar como se obteve este angulo; elle é um dos dados do problema. Não importa saber se foi apenas medido com a luneta ou se foi preciso, como manda o regulamento, levar até um certo ponto a operação de reapontar a bateria. Vejamos o escalonamento. A frente da bateria a  $1500^{\text{m}}$  é

$$\frac{50}{1500} = \frac{100}{3000} = 33^{\circ}/\text{m}$$

Como a frente de  $O_2$  pôde ser considerada nulla o terço da diferença de frente será  $11^{\circ}/\text{m}$ . Mas os planos de tiro não eram paralelos, divergiam com escalonamento de  $4^{\circ}/\text{m}$  para tel-os paralelos seria preciso desfazer isto com escalonamento de menos  $4^{\circ}/\text{m}$ , que sommado ao de menos  $11^{\circ}/\text{m}$  deu o que foi commandado com o fim de ficarem os planos de tiro convergindo em  $O_2$ .

III) *De O<sub>1</sub> para O<sub>2</sub>*

Se o projectil é o mesmo e ha bastante ordem e disciplina na bateria não ha necessidade de commandal-o de novo em vista da mudança de objectivo. O novo objectivo está no mesmo nível da posição da luneta. Esta, porém, está, já vimos, 16m acima da linha de fogo. Então o sitio a commandar será

$$\frac{16}{2500} = \frac{32}{5000} = 6\%$$

approximadamente. E ainda pôde ser arredondado para 5, sem grande inconveniente. A frente do objectivo é de extremo a extremo igual á da bateria, mas como as peças devem ser apontadas para o meio do 1/4 correspondente, ella fica valendo apenas 15°. O desvio commandado para o feixe é

$$5\% + 35\% + 17\% = 57\%$$

(R. E. A. 154, fim).

Na pratica isto seria medido directamente de meio a meio dos quartos extremos *do mesmo nome*. Dahi o arredondamento: 55. Temos assim os planos de tiro divergentes, com a abertura correspondente a O<sub>1</sub>, dirigida a peça direita para o ponto que lhe compete.

Para tornal-os paralelos o escalonamento seria menos 4% desfazendo o de repartição sobre O<sub>1</sub>, o qual, sommado ao de menos 2% terço approximado da nova diferença de frente, dá o escalonamento commandado, que tem por fim o cerramento dos planos de tiro sobre O<sub>1</sub>, com a repartição devida.

Está claro que estas mudanças de objectivo tambem podiam ser feitas tomando-se por base a peça da esquerda: mudaria no commando a deriva e o escalonamento. Na passagem de O<sub>1</sub> para O<sub>2</sub> seria... Deriva mais 20! Escalonar da esquerda de 15!... Na passagem de O<sub>1</sub> para O<sub>2</sub> seria:... Referencia menos 72! Escalonar da esquerda de 5!

$$(72 = 40 + 35 - 5 + 2)$$

O escalonamento tambem poderia ser obtido directamente pelo terço da diferença de frente dos dois objectivos: O<sub>1</sub> (ao qual o feixe é reconduzido pelo commando «Referencia») e O<sub>2</sub>. Essa deducção directa da modificação de abertura do feixe dá, porém, lugar a erro quando a diferença de distancia dos dois objectivos é grande.

## Novidades do R. T. A.

(Continuação)

Art. 262...

«Anotações. — Tiro longo: +; tiro curto: -; tiro não observado ou duvida na observação ?: tiro no objectivo (percussão): +; junto ao objectivo: i (tempo); pouco longo ou pouco curto (percussão): p + ou p -;»

Está dissipada a duvida a respeito da interpretação da annotation *i*, que deve sempre se referir ao tiro de tempo.

Esta annotation dispensará a indicação da altura de arrebentamento, porque, está subentendido, a observação que ella registra só pode ser feita com arrebentamento baixo.

A annotation *p* não se usará mais isoladamente, significando percussão e sim precedendo a annotation + e - com significação de *pouco*.

Boletins de tiro.

Nos modelos de boletins de tiro, annexos ao R. notam-se alguns erros de sequencia de comando que escaparam á revisão, o que se torna facil corrigir á luz do R. E. A.

Art. 12...

Substituiu-se aqui a denominação de *espaço rasado* pela de *zona rasada* e creou-se tambem a denominação de *zona batida* que é «a extensão de terreno coberta pela chegada de projecis inteiros, balins ou estilhaços».

A criação desta denominação vem abolir o emprego improprio do termo de dispersão, que só deve ser applicado em se tratando da probabilidade de tiro.

Assim, devemos dizer *zona batida pelos balins* em vez de *zona de dispersão dos balins*.

Art. 33...

De acordo com a nova denominação de *zona batida*, substituiu-se aqui a «dispersão em profundidade» por «profundidade da zona batida».

Arts. 34 e 35...

Escaparam á revisão, nestes dois artigos, as expressões improprias «dispersão em profundidade» e «dispersão em largura», as quaes devem ser substituidas respectivamente por «profundidade da zona batida» e «largura da zona batida».

Art. 37...

«Assim, um objectivo cujas dimensões sejam as da dispersão média, desde que seu centro coincida com o ponto médio de impacto será attingido por 25% de todos os impactos».

A probabilidade de attingir um objectivo com tales dimensões é de 25% e não de 50%, como dizia o antigo R. T. A.; porque sendo de 50% a probabilidade em alcance para o referido objectivo e tambem de 50% a probabilidade em direcção, segue-se que a total será de  $50\% \times 50\% = 25\%$  ( $0,50 \times 0,50 = 0,25$ ).

Art. 41...

«A situação do ponto médio de arrebentamento, depende do angulo de sitio, da alça e da duração de queima da espoleta.»

O novo R. T. A. neste artigo julgou acertado dizer que a situação do ponto médio de arrebentamento depende tambem do angulo de sitio.

Na edição anterior (Compl.) a referencia a este elemento era feita no fim do art. 36, em gripho.

## Art. 44...

«Para a prompta abertura do fogo, assim como para que o tiro de regulação seja feito com exactidão e rapidez, é de maxima importância que o commandante da bateria prepare cuidadosamente seu tiro.»

Essa preparação comprehende a observação da zona atribuída, o reconhecimento do objectivo, a determinação da situação das peças, a escolha do posto de observação e dos processos de pontaria e de tiro, e a determinação dos elementos iniciaes de tiro.»

Este artigo fez agora incluir na preparação do tiro a determinação da situação das peças e a determinação dos elementos iniciaes de tiro (projectil, sitio, corrector, alça, deriva).

O R. estabelece portanto que a determinação da situação das peças deve constituir uma das preocupações do capitão e não do tenente que conduz a bateria. (Aliás na edição anterior não se dizia o contrario).

A escolha da situação das peças deve ser feita pessoalmente pelo commandante da bateria ou por um graduado, com as indicações precisas, ou mesmo pelo primeiro tenente, chamado á posição antes de avançar a bateria; é uma operação prévia que demanda cuidado e não tão simples que possa ser feita pelo primeiro tenente, simultaneamente com a chegada da bateria á posição.

O presente artigo bem defende os subalternos contra certos capitães que pensam ser fácil para o primeiro tenente, que conduz uma columna de oito viaturas, preocupado com a disciplina e o desenfiamento da marcha de acesso, com a rapidez e perfeição do accionamento, escolher de relance, e muitas vezes já sob o fogo inimigo, a posição para a bateria.

## Art. 47...

«No caso de vento lateral regula-se o tiro sobre um ponto de objectivo proximo da extensão 2º.»

Este periodo se exprime agora com mais clareza e melhor forma. «Para o vento» lembra a barlavento, sem todavia empregar essa ex-

## Art. 58...

«Geralmente se deve tratar de referir a nuvem de arrebentamento ao objectivo logo que ella se forme ou pouco depois, sobretudo quando o vento sopra no sentido do tiro, ou no oposto. Sendo lateral o vento, convém acompanhar a nuvem de fumo durante algum tempo afim de referil-a tambem a outras partes do objectivo. Uma observação demorada pôde, quando haja porcionar indicações sobre a distancia de arrebentamento, se a nuvem de fumo for impellida para o outro lado do objectivo.»

O antigo R. T. A. empregava impropriamente o termo *direcção* com a significação de *sentido*, quando estas duas palavras tem significações bem diversas.

Agora a revisão fez a substituição cuja necessidade se fazia sentir.

## Art. 69...

«Em certas circunstancias convirá mudar de ponto de regulação ou, para examinar a direcção dos tiros, levantar energicamente os pontos de arrebentamento, pelo angulo de sitio.»

Está ahi estabelecido taxativamente que é pelo angulo de sitio que se levantam os pontos de

arrebentamento no caso de se querer facilitar a observação da direcção dos tiros. E' que desta maneira não se altera a distancia de arrebentamento.

Para isso na pontaria indirecta se commandará um angulo de sitio maior e na directa se commandará uma deriva vertical negativa.

## Art. 93...

«Até que ponto se pôdem fazer tiros de tempo por cima das trogas amigas, sem perigo para estas, depende da distancia, do terreno e das condições de observação. Quando a infantaria amiga avança contra um objectivo que está sendo batido pela artilharia, esta pode sem risco de atingir-a continuar o fogo até que aquella se approxime cerca de 300 metros. Desde que essa distancia diminua ou que se não possam observar com precisão as nuvens de arrebentamento ou a queda dos estilhaços ou balins no solo deve cessar o tiro de tempo. Então, segundo o caso, pôde-se continuar o fogo empregando o tiro de percussão ou o de tempo alongando a alça, para bater os reforços, ou mesmo sómente o terreno atraç da linha inimiga, para difficultar seu reforçamento.»

O presente artigo foi convenientemente completado com o ultimo periodo que se lhe adicionou, tornando-o explicitamente mais liberal. Cessando o tiro de tempo na alça em que estava sendo feito, o capitão com sua liberdade de ação mais definida, poderá decidir de acordo com a situação, si convém continuar a bater o objectivo em tiro de percussão ou alongar a alça em tiro de tempo, afim de bater os reforços ou barrar o terreno, atraç da linha inimiga. Na guerra recente viam-se as baragens fixas ou rolantes, em tiro de percussão, guardarem apenas a distancia de 150 m da lanha de sua infantaria.

## Art. 116...

Temos notícia que o 1º Grupo de Obuezs agora no seu tiro de ensaio experimentou fazer, pela primeira vez, o tiro de ceifa como manda o R. E. A.

O resultado foi negativo, como era esperado, porque o material não possue a sufficiente estabilidade durante o tiro, desapontando-se extraordinariamente em direcção.

Este desapontamento que tem como causa, além de outras, o dispositivo do apparelho de pontaria em direcção, deve tambem se manifestar no canhão, ainda que em menor escala.

A pratica demonstrou portanto que a ceifa a volante (a regulamentar) é inexequível no obuz de campanha, ao passo que a ceifa controlada ou, digamos melhor, por pequenas derivas pôde ser applicada com vantagem.

Chamamos ceifa controlada ou por pequenas derivas aquella que se effectua mediante um commando de pequena deriva para cada nova direcção de tiro, de modo que o apontador, ao dar esta nova direcção de tiro, corrige o desapontamento produzido pelo tiro anterior.

A modificação que se impõe fazer no mecanismo da ceifa não virá alterar em nada o R. T. A. e sim o R. E. A., que terá de dizer com ella deve ser feita pelo processo das pequenas derivas.

Mesmo o R. E. A. poderá conservar para o obuz, os mesmos commandos de ceifa, apenas modificando a explicação sobre a conducta do apontador, consequente do novo mecanismo.

A titulo de curiosidade apresentamos a modificação que poderá caber ao Art.º 185 A do R. E. A. referente á ceifa do obuz.

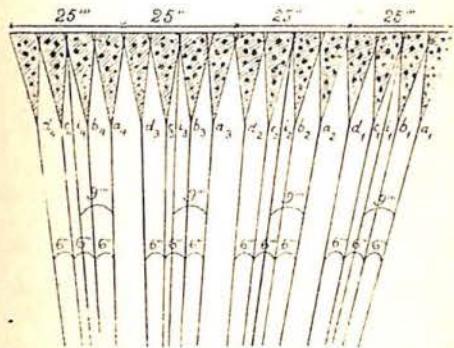
«No fogo ceifante, o  $C_1$  para começal-o diminue a deriva de tantas vezes  $3''$  ( $5''$  si fôr ceifante duplo) quantos forem os grupos commandados menos um, e aponta a peça.»

«Após cada disparo, ate completar o numero de grupos commandados, aumenta a deriva de  $6''$  ( $10''$  si fôr ceifante duplo) e aponta a peça.»

«A ceifa seguinte começará na posição final da precedente e será feita identicamente no sentido opposto.»

Agora nos propomos a dar dois exemplos de ceifa como applicação do que acabamos de apresentar.

Supponhamos que uma bateria de obuzes tem para objectivo uma linha de atiradores de  $100''$  de frente, á distancia de 2000 m (fig. 1).



Ceifa simples

Achada a alça favoravel com as trajectorias nas direcções  $i_1, i_2, i_3, i_4$  passamos á ceifa com o seguinte commando:

«Mesma alça! Ceifante! 4 Grupos!»

O  $C_1$  de cada peça diminue a deriva de  $9''$  [ $9'' = (4-1) \times 3$ ], aponta a peça e espera o commando de *Fogo* dado pelo commandante da linha de fogo.

Feito o primeiro grupo de tiros da ceifa com as trajectorias nas direcções  $a_1, a_2, a_3, a_4$ , o  $C_1$  aumenta a deriva de  $6''$ , aponta a peça e espera o commando de *Fogo* do seu Cp.

E assim por diante até fazer o 4º grupo de tiros, com as trajectorias nas direcções  $d_1, d_2, d_3, d_4$ .

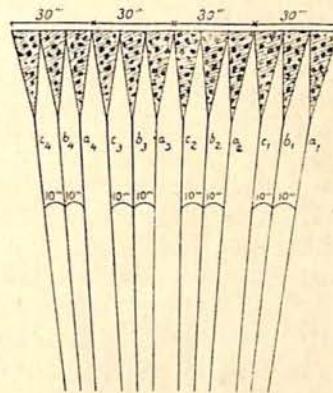
A ceifa seguinte começará com o seu 1º grupo de tiro nas direcções  $d_1, d_2, d_3, d_4$ , e deslocará, depois, nos grupos seguintes, as trajectorias para a direita, diminuindo a deriva sucessivamente de  $6''$  e apontando a peça correspondentemente.

Como exemplo da ceifa dupla, supomos que a bateria de obuz tem para objectivo uma linha de atiradores de  $120''$  de frente á distancia de 1500 m (fig. 2).

Achada a alça favoravel com as trajectorias nas direcções  $b_1, b_2, b_3, b_4$ , passamos á ceifa com o commando: «Mesma alça! Ceifante duplo! 3 Grupos!»

O  $C_1$  de cada peça diminue a deriva de  $10''$  [ $10'' = (3-1) \times 5$ ], aponta a peça e espera o commando de *Fogo* dado pelos commandantes das peças.

E o 1º grupo de tiros da ceifa se fará com as trajectorias nas direcções  $a_1, a_2, a_3, a_4$ .



Ceifa dupla

Para cada um dos outros grupos o  $C_1$  aumentará a deriva de  $10''$  e apontará a peça.

A ceifa seguinte se fará pela diminuição sucessiva de  $10''$  na deriva, com as respectivas portarias da peça.

«Anotações. — Tiro longo: +; tiro curto: -; tiro não observado ou duvida na observação ?; tiro no objectivo (percussão): ; junto ao objectivo: j (tempo); pouco longo ou pouco curto (percussão): p + ou p -;»

Está dissipada a duvida a respeito da interpretação da anotação j, que deve sempre se referir ao tiro de tempo.

Esta anotação dispensará a indicação da altura de arrebentamento, porque, está subentendido, a observação que ella registra só pode ser feita com arrebentamento baixo.

A anotação p não se usará mais isoladamente, significando percussão — coisa que aliás a edição anterior do R. não autorisava absolutamente — e sim precedendo a anotação + e - com significação de pouco.

#### Boletins de tiro.

Nos modelos de boletins de tiro, annexos ao R. notam-se alguns erros de sequencia de comando que escaparam á revisão, o que se torna facil corrigir á luz do R. E. A.

#### Annexo

O annexo do antigo R. T. A. não foi contemplado no novo, porque, depois de revisto e ampliado, passou a fazer parte do R. E. A.

#### Capítulo *Mascarenhas de Moraes*.

## Pontaria indirecta e abertura do fogo

### OBSERVAÇÕES

Da assistencia aos exercícios de tiro real executados em Gericinó, no corrente anno, constatei os notaveis progressos realizados não só pelos officiaes, como tambem sargentos, que commandaram o tiro, no que diz respeito á pontaria directa e indirecta, á observação do tiro e ao comando do mesmo. Notei, porém, de um

modo geral, muita demora na abertura do fogo, depois de apprehendido o objectivo.

Embora nos tiros de ensaio não seja levado em conta o tempo nelle empregado, julgo que os artilheiros, supondo-se sempre no terreno da realidade, isto é, no combate, devem envidar todos os esforços, mesmo no tiro simulado, com material, para que possam conseguir a desejada e, não poucas vezes, essencial presteza na abertura do fogo, sem prejuizo, é claro, da calma e da relativa precisão nas operações. Tenho mesmo observado, que no tiro simulado com material essa abertura de fogo é sempre muito menos morosa do que no tiro real.

As causas de tal demora não podem ser atribuidas a difficuldades na avaliação das distâncias, não só porque essa difficuldade é relativamente pequena, como porque, na grande maioria dos casos, nos tiros realizados em Gericinó, esse elemento era dado pela carta.

Como os officiaes estão bem treinados com a nossa goniometria regulamentar e esta é a mais commoda e a mais rapida de quantas conheço de outros exercitos, posso, com segurança, atribuir o facto aos seguintes motivos:

1.º Não aceitamos o caso mais simples; preferimos o caso mais bonito, porque mais complexo;

2.º Falta do telephone de campanha para, com os signaleiros e estafetas, completar-se a ligação do capitão com a linha de fogo;

3.º Serviço de um anno;

4.º Defeituoso recrutamento de sargentos.

A estes motivos principaes outros se juntam, que, se não têm uma influencia immediata, não deixam de constituir elementos essenciais á formação de uma boa artilharia de campanha, de tiro rápido.

1.º O caso mais simples e o processo expedito, embora resolvam perfeitamente o problema, causam má impressão a alguns assistentes que poderão, talvez, apreciar mais a variação do que o *thema musical*.

Um distinto camarada vi, o qual, na pontaria á luneta depois de eliminada a parallaxe O e medido o angulo OLC, evitou sempre lêr a deriva-recíproca no indice opposto á ocular, preferindo addicionar ou subtrahir 3200, e isto para a deriva de todas as peças!

Ora esta preferencia é, só por si, bas-

tante para retardar de muito a abertura do fogo, sem trazer maior segurança ao processo.

A leitura no indice opposto á ocular limita-se a uma simples leitura no prato do goniometro feita pelo servente da luneta enquanto o capitão vê as fracções de centenas de millesimo no tambor. O tempo gasto neste trabalho simultaneo é, pelo menos, metade do empregado na consideração necessaria para concluir se se deve subtrahir ou sommar 3.200 e na execução das operações arithmeticas.

A pontaria á luneta somente se torna um pouco morosa quando a bateria está muito longe do observatorio não se podendo bem distinguir as lunetas das peças e quando seja necessário empregar-se a haste do alongamento. Esse processo de pontaria se torna, porém, muito commodo e rapido quando, mesmo com aquella haste, se possa logo eliminar a parallaxe O, para o que será preciso avaliar á simples vista ou medir a passos duplos a perpendicular CC, baixada de C sobre OL ou seu prolongamento, evitando assim o emprego de sen L e da distancia LC, lendo-se sempre a deriva no indice opposto á ocular.

Mas, se num dado caso, não convém a pontaria á luneta, temos, alem dos processos propriamente expeditos, a pontaria ao p. p., adaptavel a todos os casos.

Este processo de pontaria tem contra si a eliminação das parallaxes P e p (esta de parallelismo), alem da parallaxe O.

A complicação resultante da existencia dessas outras duas desaparece desde que o operador, já com algum treinamento, saiba escolher o ponto de pontaria, e então o processo de pontaria ao p. p., apparentemente mais complicado, se tornará tão simples quanto a commoda pontaria á luneta, contribuindo muito para a presteza na abertura do fogo.

Sabemos que o valor do escalonamento para obter o parallelismo apóis a pontaria a um dado p. p. é igual á parallaxe (p) do p. p. em relação á frente de secção. Se então, o ponto de pontaria fica á direita ou á esquerda e situado mais ou menos no prolongamento da linha de fogo, essa parallaxe é praticamente nulla e o parallelismo é, evidentemente, obtido com uma unica deriva para todas as peças — deriva-base. Se de sua posição no prolongamento da linha de fogo o p. p. se desloca em direcção ao objectivo, suposto situado na frente da bateria, o valor

de sua parallaxe cresce, passando por diferentes graus, desde zero até um maximo, correspondente naturalmente a uma posição em que a perpendicular do *p.p.* baxada cahir sobre o meio da frente de secção. Pode-se, então, de um modo geral, sempre possível na pratica, dizer — quando o ponto de pontaria se acha á frente ou á retaguarda da bateria a parallaxe *p* diminue á proporção que a linha LP se approxima da linha de fogo e aumenta no caso contrario.

O capitão, na artilharia de campanha, tem não poucas vezes necessidade de abrir promptamente o fogo, e pôde ser conveniente, em vez de delegar ao commandante da linha de fogo o escalonamento de parallelismo (o que já tem dado lugar a duvidas quando aquelle, preocupado com a missão tactica, não faz o primeiro commando com clareza e precisão), commandal-o logo em seguida á deriva-base, sem necessidade de o calcular.

Em o nosso meio é quasi sempre facil encontrar-se um ponto de pontaria a 500m., 1.000m., 1.500m., 2.000m., 2.500m., 3.500m., 4.000m., 5.000m. e até 6, 8 e 10 kilometros. Os valores maximos da parallaxe *p* seriam respectivamente 30, 15, 10, 7, 6, 5, 4, 3, 7, e 3 millesimos. A 6, 8 e 10 kilometros teríamos, tambem respectivamente 2,5; 1,8 e 1,5 millesimos.

Com esses dados o capitão obterá rapidamente a desejada abertura do feixe de trajectorias, sendo os pequenos ou mesmo um pouco grandes erros (aliás sempre encontrados nos processos meticolosos) facilmente corrigiveis com o tiro de ceifa (no caso de uma linha continua) ou, em qualquer caso, com a correcção no primeiro tiro e na primeira salva de efficacia.

Temos como caso particular, applicavel quando se não encontre um bom ponto de pontaria, o emprego do ponto de pontaria artificial. (\*)

Se escolhermos o *p. p. a.* a 50m da bateria a sua parallaxe será no maximo, igual a 300 millesimos.

Temos então, resumindo:

P. p.	a	50m	parallaxe	300‰
P. p.	*	500m	*	30 *
Idem	de	1.000m	*	10 *
Idem	*	2.500m	*	5 *
Idem	*	4.000m	*	3 *

Deste reduzido quadro eliminaremos a

parallaxe 300 millesimos correspondente ao ponto de pontaria artificial (*p. p. a.*). Como não seja pratico commandar um escalonamento de 300, proponho que, no caso do *p. p. a.* se execute o parallelismo do seguinte modo: O capitão, depois de haver commandado a deriva-base commandará — *parallelismo*!

O cdte. da linha de fogo manda que o chefe da peça base, que se collocará á retaguarda de sua peça já apontada, com os braços abertos no prolongamento da linha de tiro e voltado para as outras peças, avance sobre um ponto na sua frente, mais ou menos afastado, e se detenha atraç de cada peça, naquelle posição, para que cada Cp. possa dar á sua peça a direcção por aquelle marcada.

Considerado, então, como particular o caso do ponto de pontaria artificial e excepcional o seu emprego, o quadro acima ficaria mais reduzido e transformado numa *tabella pratica mental*, — relativa aos 4 casos acima restantes.

E' sempre facil a quem quer que se tenha exercitado na estimação das distancias á simples vista (o que é indispensavel ao artilheiro de campanha) dizer se um certo objecto está a 500m, ou entre os outros limites daquelle tabella e, em consequencia, escolher rapidamente o valor do escalonamento a commandar.

Como já a 6 km. o valor do parallaxe *p.* é no maximo de 2,5 millesimos, dessa distancia em diante será inutil commandar escalonamento de parallelismo, e a escolha de um *p. p.* muito afastado apresenta, como se sabe, ao lado da vantagem acima, a de reduzir os erros de visada ao minimo possível.

Com o emprego da tabella que acabámos de organizar e com uma escolha feliz do ponto de pontaria tão afastado quanto possível e dentro do sector limitado pelo angulo OLC' (C' no prolongamento de CL), este processo de pontaria pôde ser executado expeditamente, com muito maior rapidez do que com a pontaria á luneta, não obstante a commodidade desta.

Neste ultimo processo a distancia do objectivo e a frente da parallaxe O podem, como no outro, ser estimadas com a necessaria approximação. A medida do angulo, porém, por processos expeditos (dedos, binocolo, etc.) dará, na maioria dos casos, lugar a erros grosseiros, por causa do seu grande valor.

(\*) Vid. n. 58 desta revista.

No caso do *p. p.*, se este fôr escolhido como acima se disse, o angulo OLP será rapidamente medido, até á simples vista, enquanto um dos operadores na luneta mede ou avalia a distancia do objectivo, sua frente e seu angulo de sitio.

No processo expedito de pontaria ao *p. p.*, sem instrumento, o operador precisa ficar prevenido afim de não tomar o angulo *n* do regulamento pelo angulo *L* medido.

Achado por aquella tabella o valor do escalonamento, determina-se tambem o seu sentido por meio da regra dos signaes, baseada na seguinte convenção: Ponto de pontaria na frente da bateria.. Signal + P. p. na retaguarda..... > - Peça-base a da direita..... > + Peça-base a da esquerda..... > -

Ter-se-á rapidamente:

P. p. na frente .....	Signal	+	Escalonamento	+
Peça-base a da direita.....	+			
P. p. na retaguarda.....	-			-
Peça-base a da direita.....	+			-
P. p. na frente.....	+			-
Peça-base a da esquerda	-			-
P. p. na retaguarda.....	-			-
Peça-base a da esquerda	-			+

Tambem o escalonamento de repartição tem o sentido deduzido da mesma regra:

Frente do objectivo maior que a da bateria.....	Signal	+	Escal.º	+
Peça-base a da direita.....	+			
Frente do objectivo menor que a da bateria.....	-			-
Peça-base a da direita.....	+			-
Frente do objectivo maior que a da bateria.....	+			-
Peça-base a da esquerda	-			-
Frente do objectivo menor que a da bateria.....	-			-
Peça-base a da esquerda	-			+

2.º E' por todos conhecida a falta que ao artilheiro faz o telephone de campanha e que nenhum dos meios de ligação — telephone, signaleiros, repetidores ou estafetas — é, por si só, suficiente quando a bateria fica longe do observatorio.

A ligação por signaes (I. S. A.) tem provado bem quando feita por pessoal muito adestrado; mas se a ligação não é feita directamente com a bateria e existe um posto intermediario, os commandos chegam á bateria com certo atrazo. E' isto attribuivel, não ao sistema de signaes, mas aos orgãos receptores e transmissores.

3.º Quanto ao serviço de um anno, pelo menos na artilharia de campanha, julgo-o insufficiente, quer para a instrucção necessaria ao serviço activo na 1.ª linha, quer para o preparo de reservistas da arma.

Para que o serviço de anno seja sufficiente são necessarias as seguintes condições

a) Que este serviço exista de facto e não *in nomine*.

Ora na quasi totalidade dos corpos de tropa pôde-se dizer que nenhum recruta tem o seu tempo de serviço ou de instrucção com a duração de um anno; por causa do inadmissivel processo de incorporação.

b) Que os regimentos estejam, emfim, organizados no que diz respeito a quadros, accommodações, etc., como sejam, alojamentos, baias, picadeiros etc., tudo isto ao lado de um serviço de intendencia que em nada absolutamente se pareça com o actual.

A instrucção do serviço na artilharia de campanha é, pelo menos, tres vezes mais complicada do que na infantaria, e esta arma simples, adaptavel a todos os meios dispõe sempre de quadros completos. Ao passo que ahi os capitães dispõem dos elementos necessarios ao trabalho e de mais dois subalternos, os da artilharia podem, no maximo e raramente, contar com um só subalterno e dispôr de um quadro de sargentos de preparo ainda insufficiente.

Quanto áquellas commodidades no que diz respeito, por exemplo, ao actual 2.º R. A. está tudo reduzido a menos do que o essencialmente indispensavel.

Para não ir muito longe, basta dizer que o regimento não tem um picadeiro, existindo apenas uns pequenos cercados, muito proprios para criação miuda, provenientes da iniciativa dos capitães, aos quaes cada um destes dá o pomposo nome de *meu picadeiro*. O numero de cavallos atinge a cerca de um terço do efectivo normal e para esses mesmos o numero de baias é insufficiente.

Não ha tempo, instructores, lugar, pessoal etc. para funcionamento de mais de uma turma de exercicios.

c) Admittindo como absolutamente necessario o serviço de um anno elle, finalmente, só poderia dar os esperados resultados, quando, satisfeitos os itens supra, não mais se incorporassem na artilharia de campanha os analphabetos e enfermos de todas as molestias communs, alguns dos quaes são incluidos com baixa ao hospital onde permanecem muito tempo.

4.º Salvo poucas e bôas excepções, o nosso quadro de sargentos, na artilharia

de campanha, cuja instrução revela aliás grandes progressos, ainda deixa muito a desejar.

Vindos embora da mesma arma, porém de regimentos armados com material de tiro lento ou sem material, mal conhecem a instrução e, em grande numero, são verdadeiros recrutas. E' com um quadro assim composto que temos de fazer monitores, chefes de peça, chefes de patrulha etc., etc.

O problema será bem resolvido e rapidamente com a criação da Escola de Sargentos de Artilharia e o recrutamento de seus matriculados — necessariamente candidatos voluntários — exige como preliminar a garantia do futuro dos sargentos nella formados após 5, 8 e 10 annos de bons serviços na tropa.

Major Parga Rodrigues.

N. da R. — Sabe-se que ha cerca de um anno o E. M. E. correspondendo a uma indicação do Snr. T.º Cel Seidl, secundada pelo Snr. G.º Al Andrade Neves e aceita pelo Snr. Marechal Faria, então ministro, apresentou um projecto de regulamento para uma escola deste genero, calcado no do C. A. I.

## PARA OS ARTILHEIROS

### NO FOGO

Primeiro é o projectil que se comanda.  
Urge depois: tal unidade atira,  
Manda-se o modo de apontar e inspira  
Serio cuidado o sitio que se manda.  
Com isto feito, dá-se o corrector,  
A alça após e, ainda, em seguimento  
Dá-se a deriva e o escalonamento —  
E se defende a Patria com valor.

Capitão Alcides.

N. da R. — «Pum! Scade...» é uma menomica organizada em 1917 pelo capitão João Eduardo Pfeil, sob a impressão dos primeiros exercícios da 2º campanha do «Club de tiro a giz», organizado pelos officiaes do 4.º R. A., em S. Gabriel. O capitão Alcides Gomes da Silveira é um dos fundadores desse club.

## Subsídio ao R. E. E.

### Instrução de sapadores

Não possuindo ainda a arma de Engenharia um regulamento para a execução dos exercícios e trabalhos concernentes ás suas varias especialidades, lacuna esta tanto mais de notar quanto se vae generalisando a prática da instrução nos corpos desta arma, resolvemos como um subsídio ao futuro Regulamento de Exercícios para

a Engenharia (R. E. E.), publicar, sob a forma de notas, algo que sobre o assumpto temos aprendido em livros e regulamentos estrangeiros, aprendizagem esta adaptada ás nossas condições e sancionada pela prática, adquirida em alguns annos de arregimentação.

Outro desejo não nos anima, que o de sermos úteis á nossa arma, portanto ao Exército em geral e á nossa Patria.

Que nessa tarefa nos auxiliem nossos camaradas, heis o nosso desejo.

Iniciamos a serie de notas com a nomenclatura, manejo e emprego da ferramenta portatil, adoptada na Infantaria, por não possuir a Engenharia ainda ferramenta de sapa portatil. Esta terá dimensões maiores que a correspondente da Infantaria e menores que a ferramenta de parque. Será normalmente transportada pelo sapador, acondicionada em estojo apropriado, que será preso ao seu equipamento.

Com esse estudo, feito a título de curiosidade, julgamos tambem prestar um serviço á Infantaria.

1º Tenente Arthur J. Pamphiro.

### FERRAMENTA DE SAPA

Typo de Infantaria-portatil

### NOMENCLATURA SUMMARIA

1. — Chama-se ferramenta de sapa á que é empregada para cavar trincheiras, construir defesas accessórias e revestimentos, fazer destruições, abrir, reparar e inutilizar estradas, preparar campos de tiro, etc. De um modo geral é a ferramenta de que o soldado lança mão já para abrigar-se, já para poder continuar a sua marcha, já para impedir a do inimigo.

2. — Divide-se a ferramenta de sapa em *portatil* e *grossa* ou *de parque*. A primeira, acondicionada em estojos de couro é transportada pelo proprio soldado, presa ao seu equipamento; a segunda, geralmente do typo encontrado no commercio, é transportada, acondicionada em viaturas apropriadas ou cagueiros, que fazem parte dos trens regimentais. A primeira será empregada imediatamente pelo soldado sempre que houver occasião para tal, notadamente durante o combate; ao emprego da segunda, precederá ordem especial, e far-se-á para os trabalhos, cujo desenvolvimento exigir tempo e esforço a par de uma segurança, efectuada por tropas de cobertura.

3. — Divide-se a ferramenta portatil em — de terraplenagem e ferramenta de destruição. A primeira destina-se a efectuar movimentos de terra, quer para entrincheiramentos, quer para melhorar, abrir ou obstruir caminhos, etc. A segunda tem por fim efectuar destruições de qualquer genero: derrubada de arbustos e arvores, corte de aramados e cercas, roçadas, etc.

4. — Ferramenta portatil

Ferramenta	de terraplenagem	alvião
		pá
Ferramenta	de destruição	alicate
		machadinha
		tacão de matto
		serra articulada

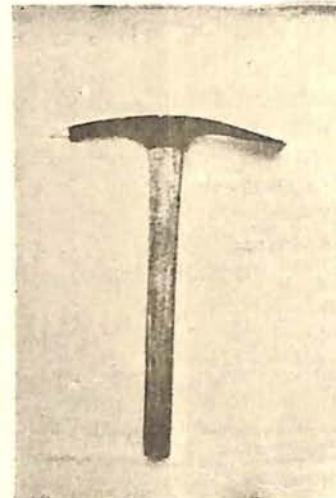
5. — Alvião divide-se em *ferro* e *cabo*. No ferro se nota: corpo, braços, ponta, corte ou

gume e alvado. Destina-se a ponta a desagregar terras duras; o corte a terrenos de consistência media, cortar raízes, arrancar tócos, etc. (Figuras 1 e 2).

*Estojo* é de couro de cor natural, destinase não só a proteger o ferro contra a ação do tempo como a prender a ferramenta ao equipamento.

Divide-se em *alojamento dos braços, argola e correia de suspensão*. Nesta, que se destina a prender o alvião ao cinturão do soldado no equipamento antigo, se vê o *botão* e a *casa*.

*tral e cabeça*. O *pé* é a parte superior dos braços, pode funcionar como pé de cabra para o último dos fins já citados; na parte central se vê o *corta-aramo*, destinado a cortar arames de grossura media. Produz o seu efeito por uma pressão sobre ambos os braços, a qual obriga os seus *dentes* agirem em sentido contrário. Na cabeça se vê: a *tesoura* formada de duas lâminas para cortar arames finos e cordas; a *estrela dentada*, que se destina a cortar grossos fios ou cabos de aço ou cobre; a *torquez*, empregada para arrancar pregos.



— Figs. 1, 2 e 3 — Alvião e pá

6. — *Pá*. — Tem por fim remover terras já excavadas pelo alvião ou mesmo desagregalhas e removel-as em terrenos frouxos. (Figuras 3 e 4).

Divide-se em *ferro e cabo*.

O ferro é constituído de: *concha, reforço, haste e braçadeira*.

Na concha, que é destinada a conter as terras, cortar raízes, arbustos, etc., se nota: *face concava, face convexa, corte ou gume, corte lateral, dorso e rebarbas*.

O primeiro gume se destina a fender ou mesmo cortar regularmente o terreno, como no preparo das leivas; o segundo ao corte de raízes, etc., as *rebarbas* para servirem de apoio à mão ou ao pé do soldado quando introduz a pá no terreno. O *reforço*, como o seu nome o indica, reforça a concha prendendo-a melhor ao cabo. E' fixa à concha com o auxilio de cinco rebites.

A *braçadeira* é um anel que tem por fim tornar mais rijo o sistema formado pelas varias partes que constituem a pá, o que consegue abrindo fortemente a haste, o reforço e o cabo. Este se divide em *pomo, parte central e espiga*.

*Estojo*. — E' de cor natural e se divide em: *corpo, correia de segurança, argola e correia de suspensão*. Nesta se vê: *botão e casa*.

7. — *Alicate*, destinado a cortar aramados, fios telegraphicos ou telephonicos, arrancar pregos, abrir cunhetes, etc. (Figura 5).

Tem dois braços, um *macho* e outro *femea*, que se adapta a um eixo existente no primeiro. O alicate pode ser dividido em: *pé, parte cen-*

*tral e cabeça*. O *pé* é a parte superior dos braços, pode funcionar como pé de cabra para o último dos fins já citados; na parte central se vê o *corta-aramo*, destinado a cortar arames de grossura media. Produz o seu efeito por uma pressão sobre ambos os braços, a qual obriga os seus *dentes* agirem em sentido contrário. Na cabeça se vê: a *tesoura* formada de duas lâminas para cortar arames finos e cordas; a *estrela dentada*, que se destina a cortar grossos fios ou cabos de aço ou cobre; a *torquez*, empregada para arrancar pregos.

8. — *Facão de matto*. — Empregado para cortar matto, galhos de arvore, pequenos arbustos, etc. E' muito usado para abrir picadas, preparo do campo de tiro, confecção de revestimentos, defesas accessórias, abrigos de bivaque, etc. Comprende o *facão propriamente dito* e a *bainha*. (Figura 6).

No facão vemos: *lamina, punho e cruzeta*. Na lâmina ha: *espiga*, parte superior, onde se adaptam por meio de rebites as *placas*, para formar o *punho*; as *faces, corte ou gume, dorso, bichel e ponta*.

O *bichel* é constituído pela parte onde principia a curvatura que vai terminar na ponta. Vê-se mais ainda na lâmina uma *parte concava*, destinada ao corte de madeiras resistentes, arames, etc. A *cruzeta* é uma peça de aço, que se para o punho da lâmina.

*Bainha*, divide-se em *boccal, parte central e ponteira*. O primeiro e a ultima são de latão; a segunda de couro.

No boccal se vê a *presilha* que permite adaptar-se o facão ao cinturão. A ponteira termina em um *botão*.

9. — *Machadinha*. — Empregada para todos os usos em que é fraco o facão de matto e mais ainda como martello. (Figuras 7 e 8).

Divide-se em tres partes: *ferro, cabo e cunha*.

O ferro se divide em *corpo e lâmina*. No corpo se vê: *cabeça*, que serve de martello, fa-

ces e alvado. Na lâmina: faces e corte. O cabo se divide em: punho, haste e espiga.

A cunha é uma lâmina de aço que permite melhor ajustamento entre o cabo e o ferro.

Estojo. — Peça de couro destinada a resguardar a lâmina da machadinha e a permitir o seu transporte pelo soldado.

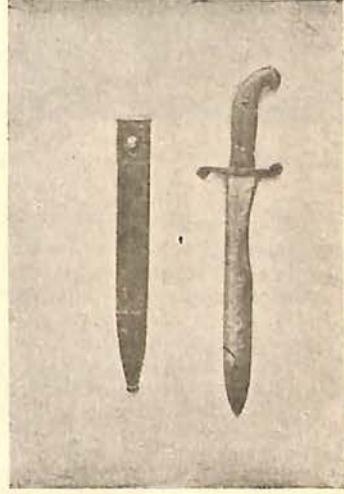
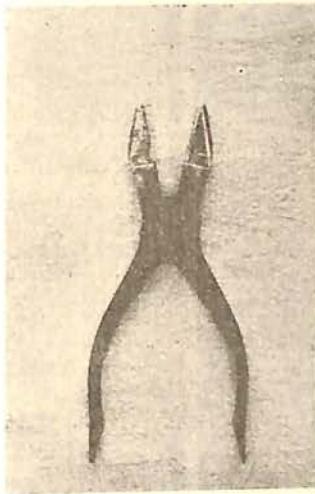
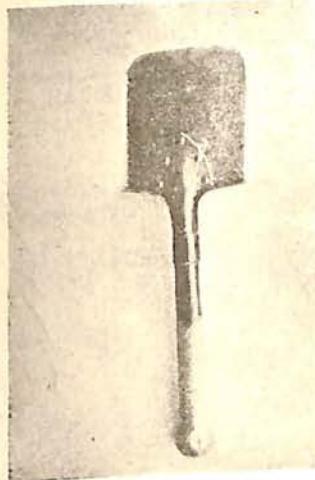
Divide-se em corpo, annel supporte, argola e correia de suspensão.

10. — Serra articulada. — Instrumento destinado a serrar madeira. Empregada em: derrubada de árvores, construção de pinguelas, abrigos de trincheiras, etc. (Figura 9).

Compõe-se de doze lâminas dentadas e duas lisas que constituem as extremidades da serra.

14. — Facão de matto:		
Comprimento da lâmina	0m,30	
Comprimento da lâmina e punho	0m,44	
Comprimento da bainha	0m,35	
Peso do facão	0kg,650	
Peso da bainha	0kg,185	
Total	0kg,835	

15. — Serra articulada:		
Comprimento da lâmina dentada	0m,09	
Comprimento da lâmina lisa	0m,06	
Comprimento total da serra	1m,27	
Peso total da serra	0kg,195	
16. — Alicate:		
Comprimento	0m,25	
Peso	0kg,410	



Figs. 4, 5 e 6 — Pá, alicate e facão de matto

As lâminas dentadas contêm onze dentes; as lisas cada uma um olhal, que serve para o soldado introduzir um pequeno pedaço de pau rodado ou mesmo o indicador para manejar a serra. As lâminas se articulamumas ás outras por meio de treze pequenas placas de aço rebitadas sobre elas.

Estojo. — Pequena bolsa quadrangular de couro de cor natural. Traz uma passadeira.

#### DADOS NUMERICOS

11. — Pá:		
Comprimento da concha	0m,20	
Comprimento do cabo	0m,34	
Comprimento total	0m,54	
Maior largura da concha	0m,16	
Peso do ferro e cabo	0kg,620	
Peso do estojo	0kg,155	
Total	0kg,775	

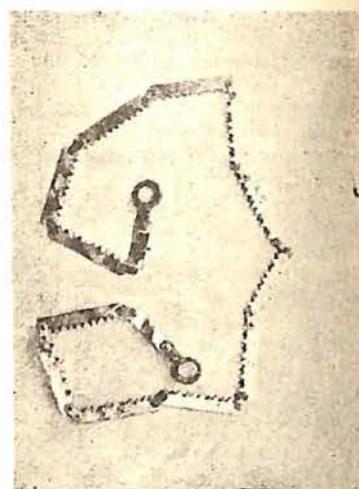
12. — Alvião:		
Comprimento do ferro	0m,32	
Comprimento do cabo	0,45	
Peso do ferro e cabo	1kg,540	
Peso do estojo	0kg,170	
Total	1kg,710	

13. — Machadinha:		
Comprimento do ferro	0m,16	
Comprimento do cabo	0m,34	
Largura do guma	0m,13	
Peso do ferro e cabo	0kg,935	
Peso do estojo	0kg,110	
Total	1kg,110	

#### Manejo da ferramenta portatil de sapa da infantaria

1. — Alvião. — Retirado o ferro do estojo, o soldado empunha o cabo na parte superior da haste, com a mão direita, e conforme o terreno for de consistência até media ou forte aplicará o corte ou a ponta. Abertas as pernas, inclina o corpo ligeiramente para o terreno, curva os joelhos para a frente, aplica a mão esquerda sobre o joelho esquerdo e com o braço direito levanta o alvião á altura da cabeça, trazendo-o dahi a bater violentamente no chão. A medida que o soldado desaggrega o terreno, vai caminhando lateralmente, para dar lugar a seu camarada de pá. O soldado ainda poderá trabalhar ajoelhado sobre um só ou ambos os joelhos. Quando a trincheira é aberta sob fogo inimigo, o trabalho é feito deitado. O corte do alvião é tambem empregado para cortar raízes, permitindo assim destocamentos.

2. — Pá. — Retirado o estojo o soldado empunha o cabo, segurando o pomo com a mão direita e com a esquerda a parte central da haste. Em seguida, curvando o corpo, enterra a concha, ligeiramente inclinada, até as rebarbas, na terra já revolvida. Uma vez cheia a concha, o soldado apruma o corpo e com um movimento dos braços para a frente, joga violentamente a terra para a direcção previamente indicada; depois curva o corpo, torna a encher



Figs. 7, 8 e 9 — Machadinha e serra articulada

a concha, para jogal-a de novo e assim por diante. Será conveniente trabalhar com as pernas afastadas, tendo a frente voltada para o local para onde joga a terra. Quando a terra fôr dura ou pegajosa auxiliará o movimento das mãos ao enterrar a pá na terra com um dos pés, cuja planta collocará sobre uma das rebarbas, fazendo então com a perna pressão sobre a pá. Esta ferramenta poderá ser, ainda, empregada como facão, para o que se utilizará o corte lateral, empunhando-se o cabo com a mão direita.

3. — *Machadinha.* — Retira-se-a do estojo e empunha-se o cabo com a mão direita. O soldado coloca-se á esquerda, e em frente do tronco a abater, apoia a mão esquerda sobre a parte superior do mesmo, afasta as pernas e descarrega golpes sobre o tronco na parte que deve ser cortada. Esses golpes repetidos, ora na normal ao tronco, ora na obliqua, irão cortando as fibras. Quando se trata de cortar arvores de maior diametro, procede-se ao corte em sentido circular. O corte das arvores deve ser feito no lado opposto áquelle para o qual elles devem cahir.

4. — *Facão de matto.* — O soldado o empunha com a mão direita e opera como faz com

a machadinha. Para cortar matto (roçados, pichadas, etc.), o soldado com o mesmo applica golpes horisontaes.

5. — *Serra articulada.* — Desalojada do estojo desdobram-se as laminas e se as põe em linha recta. Colloca-se em cada olhal um pedaço de pão roliço. Dos dois homens precisos para manejala, cada um segura com ambas as mãos os pedaços de pão, que se acha introduzido no olhal de seu lado; esticam bem a serra, collocam a parte dentada sobre a madeira a serrar e por um movimento continuo de vae e vem serram a madeira.

6. — *Alicate.* — Os arames communs são cortados no corta arame. Para isto o soldado abre os braços do alicate de forma a que os dentes se correspondam, introduzindo no canaleta assim formado o arame a cortar. Aperando em seguida os braços o arame será cortado. Os arames finos são cortados na tesoura. Os arames mais grossos que os communs são introduzidos na estrella dentada, para o que se abrirão os braços do alicate. Depois fechando-os se comprimirá na estrella o arame, que será partido por um movimento de dobrar o fio no mesmo lugar em sentidos oppostos. A troquez é applicada para arrancar pregos.

## Instruções para o serviço dos canhões Krupp 305 c/45 T. R.

(APPROVADAS POR AVISO N° 1206 DE 23. XII. 916.)

### COMMANDO

1. O commando da cupula é exercido por um 1.º tenente, tendo como auxiliares dois aspirantes a oficial. O commandante ministra toda a instrucção ao pessoal dos serviços da cupula, sendo o responsável por ella. Os aspirantes o auxiliam nesse trabalho, sendo além disto encarregados da vigilância dos paixões de munição.

### GUARNIÇÕES

2. O pessoal para o serviço é dividido em tres guarnições: *guarnição da direita*, *guarnição da esquerda* e *guarnição dos paixões*. A' guarnição da esquerda está affecta o serviço do canhão

n. 1, á guarnição da direita o do canhão n. 2 e á guarnição dos paixões o serviço de transporte da munição para a plataforma de carga e o carregamento dos elevadores.

A organisação das guarnições varia com o motor empregado no serviço (hydraulic ou braço).

3. O serviço normal deve ser a motor hydraulic; o serviço a braço deve ser excepcional, por isso que é um serviço de reserva.

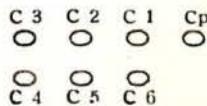
4. *Composição das guarnições no serviço a motor hydraulic.*

Guarnição de um canhão	1 chefe de peça (Cp.)	— 2.º sargento.
	1 atirador (C 1)	— cabo.
	1 apontador em altura (C 2)	— soldado.
	1 machinista do elevador e do soquete (C 3)	— soldado.
	2 carregadores (C 4, C 5)	— soldados.
	1 recolhedor de estojo (C 6)	— soldado.

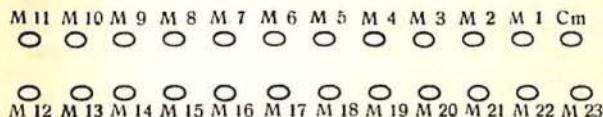
Guarnições dos paixões

1 chefe dos paixões (Cm) — 3º sargento.  
 1 paixoleiro e preparador de projectis (M 1) — cabo.  
 1 preparador de projectis (M 2) — soldado.  
 3 preparadores de cartuchos (M 3, M 4, M 5) — soldados.  
 4 transportadores de projectil (M 6 e M 7, M 12 e M 13) — soldados.  
 4 transportadores de cartucho principal (M 8 e M 9, M 14 e M 15) — soldados.  
 4 transportadores de cartucho complementar (M 10 e M 11, M 16 e M 17) — soldados.  
 2 guarda-chaves (M 18 e M 19) — soldados.  
 2 carregadores do elevador da direita (M 20, M 21) — soldados.  
 2 carregadores do elevador da esquerda (M 22, M 23) — soldados.

Essas guarnições tomam as seguintes disposições nas formaturas:



Guarnição de um canhão



Guarnição dos paixões

### 5. Composição das guarnições no serviço a braço.

As guarnições dos canhões se dividem em duas secções:

1.ª Secção, secção da camara de bateria.  
 2.ª Secção, secção elevadora ou secção da camara intermediaria.

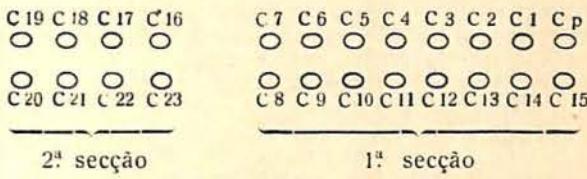
E' a seguinte a composição das guarnições:

1.ª secção ou secção da camara de bateria	1 chefe de peça (Cp) — 2.º sargento.
	1 atirador (C 1) — cabo.
2.ª secção ou secção elevadora	4 apontadores em altura (C 2, C 3, C 4, C 5) — soldados.
	6 apontadores em direcção (C 6, C 7, C 8, C 9, C 10, C 11) — soldados.
1.ª secção ou secção da camara de bateria	3 carregadores (C 12, C 13, C 14) — soldados.
	1 recolhedor de estojo (C 15) — soldado.
2.ª secção ou secção elevadora	1 chefe dos elevadores de munição (C 16) — cabo.
	4 elevadores de projectil (C 17, C 18, C 19, C 20) — soldados.
1.ª secção ou secção da camara de bateria	3 elevadores de cartuchos (C 21, C 22, C 23) — soldados.

Guarnição de um canhão

Guarnição dos paixões	1 chefe de paixões (Cm) — 3.º sargento.
	1 paixoleiro e preparador de projectil (M 1) — cabo.
1.ª secção	1 preparador de projectil (M 2) — soldado.
	3 preparadores de cartuchos (M 3, M 4, M 5) — soldados.
2.ª secção	2 transportadores de projectil (M 6, M 7) — soldados.
	2 transportadores de cartuchos (M 8, M 9) — soldados.

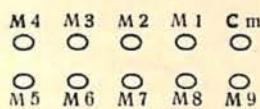
A disposição nas formaturas é a seguinte:



2.ª secção

1.ª secção

Guarnição de um canhão



Guarnição dos paixões

6. Os Cp e o Cm dirigem nas formaturas as respectivas guarnições e são, perante o comandante da cupula, os responsaveis pela bôa execução dos serviços affectos ao seu pessoal.

A guarnição da direita e a dos paixões formam no poço da cupula, em torno da plataforma de carga, esta á esquerda daquella; a guarnição da esquerda forma na galeria que communica o portão do Forte com o poço da cupula, apoian-do o flanco direito na escada de pedra que dá acesso á galeria anular da cupula.

### DOS COMANDOS

7. Os commandos são feitos por vozes, por apitos e por gestos. Os commandos por vozes e apitos são os geraes, que partem do comandante ou de um dos seus dous auxiliares; os commandos por gestos são particulares e partem dos Cp e Cm e são por elles conven-cionados.

8. Deve a instrucção do pessoal começar pelo commando por vozes, só passando ao commando por apitos quando já estiver o pessoal familiarizado com o serviço. Assim, são estas instrucções organisadas para o commando a vozes, encontrando-se no final um codigo para o commando por apitos.

9. Formadas as guarnições nos seus respetivos lugares, o comandante da cupula dá a voz

### Nomear postos!

a que, em cada guarnição, os Cp, C 16 e Cm dão um passo obliquo á esquerda, voltando a frente para as suas secções e guarnição, e tantos passos á direita quantos os necessarios para attingir ao centro das unidades, e ali simultaneamente nomeiam, na 1.ª fileira, da direita para a esquerda e na 2.ª, da esquerda para a direita, de accôrdo com as disposições apresentadas nas figuras acima.

Nomeados os postos, os Cp, C 16 e Cm retomam os seus lugares na formatura.

E' conveniente que os Cp e Cm verifiquem os postos nas suas guarnições, indagando de cada servente o seu numero.

*Guarnecer! Marche!*

10. A' primeira voz, as guarnições, sob o commando de seus chefes, fazem *direita-volver*, e á segunda vão em acelerado ocupar os seus lugares na cupula e no paiol.

A guarnição da esquerda galga a escada de pedra que leva á galeria anular da cupula, penetrando nesta pela porta da esquerda, ficando na camara de bateria a 1.<sup>a</sup> secção e descendo a 2.<sup>a</sup> secção, pela escada lateral esquerda, para a plataforma intermediaria.

Simultaneamente, a guarnição da direita galga a escada de ferro que dá acesso directo á plataforma intermediaria, onde se conserva a 2.<sup>a</sup> secção, subindo a 1.<sup>a</sup> pela escada lateral direita para a camara de bateria.

A guarnição dos paioes se dirige para o paioel em que se fôr encetar o trabalho.

Chegadas as guarnições aos seus lugares, os serventes tomam immediatamente os seus postos, do modo abaixo discriminado.

11. *Postos no serviço a motor hidráulico:*

C 1 — na altura da cunha de fechamento, voltado para a chapa testa.

C 2 — no prato de pontaria em altura, perfilado pelo C 1.

C 3 — nas alavancas do elevador e soquete, voltado para a culatra do canhão.

C 4 e C 5 — na altura da caixa do elevador, na parte central da cupula, o C 4 perfilado pelo C 3 e o C 5 na frente do C 4, coberto por este.

C 6 — na galeria anular, na calha de vazão dos estojos.

O Cp não tem lugar fixado devendo inspecção nar todo o serviço da sua peça.

M 1 e M 2 — no paioel de projectis, junto ao estrado de munição.

M 3 e M 4 — no paioel de cartuchos, junto ao estrado de munição.

M 5 — no mesmo paioel, junto á mesa de munição.

M 6 e M 7, M 12 e M 13 — nos carrinhos aereos transportadores de projectil; os dois primeiros em um e os dois ultimos em outro.

M 8 e M 9, M 14 e M 15 — nos carrinhos aereos transportadores de cartucho complementar, dois em cada um.

M 10 e M 11, M 16 e M 17 — nos carrinhos aereos transportadores de cartucho principal, dois em cada um.

M 18 e M 19 — nas chaves das linhas aereas, o M 18 na linha de saída e o M 19 na linha de entrada.

M 20 e M 21, M 22 e M 23 — nos elevadores, os dois primeiros no elevador da direita e os dois ultimos no da esquerda.

O Cm inspeciona o andamento dos serviços, devendo não se afastar muito da plataforma da carga afim de poder ouvir os commandos e fazer assim subir o projectil ordenado.

12. *Postos dos serventes no serviço á braço.*

C 1 — na altura da cunha de fechamento, voltado para a chapa testa.

C 2, C 3, C 4, C 5 — na manivela de pontaria em altura, o C 3 e o C 4 no lado anterior e o C 2 e C 5 no lado posterior,

ficando o C 2 proximo ao arco de pontaria para effectuar o registro dos commandos e dirigir a manobra da manivela.

C 6 e C 7 — na manivela central de pontaria em direcção, o C 6 na parte anterior e o C 7 na parte posterior.

C 8, C 9, C 10, C 11 — na manivela externa de pontaria em direcção, os dois primeiros na parte anterior e os dois ultimos na parte posterior da manivela.

C 12, C 13 e C 14 — na altura da caixa do elevador, na parte central da cupula, voltados para o canhão, o C 12 cobrindo o C 13 e este o C 14.

C 15 — na galeria anular, na calha de vazão dos estojos.

C 16 — na plataforma intermediaria, entre a caixa do elevador de munição e a escada de ferro que dá acesso a essa plataforma.

C 17, C 18, C 19 e C 20 — na manivela de elevação de projectil, os dois primeiros do lado da caixa do elevador e os outros do lado da escada que dá acesso á plataforma intermediaria.

C 21, C 22 e C 23 — na manivela de elevação dos cartuchos, o primeiro do lado da culatra dentada da cupula e os outros na parte do centro.

Cp — como no serviço a motor hidráulico.

M 1 e M 2 — no paioel de projectis, no estrado de munição.

M 3, M 4 e M 5 — no paioel de cartuchos, os dois primeiros no estrado e o ultimo na mesa de munição.

M 6 e M 7 — nos carrinhos de mão transportadores de projectil.

M 8 e M 9 — nos carrinhos de mão transportadores de cartuchos.

Cm — como no serviço a motor hidráulico.

13. Distribuidos os serventes pelos seus postos, o commandante dá a voz de

*Verificar!*

a que os Cp, C 16 e Cm inspecionam a boa distribuição dos serventes, cada servente examina a parte da palamenta que lhe está afecta e communica ao seu chefe qualquer alteração encontrada. Quando o serviço fôr a motor, o C 2 faz, agindo no respectivo volante, a ligação do canhão para este serviço e o C 1 faz o mesmo em relação ao movimento da cupula. Quando fôr a braço o serviço, essas ligações serão feitas respectivamente pelo C 2 e C 6; o C 7 arma a manivela de pontaria em direcção e os C 12, C 13 e C 14 collecam os soquetes do projectil e do cartucho em posição de manobra, introduzindo-os no alojamento do soquete telescópico. No serviço a braço, ainda o C 16, auxiliado pelo C 20, abre o alçapão da plataforma intermediaria que dá passagem aos cabos dos sarrilhos de elevação e faz descer estes até a plataforma de carga e no paioel os M 6 e M 7, M 8 e M 9 levam os carrinhos de mão com as calhas para os respectivos paioes, collocando estas nos lugares proprios das mesas de munição e os carrinhos ao lado das mesas, ficando sob a linha aerea lateral do paioel.

*Direita (esquerda, cupula) Em ação!*

*Granada de perfuração! (explosiva)*

14. Esta voz é dada quando se quer fazer ti-

ro rapido com uma mesma especie de projectil. O Cp da direita (esquerda, ambos) faz carregar o seu canhão e depois do disparo, ordenado pelo commandante, faz seguir um novo carregamento sem esperar commando algum, seguindo-se ao novo disparo novo carregamento e assim successivamente até a voz de *cessar fogo!* ou o apito de *alto!*

15. Quando se quizer fazer o carregamento sob commando, o commandante dá a voz ou o apito de

*Direita (esquerda, cupula) carregar!*

*Granada de perfuração (explosiva)!*

Nesta caso, carregado o canhão e feito o disparo, o Cp só sob commando fará executar novo carregamento.

16. No caso *Em acção*, o Cp da direita (esquerda, ambos) diz, para a plataforma intermediaria, pelo porta-voz do projectil, — *direita (esquerda) em acção — granada de perfuração (explosiva)*, o que será transmittido ao Cm pelo C 16 (serviço a braço). No caso de *carregar* sob commando, a transmissão se effectua de modo identico, mas a voz do Cp será apenas *direita (esquerda) granada de perfuração (explosiva)*. Todas as ordens para o Cm são transmittidas, no serviço a braço, por intermedio do C 16.

O commando por apito simplifica muito o serviço, dispensando as vozes do Cp, pois os apitos são ouvidos nas plataformas intermediaria e de carga.

17. As guarnições devem ter seus serventes designados de antemão para, no caso de alarme, entrarem em forma ocupando cada um o seu lugar nas casamatas. Formadas assim as guarnições, o commandante da cupula dá a voz de

*Em acção!*

a que as guarnições vão em acelerado para os seus postos na cupula, effectuando tudo o que se acha prescripto nos commandos de *guarnecer, marche e verificar* e levando os C 2, C 3, C 4 e C 5 (C 2 no serviço a motor hidráulico) os canhões á posição de carga. O commandante nada mais tem, então, do que indicar o projectil.

Em todos os seus movimentos, os artilheiros devem agir com a maior calma e atenção, fazendo o serviço sem atropelos, pois só assim se conseguirá a disciplina indispensavel á efficiencia das guarnições. O C 1 deve ter cuidado especial com a cunha, só abrila por ordem superior e, na occasião do corregamento, só fechala ao signal do Cp.

19. Recomenda-se a maior precaução aos homens que manejam com a munição, devendo-se, no serviço a braço, escolher para C 12, C 13, C 14, C 17, C 18, C 19 e C 20 homens robustos, calmos e corajosos, devendo possuir estas duas ultimas qualidades em grande dose o homem escolhido para, no serviço a motor hidráulico, desempenhar as funções do C 3, de grande responsabilidade.

(Continua)

Capitão Francisco José Pinto.

## Formação das reservas do Serviço de Saúde

Na organisação de um Exercito, um problema que não deve ficar estranho ao espirito do administrador é o da formação das reservas do serviço de saúde.

Preocupado com a organisação do serviço de saúde em campanha tenho desdobrado minha actividade em prol dessa obra e enquanto não me faltarem as forças para proseguir no meu trabalho prometto não me afastar da trilha que me tracei; e não hei de abandonala porque quero levar commigo a consolação de que trabalhei com quantas forças pude para ver o Exercito de minha Pátria dotado de um serviço de saúde que esteja em condições de oferecer aos que combatem na linha de fogo os recursos necessarios ao seu restabelecimento, uma vez feridos; e com isto supponho fazer obra de patriotismo, procurando alcançar meios com que manter levantada a moral da tropa pela certeza que deve trazer consigo de que ha poucos passos atraç de si existe uma organisação sanitaria perfeitamente apparelhada, prompta a prestar-lhe o socorro de que, porventura, tenha necessidade; e penso fazer obra de economia de homens indicando recursos com que fechar com presteza os claros que eventualmente forem se abrindo na linha de fogo.

As immensas perdas soffridas pelas formações sanitarias, na grande conflagração europea que afinal avassalou o mundo inteiro, perdas que, segundo uma das revistas que de lá vieram, só foram inferiores ás da infantaria, induzem-me, a exemplo do que se faz nas armas, a pensar agora na organisação das reservas do serviço de saúde, reservas estas que devem ser cuidadas e regulamentadas desde o tempo de paz.

Na organisação destas reservas encaro primariamente os medicos e os padioleiros que são dos serviços auxiliares os primeiros que tomam parte na acção.

Para termos medicos reservistas devemos antes de tudo pôr a medida a coberto de qualquer fracasso, estatuidno desde logo que só terão ingresso em qualquer ramo do serviço publico os profissionaes que sejam reservistas do Exercito, quer como medicos quer como combatentes, e assim teremos uma classe de profissionaes que asseguram á nação quando ella se achar em perigo duas especies de serviço igualmente utiles; porque aquelle que não desejar ir como medico poderá fazel-o como combatente, dois aspectos pelos quaes os mesmos profissionaes poderão se apresentar ao serviço da nação num sentimento de verdadeiro cumprimento do dever.

Temos, não ha duvida, muitos medicos alisados nas linhas de tiro e creio mesmo que muitos delles prefiram partir para a guerra como soldados a seguirem como medicos; mas tambem não é menos verdade que outros ahi se acham porque as leis do Paiz ainda não lhes offerecem outro meio de se instruirem militarmente senão como combatentes, e era tão natural que se procurasse aproveitar as predileções de cada um, mórmente agora que está provado que os medicos não sendo considerados combatentes soffrem com elles as mesmas privações, as mesmas commoções, os mesmos contratempos; correm com elles os mesmos riscos e com elles, afinal, irimamente são despedaçados pelas mesmas metralhas.

Para que sejam considerados medicos-reservistas torna-se necessário que se alistem na Seção de Saúde (\*) de um batalhão ou em uma Companhia de Saúde com efectivo de instrução e ahi pratiquem pelo prazo de dois annos, findo o qual e depois do ultimo periodo de manobras e ainda conforme o aproveitamento, lhe sera outorgada a entrada para a reserva da 1ª linha.

Para tornar effectiva esta instrução o Ministério da Guerra entrará em concerto com os outros Ministerios afim de que a medida abranja todos os departamentos da administração publica.

São condições para o alistamento:

- a) que o candidato seja cidadão brasileiro;
- b) que seja diplomado por uma das Faculdades de Medicina do Paiz;
- c) que tenha uma idade mínima de 18 annos;
- d) que esteja no goso de seus direitos civis e políticos;
- e) que possua resistencia organica.

Aos medicos que não pretendem empregos publicos, mas que desejarem ser reservistas, poderá o Ministro da Guerra permittir mediante requerimento do interessado que obtenha a sua entrada para a referida reserva desde que se submettam ás mesmas provas e ás mesmas condições.

As funcções do serviço de saúde em campanha são varias; torna-se, por isso, necessário para que os medicos reservistas saibam a função que lhes compete na guerra a sua distribuição de acordo com os escalões geralmente adoptados por todos os exercitos.

Esta distribuição, porém, tem de obedecer ao indice de resistencias individuaes porque a cada escalão pertence uma especie de serviço que

se torna mais exhaustivo á medida que nos approximamos da linha de fogo.

As resistencias individuaes são aferidas praticamente pela idade se bem que nem sempre isto seja um elemento de ordem scientifica que offereça segurança, tanto é certo que outros factores collaboram na ruina do organismo.

E referindo-me a isto descumbo naturalmente para um terreno em que não desejaria entrar nunca e não é senão muito a medo que me aventure a tal commettimento.

Admittida, porém, a noção de que todos podemos entrar na lide com maior ou menor parcela de contingente para o levantamento do grande edifício commun, vá que o mais obscuro dos obreiros seja o do Corpo de Saúde.

Na distribuição dos reservistas pelos diferentes escalões do serviço de saúde em campanha ocorre-me examinar as resistencias physicas de cada um pela sua idade, o que constitue na primeira linha base para a reforma compulsoria dos officiaes do Exercito.

Este assumpto preocupa todos os espiritos que se interessam pelo rejuvenescimento dos quadros e consequente efficiencia da defesa nacional.

A relação de robustez physica com a idade, porém, depende do estudo das funcções de cada posto no Exercito, porque é do conhecimento dellas que pudemos ter a noção da resistencia que cada homem pode offerecer nos diversos postos, ao exercicio de suas funcções, resistencia que deve ser ditada por intermedio das leis da biologia.

Ao engenheiro biologista compete a determinação destes limites baseados em elementos de ordem scientifica.

E' commun doutrina em medicina que o homem tem a idade de suas arterias.

Varias são as causas que collaboram no progresso da idade das arterias; formam dois grupos: o primeiro, das causas que são da vontade do individuo e são elles principalmente o alcoolismo (\*\*) e a syphilis quando adquirida; o segundo, das causas que independem de sua vontade e são a syphilis hereditaria, as commoções, as auto-intoxicações, as mudanças de habito, as modificações do regimen, as intempéries, e as infinitas peripecias da vida em campanha, em que os surtos de aborrecimento, de nostalgia se

(\*\*) Por alcoolismo não se entenda o habito da embriaguez que é felizmente rara entre os officiaes; referindo-me ao alcoolismo, falo do habito que toda a gente tem de ingerir uma certa dose de vinho ou cerveja ás refeições, ou de tomar licor ou vinho do Porto para refrescar ou esquentar conforme faz calor ou frio; este é que é o pior dos alcoolismos; é o que constitue o alcoolismo crônico. A embriaguez, alcoolismo agudo, quando não é habitual nenhuma influencia exerce sobre o organismo a não ser a que resulta da lembrança mais ou menos comica da carraspanha.

(\*) Ha tanto tempo que clamo pela organização das Secções de Saúde dos batalhões e todavia isto ain'ta constitue um sonho que nos momentos de illusões continúo a ter com a Pátria.—Mantenho, porém, firme a esperança de que havemos de ter algum ministro que ha de ligar o seu nome a esta obra de benemerencia.

annos de *pre-velhice*; isto quer dizer que elle se apresentará ainda como 1.º tenente, posto em que os seus serviços deveriam ser aproveitados no Posto de Soccorro; e não é justo nem equitativo que se colloque um homem destes nesta Formação Sanitaria onde o peso dos annos não lhe dará a levesa necessaria ás agruras desse serviço; mas este mesmo profissional prestará reaes serviços em um hospital divisionario.

Estabeleça-se, pois, um criterio de promoções para os reservistas de modo que, a medida que sua edade fôr avançando elle possa tambem ir galgando os diferentes postos da hierarchia militar na reserva e assim, quando tiver de ser chamado ao serviço, sua graduação esteja de acordo com a sua edade e consequentemente com a função que elle tem de desempenhar na guerra.

Instituamos, por exemplo, que todos os medicos reservistas que desejarem ser promovidos voltem a fazer uma manobra com uma Divisão de Exercito ou apresentem um trabalho sobre serviço de saúde em campanha julgado aproveitavel.

Tomadas estas providencias e organizadas as Formações sanitarias para ministrar a instrução em tempo de paz, o que constitue a escola de medicos candidatos á reserva e o nucleo de instrução para a reserva de padioleiros, ficariam a coberto de qualquer falta que na refrega pudessemos ter, porque teríamos uma numerosa reserva de medicos militarizados, conhcedores do serviço, e de padioleiros instruidos para prover as necessidades sanitarias do Exercito em Campanha.

Cap. medico A. Cerqueira.

## Pompeu Cavalcanti

Por haver sido distinguido com um cargo no gabinete do Exmo. Snr. Ministro da Guerra, deixou de pertencer á redacção desta revista, desde 19-9-19, o Snr. capitão José Pompéo de Albuquerque Cavalcanti.

E' dos fundadores da revista um dos que mais merecem a designação de *mantenedor*, pois effectivamente nos seis annos de existencia, de luta e de victorias, deste orgão lhe assistiu sempre com invariavel ardor, inabalavel segurança de objectivos, confiança no exito e, principalmente, exemplos de dedicação — cooperação esta inestimavel, pela qual lhe são particularmente reconhecidos os companheiros de redacção.

Foi redactor efectivo de Julho á Dezembro de 1915 e novamente desde Dezembro de 1917 até agora.

Durante esses trinta meses exerceu, como contrapeso nada invejável, o penoso cargo de thesoureiro, no qual incide talvez a maior parte do trabalho, sempre crescente, dispendido pelos directores da revista em favor de seus consocios, que taes são os assignantes todos.

Na redacção ou fóra d'ella, Pompeo Cavalcanti collaborou sempre nas paginas da revista, desde seus primeiros numeros, ora com sua assignatura, de preferencia em estudos de sua arma, ora em editoriaes e artigos de noticiario, commentando certos habitos e actos do nosso meio ainda rebelde á boa critica, sempre traçados com firmeza da penna, delicadeza de linguagem e inatacavel elevação de vistas.

Desejamos que em seu novo posto encontre nosso precioso e prezado amigo como applicar suas altas capacidades de soldado e cidadão, recto, criterioso e patriota, collaborando na medida de seu nobre e grande desejo para a realização do possivel progresso, rumo á defesa nacional.

Klinger.

## Escola Militar

Muito tem dado que falar ultimamente a situação deste instituto de preparação dos nossos officiaes e o observador que philosophar sobre o caso, librando suas vistas acima dos feios detalhes postas a nû, concluirá satisfeito: a escola encontra-se num momento de agitação intima, resultado do abalo que o organismo sofre em evidente surto para o melhor.

D'ahi a indisciplina de alumnos, professores e instructores, dahi a fraquesa do commando, negaceando em applicar fielmente o regulamento, tornando-se tambem indisciplinado. A recente substituição do commando, a que parece haver presidido especial cuidado em buscar *the right man* para o momento, denuncia que o governo participa do interesse felizmente generalizado pelo recrutamento de nosso officialato.

E' velha convicção nossa — e a julgar pelos factos que estão no domínio publico, a pratica nos deu razão — de que é preciso instituir um commandante do corpo de alumnos.

Não se supponha, porém, que nos encanta a magia de uma formula, e que esperamos salvação de um schema. O que nos encanta, nos deslumbra, nos arrebata é a ordem, é a applicação é a justiça, e estas só se encontram no respeito aos regulamentos, nunca e nunca em unctuosas interpretações, ilicitas benevolencias ou buscadas omissões.

Para isto, para secundar a manutenção da ordem escolar, é que é de inestimável valia um commandante de corpo de alumnos, com as respectivas atribuições bem definidas — e bem cumpridas.